JOSÉ

E O EVANGELHO

LENDO UMA HISTÓRIA ANTIGA DE UM JEITO NOVO



VODDIE BAUCHAM JR.

José

lendo uma história antiga de um jeito novo

Voddie Bouchom Jr.

Traduzido por Josaías Ribeiro Jr.

Aqui está uma interpretação acessível da vida de José conforme a narração em Gênesis — uma abordagem que interpreta a narrativa no pano de fundo de Gênesis e na estrutura de toda a Bíblia. Ela evita o mero moralismo, mas não ignora a moralidade implícita na história; evita encontrar Jesus escondido em cada versículo em um apelo sincero, mas distorcido e descontrolado, à tipologia, mas mostra como a narrativa prepara o caminho para Jesus. De muitas maneiras, esses capítulos promovem uma interpretação bíblica

paciente, fiel e tranquila, enquanto conduz o leitor ao evangelho."

D. A. Carson, professor-pesquisador do Novo Testamento,
Trinity Evangelical Divinity School

"Voddie Baucham desfere um golpe nas obras dos autores e pregadores que veem nas narrativas bíblicas pouco mais que lições morais e espirituais desconexas, diretamente aplicadas a nós com engenhosidade. Ao identificar as dimensões teológicas vitais que unem toda a história de José em Gênesis, ele nos guia para a importância cristológica desse relato muito querido — e muito mal aplicado — dos filhos de Jacó."

Graeme Goldsworthy, ex-professor de Antigo Testamento, Teologia Bíblica e Hermenêutica
Moore Theological College

"Jesus fez uma declaração assombrosa a seus seguidores nos últimos dias. Em essência, ele disse consistir no assunto de todas as histórias, leis e profecias do Antigo Testamento. Seguindo os passos de nosso Intérprete infalível, Voddie Baucham pegou a batida história de José e desenhou um retrato do nosso Salvador através dela com consistência. Com seu cuidado meticuloso, afeições calorosas e profunda perspicácia teológica, o livro apresentará a história do filho de Jacó, José, e também a história mais importante do Salvador de José, o Senhor Jesus. Gosto da ideia de usar o livro em uma turma de escola bíblica ou em devocionais pessoais ou familiares. Sério: compre-o."

Elyse M. Fitzpatrick, conselheira, palestrante e autora de *ídolos do Coração*

"Você pode ter ouvido a história muitas vezes, mas talvez não como ouvirá neste livro. Voddie Baucham apresenta as brilhantes cores do evangelho com riqueza sem igual."

Michael Horton, professor da Cadeira J. Gresham Machen de Teologia Sistemática e Apologética, Westminster Seminary Califórnia; autor, *Doutrinas da Fé Cristã*

"A ênfase de Voddie na história da redenção vista na vida de José ajuda a tirar nossos olhos do foco em José e nos acontecimentos de sua vida desconectados da realidade maior — o evangelho apresentado por meio de sua vida."

Sherrill Lanier, conselheira de Ministério Feminino para Educação e Publicações Cristãs, Presbyterian Church in America

"A história de José é uma das mais intrigantes e instrutivas de todo o Antigo Testamento. Engano, traição, privação e injustiça, bem como misericórdia, perdão,
providência e amor são todos proeminentemente apresentados na narrativa. Contudo, o evangelho de Jesus Cristo suporta, permeia e guia os acontecimentos da vida de José. Com cuidadosa exegese, precisão teológica e sensibilidade pastoral, Baucham explica a história de José com uma vivacidade que enfatiza a gloriosa graça de Deus no evangelho."

Thomas Ascol, pastor sênior da Grace Baptist Church (Cape Coral, Florida); diretor-executivo de Founders Ministries

Publicado originalmente em inglês por Crossway como *Joseph and the Gospel of Many Colors: Reading an Old Story in a New Way.* Copyright® 2013 por Voddie Baucham Jr.. Traduzido e publicado com permissão da Crossway, um ministério da Good News Publishers, Wheaton, IL 60187, EUA.

Copyright da tradução © Pilgrim Serviços e Aplicações LTDA., 2019.

Todas as citações bíblicas foram tiradas da Versão Almeida Século 21 (A 21), salvo indicação em contrário.

Os pontos de vista dessa obra são de responsabilidade dos autores e colaborados diretos, não refletindo necessariamente a posição da Pilgrim Serviços e Aplicações ou de sua equipe editorial.

Tradução: Josaías Ribeiro Jr.
Revisão: Rogério Portella
Edição: Guilherme Cordeiro Pires
Capa: Bárbara Lima Vasconcelos
Diagramação: Rosane Abel

PROIBIDA A REPRODUÇÃO POR QUAISQUER MEIOS, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE

Todos os direitos reservados a Pilgrim Serviços Aplicações LTDA.
Alameda Santos, 1000, Andar 10, Sala 102-A São Paulo —

SP — CEP: 01418-100 www.thepilgrim.com.br

SUMÁRIO

Introdução

1 - O Senhor da História
2 - Terra, Semente, Aliança
3 - Justaposição (Gênesis 37 - 38)
4 - Providência (Gênesis 39 - 40)
5 - Exaltação (Gênesis 41)
6 - Exame (Gênesis 42)
7 - Transformação (Gênesis 43-44)
8 - Revelação (Gênesis 45 - 46)
9 - Reencontro (Gênesis 47 - 48)
10 - Reconciliação (Gênesis 49 - 50)

Leitura Recomendada

INTRODUÇÃO

À primeira vista, este livro pode parecer incongruente com o que escrevi no passado. Eu lhe asseguro que não é. Ele está firmemente enraizado em duas ideias que sempre motivaram meu ministério e escritos. Primeira, o livro fundamenta-se na exposição bíblica. Como meus dois primeiros livros, *The Ever- Loving Truth* [A Verdade Sempre Amável] e *Família Guiada pela Fé,* este livro é uma exposição estendida de uma porção específica da Escritura. Nós servimos ao Deus que fala. Mais especificamente, Deus falou-nos por meio da Palavra. Não há esforço mais elevado para nós que amamos e servimos a Deus que conhecer e proclamar o que ele falou. E precisamente disso que *José* trata.

Outro aspecto do livro congruente com meus livros anteriores é que ele nasceu da sinergia entre a igreja e o lar. Se *Pastores da Família* era uma expansão prática de minhas obras anteriores, este livro é uma expansão ainda mais específica e prática de *Pastores da Família.* Aqui, respondo à pergunta: Como ensinar a Bíblia de maneira prática e significativa? A jornada que resultou nesta obra envolvia responder à pergunta na igreja e em casa.

VAMOS PREGAR GÊNESIS

Primeiro, os líderes da nossa igreja decidiram ensinar o livro de Gênesis do púlpito. Como pastor responsável pela pregação, era minha responsabilidade fazer uma análise e apresentar o panorama do livro, dividi-lo em segmentos de ensino e distribuir as passagens entre os presbíteros. Preparando-me para isso, li todo o livro de Gênesis de novo de uma só vez. Fiquei maravilhado com o quanto colhi só ao fazer isso. Eu estava acostumado com o livro; eu já o havia estudado, lido, citado, até memorizado. Entretanto, foi revelador ler um livro todo da Bíblia do começo ao fim.

Então, precisávamos dividir o livro. Aqui as coisas realmente começaram a desenvolver-se. Como Gênesis tem 50 capítulos, dedicaríamos muitos anos para ensiná-lo por inteiro ou o dividiríamos em segmentos maiores com algumas pausas. Escolhemos a última opção. Optamos por quatro seções: Gênesis 1—11 (criação/cosmologia/cosmovisão); Gênesis 12— 22 (a vida de Abraão); Gênesis 23—26 (Isaque e Jacó); Gênesis 37—50 (a vida de José e além).

Essa foi a primeira vez que examinei a vida de José com profundidade. Claro, eu conhecia, e gostava, do caráter de José. Entretanto, jamais lidara seriamente com outras questões em torno do herói bíblico. Quais os acontecimentos principais de sua história? Quem são os personagens principais? Qual é a mensagem principal? Essas e outras perguntas me levaram a perceber a verdade que se tornou a tese deste livro: a vida de José não trata realmente de José! Moisés revelou algo bem mais significativo nesta seção da narrativa de Gênesis.

Segundo, como dividimos o livro em quatro segmentos, planejamos revezar Gênesis com pregações dos livros do Novo Testamento. Isso levou a uma bênção inesperada. Enquanto pregávamos por longas porções do Novo Testamento (p. ex., o Sermão do Monte, 1 João e seções de Romanos), tornava-se mais e mais óbvio que: 1) Gênesis era de fato fundacional para teologia bíblica, teologia sistemática e cosmovisão/cosmologia cristã; e 2) Os autores do Novo Testamento tinham muito a oferecer em termos da interpretação de Gênesis.

Adão, Noé e Abraão são mencionados por todo o Novo Testamento e as menções são cruciais para entender a importância do livro de Gênesis e o que realmente importa em Gênesis. Percebi o irrisório número de referências a José

no Novo Testamento e encontrei-me pensando: "Como um personagem bíblico tão amado pode ter um papel tão pequeno aos olhos dos autores do Novo Testamento?" Evidentemente, os autores do Novo Testamento não deixaram algo passar, mas eu deixei? Eu era culpado de exaltar mais José e sua história do que a Bíblia deseja?

Por fim, em meio a tudo isso, decidi ensinar todo o Gênesis no culto doméstico da minha família. Toda noite, abríamos as páginas desse fascinante livro e caminhávamos passo a passo por ele todo. Levou vários meses e os resultados foram surpreendentes.

Essa foi a parte final da jornada que me ajudou a juntar todas as peças. Ali, sentado, diante dos meus filhos (de idades variadas: de um recém-nascido até outro no final da adolescência), eu precisava descobrir como apresentar a mensagem de Gênesis de maneira simples e profunda. Eu tinha de responder perguntas penetrantes de jovens adultos e satisfazer a curiosidade das criancinhas. Por que Adão comeu o fruto? Por que Noé ficou bêbado? Por que Abraão entregou sua esposa? Por que ele cometeu adultério? Por que Isaque amava um de seus filhos mais que o outro? E muito mais!

Não demorou muito para perceber que o livro de Gênesis não era apenas uma coletânea de estudos de personagens projetada para
preparar o caminho dos que buscam a santidade. Eu não podia apenas apontar para os personagens bons e dizer: "Sejam como ele" e para os maus e advertir: "Não sejam como ele." Todos eles eram falhos e precisavam desesperadamente de redenção — como meus filhos e eu, e como os membros da minha igreja e eu. E ali estava: eu não só sabia lidar com Gênesis no culto familiar, como sabia tratar dele de modo geral. Estudar o livro de Gênesis com

minha família foi a peça final que trouxe a vida de José ao enfoque claro. Eu sabia onde ele se encaixava na estrutura geral do livro de Gênesis. Sabia onde ele se encaixava no escopo da história da redenção. Sabia onde ele se encaixava no contexto da abordagem centrada no evangelho ao ensino e à pregação, na igreja e em casa.

Os meses seguintes estiveram repletos de momentos ricos e frutíferos no culto doméstico e no culto público da igreja. Minha família e eu nos apaixonamos pelo livro de Gênesis, como nossa igreja. Era como se alguém tivesse acendido as luzes e todos pudéssemos ver o que estivera lá o tempo todo.

Logo, comecei a ensinar sobre a vida de José em outros contextos. Vi o mesmo que assisti em casa acontecer lá fora. As pessoas viam José e o livro de Gênesis sob uma nova luz. Não por causa de alguma revelação especial ou "nova doutrina" surgida, mas por causa do que estivera ali o tempo todo. Depois de anos e anos de estudos moralistas sobre os personagens, as pessoas acharam uma abordagem centrada no evangelho para essa narrativa familiar: algo revigorante, libertador e persuasivo.

O QUE ESTE LIVRO NÃO É

Este não é um livro de sermões. Não compilei meus sermões sobre a vida de José e os editei em formato de livro. Na verdade, pela natureza do modelo de ensino da equipe de nossa igreja, não tive o privilégio de pregar todas as mensagens sobre José. Além disso, muito do que foi desenvolvido para o livro veio depois de nossa série sobre Gênesis estar completa.

Como qualquer pregador que pratica a exposição sistemática contará, a hora que você se sente mais preparado para começar a pregar um livro é quando você terminou de pregar

o último capítulo. Só então se consegue enxergar o panorama e a interconexão total do texto.

Este não é um comentário sobre Gênesis 37 —50. Meu objetivo aqui não era apresentar conceitos técnicos ou acadêmicos sobre essa parte da narrativa de Gênesis. Faltam-me a *expertise* e a inclinação para cumprir a tarefa. Não sou acadêmico do Antigo Testamento nem especialista em hebraico. Muitos comentários de qualidade foram escritos por homens bem mais qualificados que eu, e os recomendo a você (confira a seção de *Leitura Recomendada*).

Na verdade, você perceberá que nem mesmo incluí muitas notas de comentários ou outras fontes. Isso foi proposital. Meu objetivo não era apresentar os resultados de ter pesquisado montanhas de material. Quero que o leitor compreenda a importância da leitura cuidadosa do texto. Trata-se de observação. É algo que todos podemos e devemos fazer.

Este livro também não é uma alegoria da vida de José. Fala-se muito sobre pregação cristocêntrica e fico feliz de ver isso. Entretanto, a resposta de muitos círculos evangélicos é o ceticismo. Repetidas vezes encontro perguntas como: "Pregar Cristo em cada passagem significa alegorizar o texto?" E: "Vocês pregadores cristocêntricos não ignoram os aspectos gramático-históricos do texto?" Permita-me afirmar a legitimidade dessas preocupações. O cristocentrismo malfeito é tão ruim quanto o moralismo, se não pior, do mesmo modo que o antinomismo não é melhor que o legalismo.

O QUE ESTE LIVRO É

Meu objetivo neste livro não é encontrar Cristo em cada canto. Trata-se, contudo, de prestar atenção ao evangelho em cada canto. O único personagem digno de exaltação na

Escritura é Cristo. Qualquer coisa que vemos em outro personagem é digno de louvor apenas quando
reflete o caráter de Cristo. A Bíblia não é um livro de estudo de personagens; é um livro de redenção. José é um elo na cadeia da redenção. Portanto, ler e interpretar a vida de José da forma correta exaltará a obra divina da redenção. E minha esperança sincera que o livro faça precisamente isso.

O SENHOR DA HISTÓRIA

José é um dos personagens mais amados da Bíblia. Sua história parece uma série de TV. Ciúme, rivalidade entre irmãos, tentativa de assassinato, traição, sofrimento, desespero crescente, libertação aparente que não vem, tudo seguido de uma reviravolta dramática de acontecimentos e triunfante ascensão. E tudo isso antes de reencontro e restauração! Hollywood sonha em escrever histórias como essa.

Ironicamente, a natureza dramática da história de José, aliada ao nosso vício em arcos e enredos de personagens heroicos, torna difícil interpretar corretamente essa conhecida história. Nossa tendência é examinar a história isoladamente como se fosse uma das fábulas de Esopo com uma lição de moral no fim: "Deixem que te odeiem. Se você for fiel, acabará rico, poderoso e vitorioso". Entretanto, essa interpretação não só erra o alvo como perverte a própria mensagem da narrativa, em particular, e da Bíblia, em geral. José não é apenas um exemplo do que nos aguarda se formos "bons o bastante." Sua história, como cada história na Bíblia, é parte da narrativa da redenção mais ampla, projetada para nos levar a reconhecer a glória do nosso grande Deus.

A CARTA DE UMA JUDIA

Já contei essa história antes, mas ela merece ser repetida. Meu "momento eureca" em relação à pregação do evangelho a partir de toda a Escritura ocorreu sete anos atrás quando recebi uma carta de uma judia. Não foi um *e-mail,* uma mensagem de Facebook ou um tweet; foi uma carta, sabe? Essas coisas que as pessoas não têm mais tempo para escrever.

A mulher ouviu um sermão que preguei sobre uma passagem do Antigo Testamento e ficou absolutamente comovida; ela ficou tão comovida que sentiu a necessidade de me escrever uma carta. Enquanto eu a lia, pude notar que ela estava positivamente surpresa com o sermão. Como judia conservadora, ela amava a Bíblia e estava grata ao ouvi-la ser ensinada, mas nunca achou que poderia aprender tanto com uma mensagem pregada por um gentio.

Enquanto eu lia a carta, meus olhos se enchiam de lágrimas. Entretanto, essas lágrimas não eram de alegria porque o Senhor usara meu sermão na vida de uma judia. Pelo contrário, eram lágrimas de horror e vergonha! Enquanto lia as palavras delas, tudo que podia pensar eram as palavras de Paulo: "Nós pregamos Cristo crucificado, que é motivo de escândalo para os judeus e absurdo para os gentios. Mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus" (1 Coríntios 1.23,24). Então, por que minha mensagem não foi um escândalo para essa judia? Foi porque ela estava "sendo salva"? Não. Foi porque *eu não havia pregado Cristo!*

Eu pregara uma mensagem expositiva, versículo por versículo, de uma passagem do Antigo Testamento, mas não havia anunciado o evangelho. E isso não era incomum! Eu estava impregnado de uma tradição expositiva que, por estar tão preocupada com a exegese "histórico-gramatical" dos textos, se tornara "atomista" na execução. Sem querer fugir

do texto, eu me forçava a "cavar fundo" e servir as melhores e mais ricas porções que pudesse encontrar. Se a passagem era "evangelística", minha mensagem era evangelística. Se o texto era voltado ao "discipulado", então minha mensagem era assim. Se o texto tratava de assuntos práticos, eu não queria "espiritualiza-lo" e transformá-lo em outra coisa. Eu queria ser "fiel ao texto", não importando como.

O resultado foi moralismo sem Cristo: sermões que nem sequer alcançariam o coração de quem rejeitara Cristo a favor da lei, e que, ao contrário, o encorajava em seu erro horrível. E ali estava eu com a evidência em minhas mãos. Algo deveria mudar... Mas como? Eu teria de abandonar a exposição? Eu teria de evitar a narrativa do Antigo Testamento? O que eu deveria fazer?

A primeira coisa que eu tinha de fazer era encarar meu fracasso. Precisava ser honesto sobre o que estava fazendo e por quê.

O ATOLEIRO DO MORALISMO

Christian Smith identifica no livro *Soul Searching* [perscrutando a alma] a perspectiva teológica geral que afeta a vida religiosa dos jovens americanos como um "deísmo moralista terapêutico."[1] Essa ideia é caracterizada por cinco princípios centrais. Primeiro, há um Deus que criou o mundo. Segundo ele quer que sejamos bons (algo comum a todas as religiões). Terceiro, o alvo principal da vida é ser feliz e sentir-se bem sobre si mesmo. Quarto, Deus não precisa estar particularmente envolvido em nossa vida a não ser que precisemos de algo. Quinto, pessoas boas vão para o céu quando morrem.[2]

O rápido exame dessa lista revela não apenas que essa cosmovisão domina a vida espiritual dos adolescentes, mas que essa mentalidade é onipresente! Como consequência,

torna-se natural examinar a Bíblia como nada mais que um guia para a moralidade. Como pregador, pai, americano e cristão, luto contra a mesma tendência. Minha igreja está cheia de pecadores; prego moralidade. Meus filhos são desobedientes; preciso pregar moralidade. Os Estados Unidos estão indo para o inferno; a igreja não fez seu trabalho... pregar moralidade. Devo ser um cristão melhor; preciso ouvir alguém pregar sobre moralidade. Substituímos o famoso refrão dos Beatles: "Tudo o que você precisa é amor" por "Tudo o que você precisa é moralidade."

Como resultado, lemos a Bíblia em busca de direcionamentos morais. Além disso, ficamos acostumados com a pregação moralista — e até a desejamos. Isso, por sua vez, leva a reações positivas para pregadores e mestres que enfatizam o moralismo, o que, é claro, leva a mais pregações moralistas.

Se você conhece a história de José, provavelmente pensa sobre ela em categorias moralistas. Como consequência, vê a utilidade das passagens com a capacidade de motivar os crentes a serem melhores e mostra aos incrédulos os benefícios de servir a Deus. E, se você for como eu, raramente terá pensado, se é que o fez, sobre o significado histórico-redentivo/centrado no evangelho da narrativa. Ao contrário, você tende a se voltar, muitas vezes, para o caminho mais fácil.

A primeira razão da tendência de reverter para o moralismo é o fato de a lei de Deus ser "santa, e o mandamento, santo, justo e bom." (Romanos 7.12). Isso, entretanto, não significa que a forma como usamos a lei é sempre boa:

> Sabemos, porém, que a lei é boa, desde que usada de forma legítima, reconhecendo que não é feita para o justo, mas para transgressores e insubordinados, incrédulos e pecadores, ímpios e profanos, para os que matam pai e mãe e para

> homicidas, devassos, homossexuais, exploradores de homens, mentirosos, os que proferem falsos juramentos e para todo o que é contrário à sã doutrina, a qual está em harmonia com o que me foi confiado, a saber, o evangelho da glória do Deus bendito. (1 Tm 1.8-11).

Assim, quando usamos a lei como uma faca sem corte para revelar o pecado, estamos seguros. Entretanto, quando tentamos usá-la como um bisturi para circuncidar o coração, erramos o alvo.

A segunda tentação da confiança exagerada no moralismo é a prevalência do pecado. E, claro, o pecado *sempre* esteve presente. Entretanto, quando assistimos o noticiário diariamente, somos bombardeados com exemplos terríveis da desumanidade do homem com o homem. Vemos o retrato da degradação moral descrita em Romanos 1 com uma clareza de alta definição. E o amor à lei divina aliado ao bombardeamento da cultura pecaminosa à nossa volta, leva a reações moralistas: "Precisamos ter orações nas escolas," ou "Nada disso teria acontecido se os cristãos votassem como a Bíblia manda."

Não só ouvimos esse tipo de reação o tempo todo: nós mesmos as oferecemos. E como se nos cansássemos do evangelho. Soa muito redundante lembrar meus filhos da necessidade de Cristo; eles apenas precisam de: "Não faça isso!" Não temos tempo para compartilhar o evangelho com as pessoas à nossa volta. Entretanto, temos tempo de dizer: "Isso é errado." E muito mais fácil responder com outra regra que realizar uma cirurgia cardíaca com o evangelho. E, mais uma vez, a lei é boa! As pessoas *precisam* orar. Meus filhos precisam para de "fazer isso!" Entretanto, orar, evitar o pecado ou fazer o "bem" em si não são a resposta: "Todos nós somos como o impuro, e todas as nossas justiças, como

trapo da imundícia". (Is 64.6)

AS PESSOAS QUEREM O MORALISMO

Todos nós queremos regras absolutas. Queremos que alguém nos diga: "Isso é certo... Isso é errado." É claro. É simples. Exige pouco ou nenhum autoexame. Consequentemente, o legalista que reside em cada um de nós quer a lei! Assim, quem ensina a Bíblia (e nós temos a mesma tendência) recebe um tipo especial de reação das pessoas quando lhes damos o moralismo: "Essa pregação foi boa, pastor!" Na minha experiência, esse tipo de resposta quase sempre é seguido de uma declaração baseada em lei/regra/moralidade. E um tipo de reação "Boa, garoto! Você mostrou a que veio." E, sinceramente, você se sente bem!

Todos temos de nos guardar contra essa tendência. Enxergamos o mundo por meio de lentes calibradas para o legalismo. Vemos algo pecaminoso ou injusto, e sabemos de imediato que: 1) E errado; e 2) Algo deve ser feito no lugar. Isso não é errado em si mesmo; apenas não é o bastante. Claro, os irmãos de José erraram quando se encheram de ódio contra ele. Isso é indiscutível. Entretanto, precisamos que a história de José nos mostre isso? Certamente, há algo mais a ser contado.

Em última análise, tendemos ao moralismo por ser fácil. O moralismo, como observamos antes, é o caminho mais fácil. É o caminho para o qual estamos configurados e é preciso muito pouco esforço ou criatividade para segui-lo. E, para melhorar, você se sente muito bem. Todos nos sentimos melhor quando tiramos o cisco do olho alheio. Especialmente, quando ele não se parece nada com nossa trave. Em outras palavras, é fácil para mim pregar contra o assassinato do irmão e ou contra jogá-lo na cisterna para ser vendido como escravo quando nunca fiz algo parecido.

Muitos anos atrás, a Convenção Batista do Sul (EUA) aprovou uma resolução contra o consumo de álcool. A resolução dizia:

> RESOLVE-SE: Instamos que não seja eleito para servir como administrador ou membro de qualquer entidade ou comitê de nossa Convenção alguém que consuma bebidas alcoólicas.

Além da terrível construção da resolução (isto é, essa declaração tecnicamente exclui qualquer pessoa que coma frango ao molho marsala), ela tem zero apoio bíblico.[3] Entretanto, é muito fácil adotar essa resolução. A Convenção nunca teve um problema com bebida entre seu clero ou líderes denominacionais. Ela é composta, no geral, por um bando de abstêmios. Assim, absolutamente *coragem nenhuma* foi necessária para aprovar essa declaração.

Por outro lado, a Convenção considerou outra resolução no mesmo ano pedindo integridade no rol de membros da igreja. Essa resolução não foi aprovada. O que seria necessário? Apenas que as igrejas fossem honestas sobre quantos membros elas têm e retirassem dos registros os membros inativos e inexistentes que inflam seu número. Era muito mais fácil lidar com a bebida (o cisco) que com o falso testemunho (a trave), que caracteriza a grande maioria das igrejas da Convenção.

Eles não estão sozinhos nessa hipocrisia. Você e eu fazemos exatamente a mesma coisa toda vez que lemos a Bíblia! E o mais importante: demonstramos nossa hipocrisia de maneiras práticas todos os dias da vida. Procuramos ciscos em nossos filhos, colegas e amigos. E nossa hipocrisia infecta a forma como lemos a Bíblia, em geral, e a narrativa do Antigo Testamento, em particular.

UMA LEITURA MORALISTA DE JOSÉ

De acordo com a leitura moralista, Gênesis 37 trata do ciúme e da falta de educação dos filhos. Vemos as consequências do favoritismo de Jacó e amargura dos irmãos de José. A moral da história é: 1) Não tenha filhos favoritos; e 2) Não tenha ciúmes dos irmãos.

O capítulo 38 é um caso clássico de hipocrisia e imoralidade por parte de Judá. E, embora não pareça se encaixar na narrativa, a lição moral é clara: os adúlteros serão descobertos. Entretanto, a heroína da história também é uma adúltera, mas esse pequeno detalhe constrangedor é geralmente ignorado porque interfere com a lição moral óbvia.[4]

Isso nos conduz às porções da narrativa que são de longe as mais populares. No capítulo 39, José mostra-se fiel a Deus e a seu senhor, Potifar, quando ele faz a casa de Potifar prosperar e depois resiste aos avanços da esposa de seu superior. No capítulo 40, vemos José subir à proeminência de novo, agora na prisão! A moral de sempre aqui, como no capítulo anterior, diz respeito à fidelidade em circunstâncias difíceis. José torna-se um exemplo brilhante da forma como os crentes deveriam viver quando as coisas ficam difíceis.

O capítulo 41 é definitivamente o auge do desenvolvimento do personagem de José. Nesse capítulo, vemos a conhecida interpretação dos sonhos, o cumprimento da promessa feita pelo colega de cela e a expressão suprema do tema recorrente de ser exaltado sobre a vida de seus captores. Só que, dessa vez, quem colocou José no comando é o homem mais poderoso do mundo! José permaneceu fiel e Deus o recompensou.

Isso permanece um exemplo para todos que já foram difamados ou maltratados por pecadores. Aguente firme como José e você será recompensado no final. Além disso, se

você observar com atenção, encontrará muitos princípios de liderança que definem a vida de José e auxiliam em sua ascensão.

Os capítulos 42—44 nos oferecem um vislumbre da resposta adequada a esse poder e posição recém-descobertos. Li um sermão que explicava alguns tipos de "poderes" que vemos na vida de José. Há o poder situacional, psicológico, espiritual e muitos outros tipos. José é o retrato do poder nesses capítulos e há muito a ser aprendido com ele se quisermos exercer o poder com eficiência. Poderíamos prosseguir, mas acho que você já entendeu a ideia.

O QUE HÁ DE ERRADO COM TUDO ISSO?

Tudo que observamos sobre a narrativa de José é verdadeiro. E qualquer pessoa que ensine a história de forma compatível com o breve esboço que apresentei demonstraria fidelidade ao texto. José era fiel. Seus irmãos eram pecadores. Ele foi recompensado com posição, poder e proeminência. Tudo verdade! Entretanto, permita-me perguntar algo. O que separa essa leitura da história de qualquer outro conto moral? Mais importante, onde estão as boas novas? Somos lembrados continuamente da necessidade de sermos fiéis.
Mas onde está a esperança de que conseguiremos? Devemos apenas nos esforçar mais para que Deus nos recompense?

Além disso, você percebe a inclinação materialista? José foi fiel a seu pai e foi vendido com escravo. Ele foi fiel a seu senhor e foi enviado à prisão. Ele foi fiel na prisão e foi promovido ao segundo cargo em comando do faraó. Aqui está: fidelidade = prosperidade material, sucesso, fama etc. Como isso é diferente de uma história hindu, mulçumana, budista ou apenas secular e irreligiosa? É mesmo diferente das *Fábulas de Esopo?* Pelo fato de mencionar Deus como a fonte do sucesso? E só isso? *Dave haver algo mais!*

Descobrir esse algo mais envolve mudar a forma como lemos a Bíblia. Caso a leiamos como um livro de princípios, encontraremos precisamente isso. Entretanto, se lembramos de algumas chaves interpretativas, encontraremos muito mais.

Indicativos e imperativos

Uma das chaves hermenêuticas mais importantes que podemos usar para interpretar textos bíblicos é a distinção entre indicativos e imperativos. Tecnicamente, os termos referem- se ao "modo" dos verbos (i.e., modo indicativo e modo imperativo). O modo indicativo aponta para o que algo é, enquanto o modo imperativo aponta para o que algo faz.

Por exemplo: "Assim, meus amados, como sempre obedecestes, não somente na minha presença, porém muito mais agora na minha ausência, realizai a vossa salvação com temor e tremor" (Filipenses 2.12). Este é um imperativo clássico. "Realizai" é um mandamento, um imperativo para o leitor. Entretanto, o próximo versículo está no modo indicativo: "porque é Deus quem produz em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (v. 13). Aqui, o texto não nos manda "fazer" alguma coisa. Somos apenas informados da realidade que possibilita a realização de algo.

Às vezes, encontramos livros inteiros divididos por essa distinção. Por exemplo, os três primeiros capítulos de Efésios são indicativos, mas os três últimos, iniciados pela cláusula "portanto", contêm imperativos *baseados nos indicativos na primeira metade.* Essa distinção é importante por dois motivos.

Primeiro, se confundirmos indicativos com imperativos, tentaremos trabalhar pelo que jamais poderemos cumprir. Um indicativo nos conta quem somos por causa do que Deus

fez. Buscar isso em e a partir de nós mesmos é uma forma de justificação por boas obras. Por exemplo, a declaração indicativa: "Os ímpios fogem sem que ninguém os persiga, mas os justos são ousados como o leão" (Provérbios 28.1) não é um convite para alguém se esforçar para tornar-se ousado. É uma declaração indicativa sobre o que Deus fez na vida do justo. Assim, não podemos nos tornar ousados, como não podemos tornar-nos justos!

Segundo, se confundirmos imperativos com indicativos, deixaremos de fazer o que deveríamos. Imperativos são mandamentos. Eles devem ser cumpridos. Quando lemos "Não furtarás" (Êxodo 20.15), tem-se um imperativo, um mandamento. É claro, os indicativos ainda são essenciais, pois eles motivam, capacitam e equipam-nos para cumprir os imperativos. Lembre-se: "Não há justo, nem um sequer. Não há quem entenda; não há quem busque a Deus" (Romanos 3.10,11). Assim, quando lemos imperativos que envolvem compreender, buscar ou tornar-nos justos, sabemos que há indicativos que primeiro devem acontecer.

Assim, como isso se aplica à narrativa de José? A narrativa de José está repleta de indicativos e imperativos? Se sim, como distinguimos os dois?

Tendemos a moralizar passagens narrativas por serem de natureza indicativa. A narrativa é uma história e histórias não conterão imperativos claros a não ser que o narrador intervenha. Pense sobre isso: quando você conta uma história de ninar para os filhos, os imperativos precisam ser explicitados. É preciso ir até o final (no caso da fábula) e apontar a moral da história.

Em outros momentos, procuramos imperativos na própria narrativa. Há algumas armadilhas aqui também. Às vezes, os imperativos da narrativa vêm do personagem imoral ou ímpio. Portanto, quando a rainha de *Alice no País das*

Maravilhas declara: "Cortem- lhe a cabeça!", temos conhecimento de não se tratar de um imperativo divino, e sim humano e falho. Em outros momentos, a pertinência de alguns imperativos pode não ser clara. Por exemplo, quando José diz aos irmãos: "Agora, não vos entristeçais, nem guardeis remorso por me terdes vendido para cá" (Gênesis 45.5), ele apresenta um imperativo geral para todos os que cometeram pecados hediondos contra os outros? Esse é um princípio moral para o momento ou para todo o tempo? Se não tivermos respostas para essas perguntas, como poderemos ter certeza de que lemos a história como Deus deseja?

Ao lermos a história de José, devemos guardar-nos da tendência de lê-la como fábula. A história de José não começa com: "Era uma vez..." Ela não é uma fábula! Se pudermos reconhecer isso, será de grande ajuda. Reconheceremos que temos, em grande parte, imposto nosso entendimento da natureza da narrativa nessa narrativa. Em alguns casos, isso nos leva a conclusões inconsistentes com a intenção do autor.

Como, então, interpretamos o significado teológico mais profundo por trás do texto? Há algum guia que pode nos dar uma pista? A resposta é sim. Deus nos deu o Novo Testamento!

O papel do Novo Testamento na interpretação do Antigo

A Bíblia não é uma coletânea desarticulada de histórias desconexas; ela é uma unidade. Portanto, ler e entender a Bíblia exige conhecimento, compromisso e compreensão do todo. Isso, claro, é uma tarefa para a vida toda.

Entretanto, há coisas que podemos fazer agora que nos colocarão no caminho certo.

Primeiro, os autores do Novo Testamento lidaram com a narrativa de José e nos podem ajudar a colocá-la em perspectiva. O caminho mais claro, seguro e instrutivo para entender o Antigo Testamento é confiar nos autores do Novo Testamento. Eles:

1. Estavam mais próximos dos acontecimentos que nós
2. Escreveram sob inspiração do Espírito Santo
3. Foram discípulos diretos do Filho de Deus que usou o Antigo Testamento para ensiná-los
4. Usaram o Antigo Testamento extensivamente para comunicar o evangelho dado a eles por Cristo
5. Eram, em muitos casos, judeus que cresceram com o texto do Antigo Testamento.

Tudo isso significa que precisamos examinar o Novo Testamento sempre que possível para encontrar nossa relação com o Antigo Testamento. No caso da narrativa de José, dois lugares principais (e dois autores do Novo Testamento) lidam com a história. Lucas nos dá um vislumbre da interpretação e proclamação adequada da vida de José no relato do sermão de Estêvão (At 7). O autor de Hebreus nos apresenta outro exemplo ao relatar a história de José entre a "galeria dos heróis da fé" de Hebreus 11. Nós examinaremos as duas passagens.

Mesmo quando os autores do Novo Testamento não tratam a história de José de modo direto, eles tratam das questões morais, teológicas e históricas presentes na narrativa. Os autores do Novo Testamento lidam com ciúmes, amargura, ódio, assassinato, perdão e reconciliação. Tudo isso e mais ajuda a decifrar a narrativa de José do começo ao fim. Assim, em vez de bater cabeça para descobrir o que "sentimos" ou "achamos" que Moisés tenta dizer, nossa inclinação primária deve ser interpretar os textos do Antigo Testamento à luz de

como foram aprofundados pelo Novo Testamento.

Cristo: a chave interpretativa do Antigo Testamento

Um princípio mais amplo e significativo de interpretar o Antigo Testamento encontra-se em Cristo. Ele é, de fato, a chave interpretativa do Antigo Testamento. Isso não é apenas conjectura ou opinião. Jesus ensina o mesmo com suas palavras em uma série de situações.

Em uma passagem (que normalmente passamos batido), Jesus diz aos fariseus: "Pois se crêsseis em Moisés, creríeis em mim; porque ele escreveu a meu respeito" (João 5.46). Pense sobre isso por um minuto. O que Moisés escreveu? Ele escreveu o Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia. Jesus diz que os cinco primeiros livros da Bíblia versam a respeito dele. Aliás, o primeiro desses cinco livros é Gênesis. Portanto, *Jesus ensinou que Gênesis era sobre ele.*

Jesus não foi o único a observar esse fato. Depois de ser chamado para seguir Jesus, "Filipe encontrou Natanael e disse-lhe: Achamos aquele de quem Moisés escreveu na Lei, sobre quem os profetas também escreveram: Jesus de Nazaré, filho de José"
(João 1.45). Filipe não só viu Cristo no Pentateuco, como também nos Profetas. Isso é confirmado em Atos 8, quando Filipe encontra o eunuco etíope enquanto ele lê Isaías: "Tomando a palavra, o eunuco disse a Filipe: Por favor, de quem o profeta está falando isso? De si mesmo ou de outro? Então Filipe passou a falar e, começando por essa passagem da Escritura, anunciou-lhe o evangelho de Jesus" (v. 34,35). Assim, Filipe pregou o evangelho de Jesus Cristo a partir de Isaías.

Em nenhum lugar essa ideia de que o Antigo Testamento aponta para Cristo é comunicada com mais clareza que no discurso do Senhor na estrada para Emaús:

> Então ele lhes disse: Ó tolos, que demorais a crer no coração em tudo que os profetas disseram! Acaso o Cristo não tinha de sofrer essas coisas e entrar na sua glória? E, começando por Moisés e todos os profetas, explicou-lhes o que constava a seu respeito em todas as Escrituras. (Lucas 24.25- 27).

Jesus deixa claro que: 1) O Antigo Testamento falava dele; e 2) Ele o fazia de maneira suficientemente clara para questionar os que não o percebiam. Além disso, depois de dizer isso, ele começa bem onde nos encontramos, "por Moisés", e prossegue para demonstrar como todo o Antigo Testamento aponta para si.

O QUE ISSO SIGNIFICA E O QUE NÃO SIGNIFICA

Isso não significa que a moralidade é irrelevante, uma das principais reclamações contra a abordagem redentivo-histórica da Escritura é que ela promove o antinomismo ou, pelo menos, enfatiza indicativos à custa dos imperativos. Em outras palavras, a pregação redentivo-histórica é considerada "mole em relação ao pecado" por não pressionar as pessoas à ação ou obediência, mas as manda apenas descansar na obra redentora de Cristo.

De fato, eu fui alvo de um protesto público após pregar uma mensagem sobre a vida de José em uma proeminente igreja no Sul dos EUA. Essa igreja em particular é conhecida pela pregação moralista inflamada, e por essa razão eu escolhi meu texto para aquele dia. Na maior parte do tempo, a recepção da mensagem foi fenomenal. O rebanho de Cristo realmente ouve sua voz (João 10.27) e o povo de Deus está faminto pelo evangelho, em especial quando estão mergulhados no moralismo. Entretanto, isso também pode gerar suspeita.

O instigador principal do protesto escreveu-me um longo

e-mail com um excerto de uma palestra sobre os perigos da pregação redentivo-histórica. Ele me acusava de, entre outras coisas, deixar de celebrar a fidelidade de José diante das tribulações e, por consequência, não chamar o povo de Deus a perseverar. Ironicamente, quando respondi com vários exemplos concretos de onde o fiz, ele me disse que era tarde demais — o protesto público, na forma de manifestantes fora da igreja, já havia acontecido.

A interação ressaltou a principal preocupação de quem não está acostumado com a pregação redentivo-histórica, ou suspeita dela: a triste realidade de que os apetites das pessoas são tão afetados pelo moralismo que, quando ouvem outra coisa, entendem que não é certo.

Isso não significa que vamos encontrar Jesus em cada versículo. Outra objeção à abordagem redentivo-histórica da narrativa do Antigo Testamento é que ela inevitavelmente promove a alegorização do texto. De repente, cada parte da história faz referência a um aspecto de Cristo. A cisterna não pode ser apenas uma cisterna; ele deve significar um tipo da sepultura. A prisão não pode ser apenas uma prisão; precisa representar um tipo do inferno. E, é claro, sair da prisão e estar diante do faraó deve ser um tipo de ressurreição. As possibilidades são infinitas, e os perigos, milhares.

Entretanto, como veremos, isso não é tudo que se sugere aqui. A história de José deve ser lida e entendida no contexto imediato antes mesmo de podermos começar a colocá-la no contexto redentivo-histórico mais amplo. E, embora evidentemente haja tipos e sombras, o objetivo não é encontrá-los em toda parte, mas reconhecê-los quando a narrativa os deixa óbvios.

Isso significa *que lemos a história de José à luz de Cristo.* Ler a Bíblia é algo desafiador! Onde eu começo? Como sei o que acontece? Quanto do contexto preciso conhecer? Essas

são apenas algumas perguntas que paralisam muitos cristãos que sabem que deveriam ler a Bíblia, mas não conseguem dar a partida muito bem. Agora, acrescemos o que parece outra barreira entre o crente e a capacidade de ir às Escrituras com confiança. Entretanto, este não é o caso!

Longe de tornar a Bíblia mais difícil de ler e entender, a abordagem que adotaremos no livro foi planejada para tornar a Bíblia mais acessível. Adotamos o que já sabemos — a história da redenção de pecadores por meio da pessoa e obra de Cristo — e o usamos como um esquema pelo qual interpretamos toda a Escritura. Estamos desvendando o Antigo Testamento!

Com certeza, nossa tarefa exigirá algum trabalho. Entretanto, assim que entendermos que o Antigo Testamento trata de Cristo e de sua obra redentora, muitas confusões relativas à aplicação desaparecerão.

HÁ BOAS NOVAS?

"Pela fé, José, próximo do seu fim, fez menção da saída dos filhos de Israel do Egito e deu ordens relativas aos seus ossos" (Hebreus 11.22). E isso. E assim que o autor de Hebreus vê o cerne da narrativa de José. Nenhuma palavra sobre todas as coisas que enfatizamos muito em nossos esforços para aplicar o texto. Para o autor de Hebreus, a história de José é sobre fé — a fé o capacitou a ver além do Egito até o Êxodo.

As boas novas na história de José não são que ele foi "da cisterna para o palácio." Se fossem, então o palácio seria o fim da história. Do jeito que está, o palácio apenas nos leva até a metade do caminho. O palácio é uma boa notícia no sentido temporal, mas nada mais. Se fôssemos apenas um povo temporal, isso seria o bastante. Mas somos mais que isso. Somos feitos para a eternidade. E, a não ser que haja

algo na história que nos prepare, nos aproxime ou nos informes mais sobre isso, não há nenhuma boa nova.

Como Deus quer, *há* mais nessa história. Há boas novas. Há uma mensagem de redenção em sentido temporal e eterno. Há a história do povo de quem procederá o Salvador, por meio de quem virá a redenção. Essas, meu amigo, são as boas novas. E a história de José está repleta delas.

TERRA, SEMENTE, ALIANÇA

Parte da dificuldade de lidar com a história de José é que ela se encontra no que possivelmente é o livro mais substancial de toda a Bíblia. Gênesis não é apenas um livro longo; também é bastante denso. Ele prepara o terreno para nossa cosmologia (doutrina da criação), teologia (doutrina de Deus), antropologia (doutrina do homem), hamartiologia (doutrina do pecado), soteriologia (doutrina da salvação), cristologia (doutrina de Cristo), pneumatologia (doutrina do Espírito Santo) e escatologia (doutrina das últimas coisas). E isso apenas nos três primeiros capítulos!

Como, então, pegamos a história do personagem sem examinar o todo? Como podemos avaliar a história de José sem ver como ela se encaixa no quadro maior de quem o homem é, quem Deus é, o que o pecado é, o que a salvação é e quem Cristo é? Em resumo, não podemos entender José até que entendamos Gênesis. Esse é o principal motivo pelo qual entendemos José errado.

Vamos examinar, então, essa longa, densa, histórica, teológica e filosófica mina de ouro chamada Gênesis. Começaremos pelo exame da estrutura e das divisões do livro com o objetivo de colocar a vida de José no contexto histórico e teológico. Para fazê-lo, precisaremos seguir duas grandes correntes. Primeira, investigaremos as divisões óbvias que Moisés nos deu diretamente, então examinaremos

as não tão óbvias que, sem dúvida, ele esperava que discerníssemos.

TOLEDOT

A primeira e mais óbvia forma de dividir Gênesis é observar os 11 marcadores dados por Moisés, chamados *toledot. Toledot é* a palavra hebraica para *gerações, genealogia* ou *linhagem familiar.* A tradução em português normalmente é "estas são as gerações de." Essa
expressão ocorre 11 vezes em Gênesis (2.4; 5.1; 6.9; 10.1; 11.10, 27; 25.12, 19; 36.1, 9; 37.2), e serve para alertar o leitor sobre transições fundamentais. Como Ray Dillard e Tremper Longman observam em sua introdução ao Antigo Testamento: "O livro de Gênesis conta com um prólogo (1.1—2.3) seguido de dez episódios. A pessoa mencionada não necessariamente é o personagem principal, mas o ponto de partida da seção, que também encerra com sua morte."[5]

Os céus e a terra: toledot da criação (Gênesis 2.4)

A primeira seção *toledot* em Gênesis é diferente porque faz referência às gerações não de uma pessoa, mas dos céus e da terra. Falaremos mais sobre isso depois. Por enquanto, é importante perceber que Moisés não gasta tempo dando-nos pistas sobre as divisões do livro. Logo depois do relato da criação, ele nos dá uma seção de *toledot*^ apresentando assim o conceito mais importante de Gênesis.

Adão: toledot da queda (Gênesis 5.1)

A próxima seção de *toledot* inicia uma série de dez que fazem referência aos personagens centrais (e alguns coadjuvantes) de Gênesis. Porém, talvez esta seja a mais importante porque é a pedra de toque de todo o resto. A promessa do redentor, em Gênesis 3.15, serve como

catalisador para traçar a linhagem de Adão até aquele que esmagará a cabeça da serpente e restaurará o que Adão perdeu.

Devemos nos perguntar como a vida de José conecta-se com essa seção de *toledot* se quisermos vê-lo no contexto de todo o livro de Gênesis. Qual é a ligação de José com a Semente Prometida? Ele está na linhagem da Semente Prometida?[6]

Noé: toledot da "descriação" (Gênesis 6.9)

A próxima seção de *toledot* nos leva da Queda ao Dilúvio. A geração de Noé é caracterizada pelo desejo e pecado incomparáveis, incontidos e insaciáveis.

> E o SENHOR viu que a maldade do homem na terra era grande e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era continuamente má. Então o SENHOR arrependeu-se de haver feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração. "E disse o SENHOR: Destruirei da face da terra o homem que criei, tanto o homem como o gado, os animais que rastejam e as aves do céu; pois me arrependo de havê-los feito." (Gênesis 6.5-7)

A geração de Noé é importante para o desenrolar do restante da história da redenção. Jesus menciona os dias de Noé em referência à segunda vinda (Mateus 24.37-39; cf. Lucas 17.26-28). Pedro aponta Noé como figura do juízo vindouro (2Pedro 2.4-6).

Novamente, há um elo claro entre essa seção de *toledot* e a história de José. A história de José não trata exatamente da preservação dos eleitos de Deus por sua mão soberana em meio à catástrofe? Noé teve seu Dilúvio; José teve a fome.

Os filhos de Noé: toledot da recriação (Gênesis 10.1)

As duas próximas seções de *toledot* apresentam uma

importante ideia que perpassa todo o livro de Gênesis. Essa seção de *toledot* menciona três homens em vez de um. Nas gerações de Adão, o foco estava em traçar a Semente Prometida por meio da linhagem piedosa de Sete. Aqui, não sabemos ainda que filho produzirá a Semente Prometida e temos registro de todas as suas gerações.

Mais uma vez, isso aparece no entendimento correto da narrativa de José (que exploraremos depois). Só um dos três filhos de Noé poderia ser o próximo na linhagem. Entretanto, todos eles foram importantes para o desenvolvimento da história.

Sem: toledot do novo povo de Deus (Gênesis 11.10)

A seção de *toledot* de Sem representa o retorno à Semente Prometida. Cada um dos seus irmãos era importante; entretanto, só um pode ser a Semente Prometida. Sem é a linhagem pela qual a esperança dos eleitos de Deus continua.

Tera: toledot da transição (Gênesis 11.27)

Talvez a seção de *toledot* mais estranha seja a de Tera. Tera não realizou grandes façanhas, teve uma fé grandiosa ou cometeu pecados horrendos. Há apenas alguns poucos versículos sobre ele. Entretanto, sua presença é essencial. Tera é uma ponte importante para a próxima e, talvez, mais importante figura de Gênesis, Abraão — que, aliás, não conta com uma seção de *toledot.* Ele também conecta Abraão com o mundo destruído e recriado (que discutiremos mais quando examinarmos a terra e os patriarcas), estabelece o relacionamento entre Abraão, Sara e Ló, e posiciona Abraão em Ur dos caldeus.

Ismael: toledot da incredulidade (Gênesis 25.12)

Ismael, como Esaú depois dele, é uma seção de *toledot*

irônica. Ismael é o retrato da incredulidade e do pecado. Ele não é a Semente Prometida. Na verdade, ele representa a tentativa de Abraão e Sara de "criar" a Semente Prometida por conta própria. Em vez de confiar na promessa divina, eles agem sozinhos e sofrem as consequências.

Ismael, contudo, torna-se um povo (Gênesis 17.20). Três coisas sobre esse fato são relevantes para nossa apreciação da vida de José. Primeiro, a mãe de Ismael era egípcia (25.12). Segundo, Deus disse a Abraão: Ismael "será como um jumento selvagem entre os homens; a sua mão será contra todos, e a mão de todos, contra ele; e habitará na presença de todos os seus irmãos" (16.12). Por fim, quando José é vendido à escravidão no Egito, um grupo de midianitas o compra (37.28). Os midianitas são descendentes de Ismael. Sem dúvida, essa seção de *toledot* influencia nosso entendimento sobre a vida de José.

Isaque: toledot da promessa (Gênesis 25.19)

A seção de *toledot* de Isaque nos lembra várias coisas. Primeiro, sua história nos lembra da providência de Deus quando ele cumpre o impossível para fazer a promessa acontecer. Segundo o pecado de Isaque nos lembra da necessidade do redentor. Isaque obviamente não é a Semente Prometida por causa de seu caráter ou de sua fé, mas apesar de suas falhas. Por fim, o casamento de Isaque e os esforços realizados por Abraão para arranjá-lo preparam o terreno para o casamento de Jacó (onde as coisas não correm tão bem). Isso ajuda a colocar a vida de José em perspectiva quando chegarmos ao seu casamento.

Esaú: toledot da eleição (Gênesis 36.1,9)

A seção de *toledot* de Esaú é única por ser repetida duas vezes. As duas menções vêm no mesmo capítulo, assim pode

não haver nada de especial nisso. De qualquer forma, a seção de *toledot* de Esaú completa um padrão. Por três vezes — *toledot* dos filhos de Noé, de Ismael e de Esaú — Moisés ressalta o relacionamento entre a Semente Prometida e a outra descendência. Em cada caso, a descendência que não é a descendência da promessa é mencionada primeiro.

A ideia aqui é clara: a Semente Prometida não é uma questão de circunstância, mas de eleição, soberania e providência. Ismael e Esaú eram primogênitos, mas nenhum dos dois era a Semente Prometida. No caso de Ismael, pode-se argumentar que o problema era sua filiação. Mas Esaú e Jacó eram gêmeos. A mensagem e o padrão são claros: a graça eletiva de Deus não depende de circunstâncias.

Esse padrão aparece na vida de José mais de uma vez. Primeiro, seu irmão primogênito, como Ismael e Esaú nas gerações anteriores, não era a Semente Prometida. Segundo, quando os filhos de José são adotados por seu pai, Jacó, eles não são abençoados de acordo com a ordem de nascença. Assim, de novo, vemos que a história de José não pode ser entendida corretamente sem o contexto mais amplo do livro de Gênesis.

Jacó: toledot da nova nação (Gênesis 37.2)

A última seção de *toledot* é a de Jacó. A história de Jacó representa a culminação de todas as correntes históricas e teológicas de Gênesis. O nascimento de Jacó nos lembra de que a Semente Prometida não tem ligação com a ordem de nascimento. O casamento de Jacó nos leva de volta ao momento em que o servo de Abraão encontrou a esposa de Isaque. A mudança do nome de Jacó remete à promessa divina de estabelecer um povo. E as aquisições materiais de Jacó nos lembram do cuidado providencial de Deus por seu povo.

Não devemos perder de vista o fato de ser essa a seção de *toledot* final. Isso é importante por uma série de motivos, dentre eles porque nos mostra que a história de José é, na verdade, parte da história de Jacó. Em outras palavras, a seção de *toledot* de Jacó nos força a enxergar além de José para entender o significado da vida de José.

TERRA, SEMENTE, ALIANÇA

Como as estações do ano marcam o padrão do tempo, os temas de terra, semente e aliança aparecem repetidas vezes no livro de Gênesis para marcar a progressão da história da redenção. E, do mesmo modo que as estações são, às vezes, mais ou menos pronunciadas, de vez em quando esses temas surgem em cena com a fúria de uma onda de calor ou uma nevasca e, em outros momentos, com a sutileza de uma chuva de outono. Entretanto, eles estão sempre presentes. E sempre nos lembram da obra redentora de Deus.

Terra

"No princípio, Deus criou os céus e a terra" (Gênesis 1.1). As palavras introdutórias da Bíblia estão entre as mais conhecidas e mais profundas já escritas. Com uma frase, Moisés apresenta Deus como o eterno, onipotente e soberano Criador de todas as coisas. Ele também apresenta um dos três temas principais que perpassam todo o livro: a terra. A terra é o lugar onde a obra criadora de Deus acontece; é o lugar onde Deus cria e encontra o homem; é a substância da qual ele faz o homem.

A terra também é a fonte e local da primeira seção de *toledot'.* "São essas as origens dos céus e da terra, na ocasião em que foram criados" (Gênesis 2.4).

A terra é o palco onde a narrativa da história da redenção literalmente ganha vida. Como o homem, contudo, a terra

sofre os efeitos e as consequências da Queda (Gênesis 3.17). Mas, assim como o homem, a terra está sujeita à misericórdia, promessa e cuidado providencial de Deus. Quando Deus redime o homem, ele também redime a terra. Além disso, há um relacionamento especial entre os homens redimidos por Deus e a terra que ele restaura.

A Queda e a terra

No instante em que Adão caiu em pecado, seu lugar na terra foi ameaçado. Ele não era mais bem-vindo na terra que Deus criou para que prosperasse:

> Então disse o SENHOR Deus: Agora o homem tornou-se como um de nós e conhece o bem e o mal. Não suceda que estenda a mão e tome também da árvore da vida, coma e viva eternamente. Por isso, o SENHOR Deus o mandou para fora do jardim do Éden, para cultivar o solo, do qual fora tirado. E havendo expulsado o homem, pôs a leste do jardim do Éden os querubins e uma espada flamejante que se revolvia por todos os lados, para guardar o caminho da árvore da vida. (Gênesis 3.22-24)

De repente, o perfeito e imaculado ambiente conhecido por Adão se foi. A partir da expulsão em diante, ele lutaria para recriar o que ocorrera, enquanto a terra o frustraria a cada tentativa.

O tema da terra prossegue nas gerações de Noé, de forma negativa e positiva. Negativamente, a terra é vista como o local do grande pecado do homem:

> Sucedeu que, quando os homens começaram a multiplicar-se na terra e lhes nasceram filhas, os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram bonitas e, dentre todas elas, tomaram as que haviam escolhido. “Então disse o Senhor: O meu Espírito não permanecerá para sempre no homem, pois ele é carne; os seus dias serão cento e vinte anos.” (Gênesis 6.1-3)

A ideia da multiplicação do homem na face da terra é uma expressão positiva trazida pelo mandato do domínio em Gênesis 1.28. Entretanto, como resultado direto da Queda, até a multiplicação é pecaminosa. E não apenas pecaminosa, mas notoriamente pecaminosa:

> E o Senhor viu que a maldade do homem na terra era grande e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era continuamente má. Então o Senhor arrependeu-se de haver feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração. "E disse o Senhor: Destruirei da face da terra o homem que criei, tanto o homem como o gado, os animais que rastejam e as aves do céu; pois me arrependo de havê-los feito." Noé, porém, encontrou graça aos olhos do Senhor. (Gênesis 6.5-8)

Novamente, perceba as referências à terra. O lugar criado por Deus para o florescimento da humanidade tornou-se o lugar de sua degradação. Agora, a terra — o lugar da criação — em Gênesis 1 torna-se o lugar da destruição no capítulo 6:

> A terra, porém, estava corrompida diante de Deus e cheia de violência. E Deus viu a terra, e ela estava corrompida, pois a humanidade toda havia corrompido a sua conduta sobre a terra. "Então Deus disse a Noé: O fim de toda a humanidade chegou diante de mim; pois a terra está cheia da violência dos homens; eu os destruirei juntamente com a terra." (Gênesis 6.11-13)

Com a paciência de Deus se esgotando, há um senso de inevitabilidade que cresce e pede resolução. Por fim, Deus limpa a terra:

> As águas prevaleceram quinze côvados acima dos montes, os quais foram assim cobertos. E morreu toda criatura que se move sobre a terra, tanto as aves como o gado, animais selvagens, todos os animais pequenos que vivem na terra e

> toda a humanidade. E morreu tudo o que tinha o fôlego do sopro de vida em suas narinas, tudo o que havia em terra seca. “Assim foram exterminadas todas as criaturas que havia sobre a face da terra, tanto o homem como os grandes animais, os animais que rastejam e as aves do céu; todos foram exterminados da terra; restaram somente Noé e os que estavam com ele na arca.” (Gênesis 7.20-23)

Assim, a terra, depois de purificada, passa de lugar de destruição o local da recriação. A história passa das gerações de Noé e de seus filhos para as dos patriarcas.

Os patriarcas e a terra

Com Adão expulso do jardim e a humanidade destruída e expurgada da terra, a narrativa prossegue com a reiteração divina do mandato da frutificação e multiplicação (Gênesis 8.17; 9.1,7) e, por fim, do chamado de um povo específico para uma terra específica com um propósito específico (12.1-3). Deus começa ao chamar Abraão de Ur, a terra dos caldeus. Entretanto, a busca da Terra Prometida não será consumada até o fim — não no fim de Gênesis, mas no fim da história da redenção. Em Gênesis, vemos apenas vislumbres do cumprimento.

Abraão reivindica uma porção de sua herança quando compra terra na Terra Prometida para sepultar Sara:

> Assim, o campo de Efrom, que estava em Macpela, próximo de Manre, o campo e a caverna que nele estava, e todo o arvoredo que havia nele, em todos os seus limites ao redor, passaram a ser propriedade de Abraão, na presença dos heteus, isto é, de todos os que haviam entrado pela porta da sua cidade. Depois disso, Abraão sepultou sua mulher Sara na caverna do campo de Macpela, próximo de Manre, que é Hebrom, na terra de Canaã. Assim os heteus passaram para Abraão o campo e a caverna que estava nele, como

propriedade de sepultura. (Gênesis 23.17-20)

Por fim, Abraão une-se à sua esposa em sua sepultura (Gênesis 25.7-11), e Isaque e Rebeca mais tarde juntam-se a eles, como Jacó (Gênesis 35.29; 49.31; 50.4-14). Assim, os patriarcas desfrutam de um tipo de relacionamento "já/ainda não" com a
promessa da terra. Eles certamente estão na terra que Deus prometeu, mas seus descendentes não. Além disso, só quando a Semente Prometida, Jesus, aparece pode-se entender que nem mesmo a terra de Canaã é suficiente para expressar a realidade maior da promessa divina.

José e a terra

Qual, então, a ligação do tema da terra com a vida de José? Essa pergunta deve ser respondida se quisermos interpretar a história de José da maneira correta. E significativo que a história de José comece em Canaã, a Terra da Promessa, e termine no Egito, a terra do sofrimento e da opressão. Quando se chega à narrativa de José, o contraste se mostrará bastante importante.

Semente

Enquanto a terra é o lugar onde ocorre o drama da história da redenção, a semente é o mecanismo do cumprimento da redenção. Assim, há um relacionamento importante entre a terra e a semente.

A criação e a semente

Como observamos antes, o relato da criação começa pela terra. Deus cria os céus e a terra e, em seguida, separa as águas da terra. Embora as águas contenham uma parte significativa da criação divina, a terra é o cenário para a coroa de glória da criação: o homem. Entretanto, a narrativa

rapidamente passa da terra para a semente. A maneira como tudo na terra se multiplica (incluindo-se o homem) é a semente:

> E disse Deus: Produza a terra os vegetais: plantas que deem semente e árvores frutíferas que, segundo suas espécies, deem fruto que contenha a sua semente sobre a terra. E assim foi. E a terra produziu os vegetais: plantas que davam semente segundo suas espécies e árvores que davam fruto que continha a sua semente, segundo as suas espécies. E Deus viu que isso era bom. E foram-se a tarde e a manhã, o terceiro dia. (Gênesis 1.11- 13)

O mandamento "Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra e sujeitai-a" (Gênesis 1.28) pressupõe o papel da semente na multiplicação. O próximo versículo reitera o princípio: "Disse-lhes mais: Eu vos dou todos os vegetais que dão semente, os quais se acham sobre a
face de toda a terra, bem como todas as árvores em que há fruto que dê semente" (v. 29). Entretanto, a importância real da semente entra em jogo dois capítulos depois, quando a interação entre homem e fruto leva à mais importante declaração sobre a "semente" em toda a Bíblia.

A Queda e a semente

Quando Eva, tentada pela serpente, come o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, e dá o fruto a Adão, toda a narrativa bíblica muda para sempre: Deus amaldiçoa a serpente e promete que sua derrota (e a redenção do homem) se dará por um processo dependente do princípio da multiplicação e da semente: "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gênesis 3.15).

A promessa inicia o conflito que terá idas e vindas desde o

próximo capítulo de Gênesis até o fim da história da redenção.

Em Gênesis 2, a semente da serpente, Cain, mata a semente da mulher, Abel (Gênesis 4.8; cf. 1 João 3.12). Então, em Êxodo, a serpente persegue a semente masculina de novo: "O rei do Egito falou às parteiras das hebreias, das quais uma se chamava Sifrá e a outra Puá: 'Quando ajudardes as hebreias no parto, e as virdes sobre os assentos, se for menino, matai- o; mas, se for menina, poderá viver'." (Êxodo 1.15,16).

Essa cena se repete no primeiro livro do Novo Testamento quando a Semente Prometida, Jesus, vem ao mundo:

> Então Herodes, percebendo que havia sido enganado pelos magos, ficou furioso e mandou matar todos os meninos de dois anos para baixo, em Belém e nos arredores, de acordo com o tempo indicado com precisão pelos magos. (Mateus 2.16)

E, como que encerrando o final do relato divino da história da redenção, o livro de Apocalipse captura a essência dessa batalha perene:

> Viu-se também outro sinal no céu: um grande dragão vermelho com sete cabeças e dez chifres, e sobre as cabeças havia sete coroas; sua cauda arrastava a terça parte das estrelas do céu, lançando-as sobre a terra; e o dragão parou diante da mulher que estava para dar à luz, para devorar- lhe o filho assim que nascesse. (Apocalipse 12.3,4)

Assim, o princípio da Queda e da semente também integra a mensagem de redenção. A semente prometida não é produto da Queda; ela é a resposta para ela. E por causa da semente prometida que temos esperança. Quando traçamos a linhagem da semente prometida por Gênesis, enxergamos os primeiros vislumbres dessa esperança quando Deus

restaura a linhagem por meio de Sete, a preserva durante o Dilúvio em Noé e seus filhos e, então, a expande para uma nação por meio dos patriarcas.

Os patriarcas e a semente

Muito já foi dito sobre traçar a linhagem da Semente Prometida por meio dos patriarcas. Contudo, é importante aqui lembrar que esse processo está inexoravelmente ligado ao que veio antes e ao que veio depois. E impossível entender a importância da linhagem patriarcal sem entender a promessa de Gênesis 3.15. Além disso, é igualmente fútil entender a importância dessa linhagem sem o desenvolvimento da história da redenção.

Os patriarcas são mais que meros exemplos. Na verdade, eles são, de modo geral, exemplos bem ruins. Eles são importantes por constituírem as evidências tangíveis da fidelidade de Deus à sua promessa. Nem infertilidade, no caso de Abraão e Sara, nem engano, no caso de Jacó e Lia, podem frustrar o plano de Deus de realizar a redenção do seu povo por meio da Semente Prometida.

José e a semente

Assim, qual a ligação entre o tema da semente e a vida de José? José não é a Semente Prometida. A questão que se deve formular é: Qual é a importância do relacionamento entre José e a Semente Prometida? Mais uma vez, ignorar essa pergunta significa deixar de entender José no contexto total de Gênesis e no contexto dos temas e das divisões específicas de Gênesis nos quais ele se encontra.

Aliança

O terceiro tema que perpassa toda a narrativa de Gênesis, sem o qual é impossível interpretar a história corretamente,

é o tema da aliança. Da aliança de obras, que Adão violou, à aliança noética, após o Dilúvio, até a aliança abraâmica, Gênesis é um livro de alianças. Na verdade, a palavra *aliança* aparece mais de 25 vezes em Gênesis.

Criação e aliança

A primeira aliança encontrada em Gênesis é a que Deus estabeleceu com Adão. Essa aliança, geralmente referida como "pacto de obras", é apresentada em Gênesis 2:

> E o Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden, para que o homem o cultivasse e guardasse. Então o Senhor Deus ordenou ao homem: Podes comer livremente de qualquer árvore do jardim, mas não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal; porque no dia em que dela comeres, com certeza morrerás, (v. 15-17)

Adão foi criado perfeito, inocente e capaz de guardar a aliança. Entretanto, ele não o fez. Como resultado, ele e toda a sua posteridade caíram em pecado. Isso trouxe uma maldição sobre a terra e, agora, a labuta, os conflitos e a morte física são a experiência normal e inevitável de toda a humanidade (Gênesis 3.17- 19).

Queda e aliança

Os temas da aliança e das consequências do fracasso de Adão de guardá-la continuam por Gênesis e além. Vemos as horríveis consequências do pecado apenas alguns capítulos depois na vida de Noé, quando "o SENHOR viu que a maldade do homem na terra era grande e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era continuamente má" (Gênesis 6.5). Vimos antes, em referência à terra, que isso levou a um expurgo.

Entretanto, em relação ao tema da aliança, há esperança apesar do juízo. A aliança com Noé resultou no mais famoso

símbolo pactuai de todos: o arco-íris.

> Deus também disse a Noé e seus filhos: Faço agora a minha aliança convosco e com a vossa descendência, e com todo ser vivo que está convosco, com as aves, com o gado e com todo animal selvagem; com todos os que saíram da arca, sim, com todo animal da terra. Sim, faço a minha aliança convosco; todas as criaturas nunca mais serão destruídas pelas águas do dilúvio; nunca mais haverá dilúvio para destruir a terra. E Deus disse: Este é o sinal da aliança que firmo entre mim e vós e com todo ser vivo que está convosco, por gerações perpétuas: Coloquei o meu arco nas nuvens; ele será o sinal de uma aliança entre mim e a terra. E acontecerá que, quando eu trouxer nuvens sobre a terra, e o arco aparecer nelas, então me lembrarei da minha aliança, que firmei entre mim e vós e com todo ser vivo de todas as criaturas; e as águas jamais se transformarão em dilúvio para destruir todas as criaturas. O arco estará nas nuvens, e olharei para ele a fim de me lembrar da aliança perpétua entre Deus e todo ser vivo de todas as espécies sobre a terra. Deus também disse a Noé: Esse é o sinal da aliança que firmei entre mim e todas as criaturas sobre a terra. (Gênesis 9.8-17)

Perceba que 6 dos 26 usos da palavra *aliança* acontecem só nessa passagem! Assim, a mais infame, surpreendente e terrível expressão da ira divina contra o homem em toda a Bíblia *é* seguida por uma das mais explícitas promessas/alianças da Escritura. Como ousamos tentar entender Gênesis, ou a vida de José, sem levar isso em conta?

Os patriarcas e a aliança

A mais famosa aliança de Gênesis encontra-se no capítulo 12. Ironicamente, a palavra *aliança* não é encontrada no texto. Entretanto, a aliança em si é clara.

> E o Senhor disse a Abrão: Sai da tua terra, do meio dos teus

> parentes e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. E farei de ti uma grande nação, te abençoarei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção. Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei quem te amaldiçoar; e todas as famílias da terra serão abençoadas por meio de ti. (v. 1-3).

Perceba a presença dos três elementos principais nessa passagem simples. Deus envia Abraão para ir a uma *terra*^ promete abençoá-lo com a *semente* (descendência) e o faz por meio de uma *aliança.* Mais uma vez, essa é a chave para interpretar Gênesis. Quando chegarmos à vida de José, não podemos nos esquecer de que sua importância está ligada à aliança abraâmica.

José e a aliança

Obviamente, devemos nos perguntar como a narrativa de José se encaixa no conceito de aliança que atravessa tão profundamente o livro de Gênesis. Se entendermos os temas da semente, terra e aliança, veremos a história de José sob uma luz completamente diferente da que estamos acostumados. Mais importante, enxergar José através dessa lente tripla não apenas nos dá uma perspectiva diferente; nos dá a perspectiva que Deus, por meio de Moisés, queria que tivéssemos.

CONCLUSÃO

Nem a terra, a semente e a aliança encontram a consumação no livro de Gênesis. Gênesis termina com o povo de Deus não apenas fora da terra, mas no Egito, o local oposto à Terra da Promessa. A Semente Prometida é atribuída a Judá, mas a bênção dada a ele em Gênesis 49 deixa claro que a semente prometida ainda está por vir. Por fim, a aliança não pode ser consumada sem a terra e a semente. Portanto,

devemos olhar além de Gênesis (e, sem dúvida, além de José) se quisermos entender o plano divino da redenção.

JUSTAPOSIÇÃO

GÊNESIS 37 - 38

José é um dos três grandes personagens bíblicos de quem nenhum pecado é revelado. Como Jesus e Daniel, José é apresentado como um herói sem falhas. Entretanto, enquanto Jesus é de fato sem pecado, o mesmo não vale para José e Daniel. Assim, devemos ser cuidadosos para não presumir que a ausência de informação sobre a pecaminosidade de José indique alguma coisa sobre a necessidade do Salvador.

Como um diamante contra um fundo escuro, o caráter de José brilha contra o pano de fundo do pecado de seus irmãos. Essa não é uma reflexão sobre José. Ele, como todos os descendentes de Adão, é pecador (Romanos 3.1-10). A tentação é considerar José exemplo de perfeição impecável. Entretanto, essa não é a intenção do autor. Moises não tenta pintar um retrato de José; ele demonstra a glória de Deus. Para fazê-lo, ele justapõe o melhor de José contra o pior dos irmãos dele.

O FILHO FAVORITO (Gênesis 37.2-11)

> Estas são as gerações de Jacó. Aos dezessete anos de idade, José cuidava dos rebanhos com seus irmãos; ainda jovem, auxiliava os filhos de Bila e os filhos de Zilpa, mulheres de seu pai; e José levava a seu pai más notícias a respeito deles. Israel amava mais José do que todos os seus filhos, porque ele era o filho da sua velhice; e fez para ele uma túnica longa. Vendo seus irmãos que seu pai o amava mais do que todos eles,

> passaram a odiá-lo; e não conseguiam falar com ele pacificamente. (Gênesis 37.2-4)

A seção de *toledot* de Jacó torna-se de imediato a história de José. Isso, com o fato de que Jacó é um personagem menor ou quase completamente ausente dessa seção da narrativa, pode levar o leitor a presumir que a seção não trata de Jacó. Entretanto, este seria um erro. O padrão do livro de Gênesis, com a resolução final da narrativa, deixa claro que, de fato, o assunto do trecho é Jacó, o último dos patriarcas. Todavia, a história de Jacó não pode ser contada sem esse foco em José.

Deus certamente fará de Jacó/Israel uma grande nação, e José será o meio primário do cumprimento dessa tarefa. Jacó não tem nem o caráter, nem a personalidade, para tornar-se o que Deus pretende. Todavia, Deus o exaltará apesar dele mesmo. Jacó escolhe José como filho favorito ainda que tenha visto a destruição causada pelo favoritismo em sua família. Ironicamente, esse favorecimento pecaminoso de José em relação aos outros filhos inicia uma série de acontecimentos que resultará em Jacó perder o filho favorito pela maior parte dos seus dias.

Más notícias

A primeira evidência da intenção real de Moisés é a quase imediata apresentação das "más notícias." Temos uma breve introdução a José na forma de seu nome, idade (17), filiação (não é filho de uma das concubinas), ocupação (pastor) e o fato de que ele trazia más notícias a respeito de seus irmãos. Nesse contexto, as más notícias servem para apresentar os irmãos de José como "antagonistas" na narrativa. Eles são imediatamente apresentados como os atores pecaminosos cujos atos exigirão a intervenção de Deus a favor de José. A história, como o restante da Bíblia, trata de pecado e

redenção.

Neste ponto, muitos leitores tendem a preencher as lacunas na narrativa. Com frequência, José é pintado como um dedo-duro que mereceu o ódio dos irmãos ao trazer más notícias muitas vezes com o objetivo de encrencá-los. Entretanto, a suposição vai além da narrativa. Não há uma palavra negativa sobre José na história toda. O autor não diz nada sobre dedurar. Contudo, temos um vislumbre do papel de José na família quando Jacó o envia na missão de investigar e lhe pede para trazer notícias (37.14).

Um pai ruim

Embora José seja inocente na questão, Jacó não é. Ele dá continuidade à tradição praticada por Isaque, seu pai, de ser um pai ruim. Isso é evidente nas ações de Jacó em Gênesis 37.3: "Israel *amava mais José do que todos os seus filhos,* porque ele era o filho da sua velhice; e fez para ele uma túnica longa." Como Isaque havia escolhido Esaú em detrimento de Jacó, Jacó agora escolhe José em detrimento de seus irmãos. Nesse momento, o leitor mais atento pode perguntar por que Jacó submeteria os filhos ao mesmo tratamento que destruirá tanto sua vida quando jovem. Mas Moisés não deixa qualquer dúvida quanto ao lado de Jacó. Ele, como seus filhos é um ator pecaminoso cujos atos exigirão a intervenção divina. Ele também é um pecador que precisa do Salvador.

Um sentimento ruim

Os primeiros versículos de Gênesis 37 estabelecem a tensão entre José e seus irmãos — tensão que explica suas ações impensáveis. Seus irmãos "passaram a odiá-lo; e não conseguiam falar com ele pacificamente" (v. 4). Aqui, há uma dupla justaposição. Primeiro, há a justaposição dos

filhos: o obediente e os desobedientes. Segundo, há a justaposição do amor de Jacó a José e do ódio de seus irmãos por ele. Isso não é um exagero. Aprendemos depois na narrativa que os irmãos de José realmente pensaram em matá-lo antes de decidir, após a sugestão de Judá, vendê-lo como escravo. Essa é um fundo obscuro contra o qual o resplendor da obediência de José brilhará enquanto a narrativa prossegue.

O FILHO OBEDIENTE (GÊNESIS 37.12-17)

Não basta saber que os irmãos de José (e seu pai) são homens falhos e pecadores. Moisés quer que percebamos a distinção entre José e seus irmãos. Ele o faz primeiro com um episódio simples e profundo, em que José nada faz além de obedecer à vontade do pai:

> Então seus irmãos foram cuidar do rebanho de seu pai em Siquém, e Israel disse a José: Os teus irmãos não estão cuidando do rebanho em Siquém? Vai! Vou enviar-te a eles. José respondeu: Estou aqui. E disse-lhe Israel: Vai, vê se teus irmãos e o rebanho estão bem e traze-me resposta. Assim o enviou do vale de Hebrom, e José foi para Siquém. E aconteceu que um homem encontrou José, que andava perdido pelo campo, e perguntou-lhe: Que procuras? Ele respondeu: Estou procurando meus irmãos; peço-te que me digas onde eles estão cuidando do rebanho. O homem disse: Saíram daqui; eu os ouvi dizer: Vamos para Dotã. Então, José foi atrás de seus irmãos e os achou em Dotã. (Gênesis 37.12-17)

O brilho do caráter de José é visto na magnitude da tarefa confiada, seu compromisso instantâneo e inabalável de obedecer e a persistência com a qual busca completar a tarefa.

A magnitude da tarefa

Quando garoto, uma das tarefas que eu menos gostava era ir ao mercado para minha mãe. Não que eu não amasse minha mãe; era só que o mercado era longe demais! A distância entre nosso apartamento e o mercado era um pouco mais de um quilômetro e meio. Não um quilômetro e meio no campo, entenda. Era na cidade. Era o Centro-Sul de Los Angeles no fim da década de 1970 e começo de 1980. Eu não podia ir de bicicleta porque tinha medo de ela ser roubada. Assim, eu precisava caminhar a distância toda — ida e volta — na ladeira e na neve! Eu não contava mais de 10 anos. Ainda assim, essa distância é pequena em comparação com a jornada em que José embarcou em Gênesis 37.

Qualquer pessoa que já teve um filho de 17 anos consegue imaginar como seria enviá-lo na jornada de vários dias, de 75 quilômetros, a pé ou em um animal de carga. A mente moderna estremece só de pensar. Ele estará a salvo? Será que vai se perder? Ficará com medo? A água e a comida serão suficientes? E, no caso de José, ele correrá algum risco quando encontrar seus irmãos? Era uma tarefa monumental. Como tal, serve para enfatizar a obediência de José.

O compromisso instantâneo e inabalável de obedecer

As únicas palavras de José na passagem são: "Eis-me aqui." Não há sugestão de hesitação ou dúvida. Eis a epitome da obediência. A expressão "Estou aqui" ocorre 8 vezes em Gênesis: 3 vezes em referência aos filhos dos patriarcas respondendo aos pais (22.7; 27.1; 37.13), 1 vez em referência ao patriarca respondendo ao filho (22.18) e 4 vezes em referência aos patriarcas respondendo ao próprio Deus (22.1,11; 31.11; 46.2). Se José tinha algum medo ou dúvida, ele não foi registrado no texto. A ideia aqui é clara: José é um filho obediente.

A persistência para completar a tarefa

A única coisa mais impressionante que a magnitude da tarefa e o compromisso instantâneo e inabalável de obedecer é a persistência com a qual ele cumpriu a missão. Ao chegar no local em que deveria ir, José descobre que seus irmãos tinham caminhado muitos quilômetros além em busca de bom pasto. Em vez de riscar a tarefa de sua lista e voltar para casa com um relatório incompleto, José foi ainda mais além no esforço para obter a informação desejada pelo pai.

OS FILHOS PECADORES (GÊNESIS 37.18-36)

Em nítido contraste com a obediência de José, Moisés apresenta os demais filhos de Jacó como um grupo unido de homens desobedientes, assassinos e cheios de ódios, cujo coração se fixa em tudo, *menos* nos desejos do pai. Lembrem-se: certo ou errado, José *era* o filho favorito de seu pai, e eles sabiam.

> Eles o viram de longe e, antes que chegasse onde estavam, planejaram uma conspiração contra ele para o matar, dizendo uns aos outros: Lá vem o sonhador! Vamos matá-lo agora e lançá-lo numa das cisternas; diremos que uma fera o devorou. Então veremos o que será dos seus sonhos. Mas, ouvindo isso, Rúben livrou-o das mãos deles, dizendo: Não vamos tirar-lhe a vida. E acrescentou: Não derrameis sangue; lançai-o nesta cisterna, aqui no deserto, e não encosteis a mão nele. Ele disse isso para livrá-lo das mãos deles, a fim de restituí-lo a seu pai. Logo que José chegou a seus irmãos, eles o despiram da sua túnica, a túnica longa que estava usando, e, agarrando-o, lançaram-no na cisterna; a cisterna estava vazia, não havia água nela. (Gênesis 37.18-24)

Isso é bem mais que uma história do tipo "seja como o filho bom, não como os filhos maus." A justaposição serve

para ressaltar a obediência de José e acrescentar tensão à narrativa. Ela aumenta na cena seguinte:

> Depois disso, sentaram-se para comer e, levantando os olhos, viram uma caravana de ismaelitas que vinha de Gileade; nos seus camelos traziam essências aromáticas, bálsamo e mirra, que levavam para o Egito. E Judá falou a seus irmãos: De que nos serve matar nosso irmão e esconder o seu sangue? Vamos vendê-lo a esses ismaelitas; não encostaremos a mão nele, pois ele é nosso irmão, nossa carne. E os seus irmãos o escutaram. Quando os negociantes midianitas passaram, eles tiraram José, fazendo-o subir da cisterna, e venderam-no por vinte siclos de prata aos ismaelitas, que o levaram para o Egito. (Gênesis 37.25-28)

Muitos fatores importantes são dignos de nota aqui. Primeiro, a apresentação dos ismaelitas remete a uma porção anterior da narrativa de Gênesis. Ismael era o filho ilegítimo de Abraão que não só foi rejeitado e não se tornou o herdeiro prometido, mas para quem uma profecia sinistra foi proferida: "Ele será como um jumento selvagem entre os homens; a sua mão será contra todos, e a mão de todos, contra ele; e habitará na presença de todos os seus irmãos." (Gênesis 16.12)

Assim, além da justaposição do filho obediente contra os desobedientes, há também a justaposição da descendência de Ismael e de seu irmão Isaque. A Semente Prometida (Jacó) entrou na Terra Prometida como cumprimento da aliança de Deus com Abraão. Entretanto, antes da revelação do herdeiro prometido, o filho favorito do patriarca Jacó deixa a Terra Prometida, e é vendido não apenas como escravo, mas aos descendentes do herdeiro rejeitado por Abraão.

A outra terra

O parágrafo final do capítulo 37 não apenas conclui o conflito inicial entre José e os irmãos, como também apresenta a justaposição que dominará o resto da história de José:

> Quando Rúben voltou à cisterna, José já não estava ali; ele então rasgou as suas roupas e, voltando-se para seus irmãos, disse: O menino não está lá; e eu, para onde irei? Eles então tomaram a túnica de José, mataram um cabrito e tingiram-na com o sangue. E mandaram a túnica longa, fazendo-a chegar a seu pai com esta mensagem: Achamos esta túnica; vê se é ou não a túnica de teu filho. Ele a reconheceu e exclamou: A túnica de meu filho! Uma fera o devorou; com certeza, José foi despedaçado. Então Jacó rasgou suas roupas, vestiu-se de roupa de saco e lamentou seu filho por muitos dias. E todos os seus filhos e todas as suas filhas levantaram-se para o consolar; ele, porém, recusou-se a ser consolado e disse: Na verdade, com lágrimas descerei ao meu filho até o túmulo. E seu pai chorou assim por ele. E os midianitas venderam José no Egito a Potifar, oficial do faraó, capitão da guarda. (Gênesis 37.29-36)

O plano de Rúben para reconquistar o favor do seu pai é ameaçado. A amada túnica é destruída. O pai que escolheu favoritos teve o favorito tomado e o personagem central da narrativa move-se progressivamente para mais longe da Terra da Promessa, finalmente acabando não apenas em outro país, mas no Egito, a terra que passará a representar opressão e cativeiro por toda a história da redenção.

CONCLUSÕES DE GÊNESIS 37

O texto de Gênesis 37 está repleto de lições sobre a natureza e as consequências da amargura, dos ciúmes, da raiva e muito mais. Entretanto, há lugares bem melhores na Bíblia para ensinar essas coisas. Por exemplo, Gênesis 37 serve

como ilustração tremenda de Tiago 4, mas não o contrário. A narração é, por definição, indicativa. E o narrador de Gênesis 37 não pausa para apontar a "moral da história" enquanto repassa essa narrativa em particular. Além disso, a narrativa é escrita de tal maneira que apresenta os fatos, as peças de um quebra-cabeça. A ideia principal não é que Jacó tinha favoritos ou que os irmãos de José davam guarida a um assassinato no coração. Há verdades bem mais profundas. E o mais importante: há verdades que nos afastam de nós mesmos e conduzem ao Deus que nos salva apesar de nós.

Obediência não garante sucesso ou conforto

Uma verdade inescapável, encontrada em Gênesis 37 e em outras passagens, sobre a história de José é que obediência não garante sucesso ou conforto. A justaposição da obediência de José à desobediência dos irmãos não é o pano de fundo da lição para a obtenção do que se quer (como veremos em Gênesis 41). De fato, vemos aqui e em outros lugares que a obediência de José é recompensada com dificuldades. Ele termina em uma cisterna e, por fim, no Egito, longe da Terra Prometida e de seu povo.

Em última análise, quando José sai de casa para encontrar os irmãos, ele caminha para cada vez mais longe da Terra da Promessa. Mas aqui está algo que muitos leitores nunca consideram. Quando José sai de casa na missão simples de investigar, ele sai pela última vez. *José nunca voltará a viver na terra até que seus ossos sejam levados de volta após o Êxodo* (Êxodo 13.19). De fato, esse aspecto da história de José garante sua menção na "galeria dos heróis da fé" (Hebreus 11.22). Esta não é uma história agradável em que o herói retorna vitorioso. É uma história de redenção em que José paga o preço impensável por um propósito muito maior que ele.

Essa é uma verdade importante para o povo de Deus entender. De fato, um dos meus maiores problemas com a abordagem típica de *Fábulas de Esopo* à narrativa de José é a tendência de reduzir sua história a um conto do tipo: "Aguente firme, você será recompensado no fim." A verdade é que o povo de Deus sofre! "Na verdade, todos os que querem viver uma vida piedosa em Cristo Jesus sofrerão perseguições." (2Tm 3.12) A vida de alguns cristãos fiéis termina em martírio. Se falharmos em ler corretamente a história de José, não teremos nenhum entendimento dessa realidade.

A eleição de Deus não se baseia no desempenho humano

José pode ser a estrela do espetáculo, mas ele *não é* a Semente Prometida. Como seu pai Jacó foi escolhido apesar do fato de Esaú ser o favorito dou pai, José teria de abrir espaço para Judá. Nos dois casos, a escolha das sementes prometidas não tinha nenhuma ligação com algo feito por eles. Sabemos disso porque a Bíblia deixa claro que a escolha de Jacó em detrimento de Esaú ocorreu quando "os gêmeos ainda não tinham nascido, nem praticado o bem ou o mal, para que o propósito de Deus segundo a eleição permanecesse firme, não por causa das obras, mas por aquele que chama." (Romanos 9.11) Isso vale para Jacó, Judá e todo ser humano sobre quem o favor de Deus permanece.

O pecado nos deixa cegos para nossa única e maior esperança

Com certeza, os irmãos de José são pecadores de primeira categoria. Não só eles são assassinos (veja Gênesis 34),

como também estão cheios de ciúmes, algo identificado como um dos piores pecados: "Vivamos de modo decente, como quem vive de dia: não em orgias e bebedeiras, não em imoralidade sexual e depravação, não em discórdias e inveja" (Romanos 13.13). Entretanto, o maior problema deles é que o pecado os cega para a única e maior esperança.

José tem sonhos que apontam para seu papel supremo como salvador da família. Ele prevê sua elevação à proeminência no Egito e, por extensão, sua participação na libertação da família da fome. Entretanto, tudo que seus irmãos (e seu pai) conseguem ver é que os sonhos de José apontam para sua superioridade, algo do qual Jacó os condicionou a ressentir-se. Como resultado, quando veem o jovem que Deus designou para lhes salvar a vida ao andar na direção deles em obediência ao pai, a primeira inclinação é matá-lo.

Interessante, não é? José não é apresentado como um "tipo" de Cristo. Entretanto, a reação dos irmãos reflete a reação dos pecadores a Jesus no Novo Testamento. Jesus vem como "o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (João 1.29) e a resposta a isso é: "Crucifica-o" (Marcos 15.13,14; Lucas 23.21; João 19.6,15; cf. Mateus 27.31; Marcos 15.20). Mas, no caso de Jesus, não havia Judá para acalmar a multidão e fazer ela mudar de ideia.

JOSÉ E JUDÁ: O FILHO FAVORITO VERSUS O PROMETIDO (Gênesis 38)

Talvez, o aspecto mais confuso da história de José seja a digressão, aparentemente fora de hora, sobre as "perambulações" de Judá em Canaã. É confuso por causa da mudança abrupta na narrativa intrigante e agitada da vida de José. A história o deixa escravo no Egito sem a resolução para seu dilema e pula para Judá casando e tendo filhos com

uma cananeia:

> Nesse tempo, Judá deixou seus irmãos e foi para a casa de um adulamita chamado Hira. Ali Judá viu a filha de um cananeu chamado Suá; tomou-a por mulher e uniu-se *a* ela. Ela engravidou e teve um filho, e o pai deu-lhe o nome de Er. Ela tornou a engravidar e teve um filho, a quem deu o nome de Onã. Teve ainda mais um filho, e deu-lhe o nome de Selá. Judá estava em Quezibe quando ela teve o filho. (Gênesis 38.1-5)

A importância do casamento de Judá é tripla. Em primeiro lugar, já vimos como o casamento dos filhos era importante para os patriarcas. Abraão fez seu servo jurar que "não tomarás mulher para meu filho dentre as filhas dos cananeus" (Gênesis 24.3). Agora, encontramos Judá, o próximo na linhagem da Semente Prometida, agindo exatamente dessa forma. Isso suscita questões sobre a *semente.*

Em segundo, não apenas Judá acaba com uma cananeia, mas ele "deixou seus irmãos." Isso suscita questões sobre a *terra.* Judá não foi vendido como escravo. Nem ele estava promovia a aquisição de território dos patriarcas. Ninguém o forçou a abandonar a Terra da Promessa; ele apenas partiu por conta própria. Essa justaposição é assombrosa.

Terceiro, a narrativa deixa claro que Judá não partiu por um curto período. Ele se encontra entre os cananeus tempo o bastante para a mulher conceber três vezes. Mesmo que ela seja excepcionalmente fértil, isso levou pelo menos de dois anos e meio a três. Como Judá pode ter sido criado pelo último patriarca, provar da Terra Prometida e decidir deixá-la para viver entre os cananeus? Isso suscita questões sobre *a aliança.* Judá é parte do povo da aliança divina? E claro, essa pergunta será respondida depois. Entretanto, a ideia é clara:

Moisés mostra o quanto Judá caiu.

Desobediência e morte

O texto de Gênesis 38 também contém uma história sombria sobre ironia. Judá participou no engodo de fazer o pai pensar que seu filho amado estava morto. Agora, em poucos versículos, vemos que Deus matou dois dos três filhos de Judá:

> Depois Judá tomou para Er, o seu primogênito, uma mulher chamada Tamar. Er, primogênito de Judá, era mau aos olhos do Senhor, pelo que o Senhor o matou. Então Judá disse a Onã: Toma a mulher de teu irmão, cumpre o teu dever de cunhado e dá descendência a teu irmão. Porém Onã sabia que a descendência não seria sua. Assim, toda vez que se unia à mulher de seu irmão, derramava o sêmen no chão para não dar descendência ao irmão. E o que ele fazia era mau aos olhos do Senhor, pelo que também o matou. Então Judá disse a sua nora Tamar: Conserva-te viúva na casa de teu pai, até que meu filho Selá se torne homem adulto; pois dizia: Para que este não morra também, como seus irmãos. Assim Tamar foi morar na casa de seu pai. (Gênesis 38.6-11)

Como vimos com Abraão, Isaque e Jacó, não pode haver Semente Prometida sem a intervenção providencial de Deus. O caso de Judá não é diferente. Ele é um homem ímpio com filhos ímpios. Ele casou-se fora da linhagem piedosa e perdeu rapidamente os herdeiros pelas mãos do próprio Deus, devido à maldade deles. Por fim, a esposa de Judá também morrerá.

CONCLUSÕES DE GÊNESIS 38

A aplicação de Gênesis 38 pode ser desconcertante. A série de lições negativas e advertências é óbvia. A ideia de pureza sexual é patente. Entretanto, como no caso de Gênesis 37,

há ensinamentos muito mais claros sobre esse tópico na Bíblia. Também, como em Gênesis 37, a narrativa é mais indicativa que imperativa, servindo com muito mais eficiência ao papel de ilustração. Entretanto, a passagem dispõe de sérias implicações redentivo- históricas.

A terra sem a promessa é uma maldição em vez de bênção

Ironicamente, quando Judá se separou dos irmãos, ele foi mais longe na Terra Prometida que seu antepassado, Abraão. Entretanto, diferente das cenas anteriores onde os patriarcas gradativamente adquiriam mais e mais da terra, símbolo da futura posse da promessa, a narrativa prenuncia uma verdade muito mais dura: estar na Terra da Promessa pode ser maldição, tanto quanto bênção.

A terra não tem qualidades mágicas que farão o povo de Deus feliz, contente, vitorioso ou melhor. Não há um lugar físico na terra capaz de fazê-lo. Um membro desobediente da comunidade da aliança encontrará tolice e juízo onde seus pés pisarem. Assim, Judá pode encontrar-se no lugar prometido por Deus sem a paz que Deus prometeu.

Em última análise, a terra é apenas uma sombra das coisas futuras. Israel entrará na terra e partirá dela por toda a sua história. Só haverá verdadeira paz e vitória na Nova Jerusalém (Apocalipse 3.12; 21.2).

Eleição não é igual a conforto e sucesso terreno

Judá é o herdeiro da promessa, o antepassado de Jesus Cristo! Todavia, ele perdeu dois filhos nas mãos de Deus pela maldade e desobediência deles. Além disso, depois da morte da esposa de Judá, sua nora usa a leviandade dele para enganá-lo e torná-lo pai de seus filhos (Gênesis 37.12-30). Isso é tudo, menos uma figura do sucesso terreno! Claro, a

vida de Judá mudará com o tempo. Por enquanto, porém, ele é a epitome da salvação exclusivamente pela graça.

O povo de Deus sempre foi multiétnico

Apesar da armação da cilada, Tamar espera não apenas gêmeos, mas um herdeiro da promessa. Seu nome estará para sempre escrito na genealogia da Semente Prometida, Jesus Cristo (Mateus 1.3). Isso é importante por uma série de razões, uma das quais é ser ela gentia.

Deus prometeu a Abraão que ele seria pai de muitas nações e que nele todas as nações da terra seriam abençoadas (Gênesis 12.1-3). A adição de Tamar à linhagem real é parte do cumprimento da promessa. Evidentemente, o enxerto dos gentios (Romanos 11) por meio da fé em Cristo é a manifestação maior dessa realidade. Considere Romanos *9:*

> Não é o caso de a palavra de Deus ter falhado. Porque nem todos os que são de Israel são israelitas; nem por serem descendência de Abraão são todos seus filhos; mas: Por meio de Isaque a tua descendência será chamada. Isto é, não são os filhos naturais que são filhos de Deus; mas os filhos da promessa é que são contados como descendência, (v. 6-8)

Em última análise, a história de Judá e Tamar é um estímulo para quem peca e precisa do Salvador, seja judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher (Gálatas 3.28). Judá nos lembra de que a salvação é do Senhor. Tamar nos lembra de que a salvação é "primeiro do judeu e também do [não judeu]" (Romanos 1.16). Os dois nos lembram de que Deus agia para nos trazer a redenção ao preservar a linhagem familiar que culminaria na Semente Prometida, Jesus Cristo.

OLHANDO ADIANTE

Quando passamos do capítulo 38 para o restante da história de José, devemos lembrar que sua história não versa em essência sobre José. Deus faz muito mais que apenas preservar, sustentar e promover o filho favorito do patriarca. A inserção da história de Judá e Tamar nos lembra disso. Claro, se não observarmos o panorama, o capítulo 38 não faz sentido. De fato, o texto pode nos levar a concordar com os críticos textuais que consideram a existência do capítulo um motivo para duvidar da inerrância da Escritura.

Todavia, quando vemos o capítulo 38 e o restante da narrativa por meio das lentes da semente, terra e aliança, uma imagem mais
precisa começa a tomar forma. Vamos agora voltar a atenção para a jornada do personagem principal dessa porção da narrativa, José. Descobriremos que as coisas foram de mal a pior para o sonhador.

PROVIDÊNCIA

GÊNESIS 39 - 40

Gênesis 39 tem um tema claro. Por 4 vezes, lemos que o Senhor estava com José (v. 2,3,21,23). Não é necessário imaginar o que o autor tenta comunicar aqui. Essa não é uma lição sobre fugir da tentação sexual (embora a passagem ofereça a imagem mais vivida disso); é uma lição sobre a providência divina.

Muitos cristãos usam a palavra *providência* como substituto de *sorte.* Se mudarmos de direção e fugirmos do tráfego, diremos: "Isso foi providencial." Se o médico descobre o câncer cedo o bastante para tratá-lo com sucesso, diremos de novo: "Isso foi providencial." Entretanto, essa *não é* a doutrina da providência divina. A providência de Deus não abrange apenas o "essa foi por pouco"; também abrange o acidente fatal e o diagnóstico terminal.

Entender a doutrina da providência é a chave para interpretar corretamente a vida de José. Se não entendermos a providência, não entenderemos o significado dos acontecimentos diante de nós nesses capítulos. Além disso, a falta de compreensão da providência divina tem levado ao que talvez seja o maior equívoco na vida de José: a interpretação de sua ascensão ao poder, no capítulo 41, como a culminação da obra providencial de Deus em sua vida.

PROVIDÊNCIA DIVINA: MAIS QUE "SORTE" CRISTÃ

Considerar a providência divina na vida de José é mais que procurar o resultado "bom." Podemos entender isso quando temos uma definição adequada de providência. Enquanto *soberania* trata da autoridade divina de governar a criação, *providência* lida com a maneira como ele o faz. A definição de Wayne Grudem é provavelmente a mais clara e acessível que encontrei e servirá bem a nosso propósito:

> Podemos definir a providência divina assim: Deus se envolve de forma contínua com todas as coisas criadas de modo que ele: 1) As mantém em existência e preserva as propriedades com as quais ele as criou; 2) Coopera com as coisas criadas em toda ação, dirigindo suas propriedades distintas para causá-las a agir como agem; e 3) As dirige para cumprir seus propósitos [7]

Deus mantém as coisas em existência e preserva as propriedades delas

A primeira chave para compreender a providência divina é entender a maneira que ele se relaciona com as criaturas. Por que não sou um homem hoje e um peixe amanhã? Por que o sol continua a nascer no leste e se pôr no oeste? A

resposta é providência. Quando mencionamos a providência divina, queremos dizer, como Charles Hodge observou: "Todas as coisas fora de Deus devem a continuação de sua existência, com todas as suas propriedades e poderes, à vontade de Deus."[8] Tudo é o que é e age como o faz pela providência divina.

Isso significa que Deus não tinha que fazer os irmãos de José se sentiram daquela forma sobre ele, ou mudar a natureza da caravana dos midianitas ou do capitão egípcio para José terminar no Egito. Entretanto, ele orquestrou tudo de acordo com as propriedades com as quais ele criou cada ator.

Deus coopera com as coisas criadas para causá-las a agir como agem

Deus é mais que apenas um relojoeiro divino. Ele faz mais que dotar a criação com certas propriedades e assisti-la a funcionar. Como o teólogo batista John Gill notou, Deus "observa a terra, atenta e cuida de todas as suas criaturas nela, faz provisão para elas, e as guia e dirige para atender aos fins para os quais foram criadas." A palavra principal aqui é "guia." Há um delicado equilíbrio entre orientação aos fins divinos e a busca humana dos próprios alvos.

Imagine que lhe mostrem três tipos de sorvete: baunilha, chocolate e morango. Você é livre para escolher? Antes de responder, considere isso: Você não escolheu seu paladar. Não escolheu sua primeira experiência com cada um desses sabores. Você nem mesmo escolheu as circunstâncias que, em última análise, lhe providenciaram as três escolhas. Tudo isso (as propriedades particulares e as propriedades de outros atores) veio de modo providencial. Assim, quando você faz sua "escolha", podemos dizer com confiança que não é sem a providência de Deus.

O mesmo pode ser dito dos atores que conspiraram para levar José a esse ponto. Deus "cooperou" com os irmãos de José, os comerciantes midianitas e o capitão da guarda egípcia quando eles agiram de acordo com suas propriedades independentes, dadas por Deus, e não em oposição a elas.

Deus dirige todas as coisas para cumprir seu propósito

Tendo criado todas as coisas com propriedades específicas e cooperar com elas, Deus leva essas coisas a lhe cumprir o propósito. Eis o ponto crucial. Providência não significa (como a teoria da "sorte de crente" implica) que Deus orquestra apenas coisas que consideramos prazerosas, proveitosas ou preferíveis, mas ele orquestra *todas* as coisas de maneira apropriada a seus propósitos redentores. Portanto, como a *Segunda Confissão Batista de Londres* corretamente declara: "Nada sucede por acaso ou fora da providência de Deus." (5.2)

Isso pode soar como picuinha teológica, mas é crucial entender a providência divina em geral e o exercício de sua providência na vida de José. De novo, se a providência não é mais que sorte de crente, Gênesis 39 não tem providência e a expressão repetida "O SENHOR era com José" é confusa, na melhor hipótese. Entretanto, se entendemos a providência corretamente, leremos Gênesis 39 com renovado interesse e discernimento.

A JORNADA PROVIDENCIAL DE POTIFAR À PRISÃO (GÊNESIS 39)

E o seu senhor viu que Deus estava com ele e fazia prosperar em sua mão tudo quanto ele empreendia. Por isso, José achou favor aos olhos dele e tornou-se seu assessor; de modo que ele o fez mordomo da sua casa e entregou em suas mãos tudo o que possuía. Desde que o colocou como

mordomo de sua casa e de todos os seus bens, o SENHOR abençoou a casa do egípcio por amor de José; e a bênção do SENHOR estava sobre todos os seus bens, tanto na casa como no campo. Potifar deixou tudo nas mãos de José, de tal modo que não se preocupava com o que estava sob os cuidados dele, mas somente com a sua comida. (Gênesis 39.3-6)

O enredo não poderia ser mais intencional. Quatro vezes em 4 versículos, Moisés nos lembra da mão de Deus nas circunstâncias de José: "O seu senhor viu que Deus estava com" (v. *3a);* "Fazia prosperar em sua mão tudo quanto ele empreendia" (v. *3b);* "O SENHOR abençoou a casa do egípcio por amor de José" (v. *5a);* e "A bênção do SENHOR estava sobre todos os seus bens, tanto na casa como no campo" (v. *5b).* Mas note que a providência aqui é misturada com ironia.

Quando fomos apresentados a José, ele cuidava da casa do pai; aqui ele a serve um capitão egípcio. Antes, Deus fazia Jacó prosperar, multiplicava sua riqueza ao lhe demonstrar favor no pastoreio de ovelhas. Agora, um egípcio torna-se próspero por causa da mão do Senhor na vida do filho do patriarca. Todavia, o Senhor está em ação e governa cada passo de José.

Pureza providencial

Muitas pessoas que já ouviram um sermão sobre Gênesis *39* provavelmente escutaram falar sobre o compromisso de José com a pureza sexual. Evidentemente, há muito que pode ser dito sobre isso. Por exemplo, o encontro de José com a esposa de Potifar está em claro contraste com o encontro de Judá com Tamar no capítulo 38. Entretanto, do ponto de vista prático, muitos aspectos da história não se encaixam bem com a experiência do homem comum com tentação

sexual:

> José era belo de porte e de rosto. E aconteceu depois dessas coisas que a mulher do seu senhor pôs os olhos em José e lhe disse: Deita-te comigo. Mas ele se recusou e disse à mulher do seu senhor: O meu senhor, não se preocupa com o que está sob os meus cuidados na sua casa; entregou em minhas mãos tudo o que tem. Ninguém é superior a mim nesta casa; ele não me negou nada, a não ser a ti, porque és a mulher dele. Como poderia eu cometer este grande mal e pecar contra Deus? Entretanto, ela insistia com José dia após dia; ele, porém, não lhe dava ouvidos para se deitar com ela nem para estar com ela. (Gênesis 39.6-10)

Aqui, vemos novamente a providência de José quando ele mantém a fé no Deus dos antepassados apesar das circunstâncias. Entretanto, sua recompensa não é o que alguém esperaria, em especial se operamos da perspectiva convencional da providência. Esperaríamos que a fidelidade de José fosse recompensada com libertação. Talvez Potifar descobrisse a traição de sua esposa ou Deus pudesse transferi-lo para uma posição melhor. Mas esse não é o caso. Deus, em sua providência, tinha outros planos.

A providência da traição

> Mas, certo dia, sucedeu que ele entrou na casa para fazer o seu serviço, e nenhum dos homens da casa estava lá dentro. Então ela, pegando-o pela capa, lhe disse: Deita-te comigo! Mas ele, deixando a capa na mão dela, saiu e correu para fora. Quando ela viu que ele havia deixado a capa na sua mão, fugindo, chamou os homens de sua casa e disse-lhes: Vede! meu marido trouxe-nos um hebreu para nos insultar; ele tentou deitar-se comigo, mas eu gritei; quando ele ouviu que eu havia levantado a voz e começado a gritar, deixou aqui a sua capa e saiu, fugindo para fora. Ela guardou a capa consigo, até que o senhor dele voltasse para casa. Então lhe repetiu as

> mesmas palavras: O servo hebreu que nos trouxeste aproximou-se de mim para insultar-me; mas, quando levantei a voz e gritei, ele deixou comigo a capa e fugiu. (Gênesis 39.11-18)

Aqui está: a recompensa da fidelidade e pureza de José. Traição. Essa é a parte que se encaixa mal no sermão sobre suportar a tentação e fugir dela. Em vez de um final feliz, a história vai de mal a pior.

A providência da prisão

Conheci homens que me disseram que a melhor coisa que lhes aconteceu foi a prisão. Na verdade, já ouvi isso mais de uma vez enquanto pregava em prisões. Em cada caso, os homens partilhavam histórias de pecado, vício, violência fora de controle ou algo pior. A vida deles estava completamente sem rumo e a única saída era morte — ou assim pensavam. Então, foram para a prisão e encontraram Deus! Jamais me canso de ouvir essas histórias de tições tirados do fogo.

Entretanto, a vida de José não estava desmoronando. Ele não seguia para a morte e destruição. José não precisava ser "resgatado" dessas circunstâncias. Todavia, a prisão era exatamente onde ele precisava estar para cumprir o plano divino. E, embora não soubesse exatamente por quanto tempo (mais de uma década, na verdade), a providência de Deus ainda governava seus passos:

> Ouvindo o seu senhor as palavras que sua mulher lhe havia contado: Teu servo me fez assim, a sua ira se acendeu. Então o senhor de José o tomou e o lançou no cárcere, no lugar em que os presos do rei estavam encarcerados; e ali ele ficou. O Senhor, porém, estava com José, estendendo sobre ele a sua bondade e dando-lhe favor aos olhos do carcereiro, o qual entregou nas mãos de José todos os presos que estavam no cárcere; e José era quem comandava tudo o que se fazia ali. E

> o carcereiro não se preocupava com coisa alguma que estava nas mãos de José, pois o Senhor estava com ele, fazendo prosperar tudo quanto ele empreendia. (Gênesis 39.19-23)

Mais uma vez, a narrativa não deixa espaço para duvidar da providência divina. Como Gênesis 39 começa com repetidas confirmações da presença do Senhor com José, aqui, no final, ela menciona a providência de Deus três vezes: "O SENHOR, porém, estava com José, estendendo sobre ele a sua bondade e dando-lhe favor aos olhos do carcereiro" (v. 21); "O SENHOR estava com ele" (v. 23b); "Fazendo prosperar tudo quanto ele empreendia" (v. 23c). A providência divina é evidente de novo apesar do que parece um desastre. Todavia, essas são apenas as referências óbvias à providência de Deus; há outras.

Primeiro, naquele tempo, a "prisão não era o castigo padrão para crimes."[9] Potifar poderia facilmente ter executado José, mas ele não o fez. Segundo, José não foi enviado para qualquer prisão; ele acabou no lugar onde os prisioneiros do rei estavam confinados — um prenúncio da próxima fase da jornada providencial de José: a corte do faraó. De fato, o rei (ou faraó) é mencionado 9 vezes nos capítulos 39 e 40 (Gênesis 39.1; 40.1,2,5,13,14,17,19), como migalhas nos conduzindo ao capítulo 41.

CONCLUSÕES DE GÊNESIS 39

Como percebemos antes, a lição fácil de Gênesis 39 é a pureza sexual de José. Entretanto, muitos homens que lutam contra o pecado sexual não precisam preocupar-se com a esposa de seu senhor. Elas não o acham tão irresistível e o chamam continuamente até lhe rasgar a roupa. Sem dúvida, esse é o texto perfeito para quem se preocupa com essa situação! Para o resto de nós, há passagens como Mateus

5.27-30 que apresentam instruções muito mais pertinentes. O autor de Gênesis tem muito mais em mente. Com certeza, devemos "fugir da impureza" (1 Coríntios 6.18). Mas essa não é a ideia principal aqui.

Deus está presente com seu povo mesmo nas piores circunstâncias

As palavras mais confortadoras do capítulo são: "Deus estava com José." A expressão é a chave para entender Gênesis 39. A mensagem aqui não é "resista à tentação sexual até que você, também, acabe na prisão." A mensagem aqui é a providência divina! Deus está com seu povo. José encontra-se em escravidão, longe da Terra da Promessa — longe da casa do pai, mas não além do alcance do Senhor.

Como pastor, precisei caminhar com pessoas durante algumas das circunstâncias mais difíceis que se possa imaginar. Nesses períodos, é muito confortador saber que servimos ao Deus presente! "Meu filho foi julgado injustamente e está indo para a prisão. Onde está Deus?" Ele está no mesmo lugar em que estava quando José foi falsamente acusado e mandado para a prisão. O que, aliás, era o mesmo lugar onde ele estava quando seu Filho unigênito foi julgado injustamente e sentenciado à morte! Isso não transformará nosso pranto em festa, mas redirecionará nosso foco e nos lembrará de nossa única fonte de esperança.

Obediência a Deus não garante o favor dos homens

Aqui que abandonamos o "sonho americano". Todos já ouvimos as histórias de pessoas como Abraham Lincoln, Bill Gates, Oprah Winfrey, Michael Jackson e outros, que provam ser preciso apenas um pouco de engenhosidade, trabalho

duro, um descanso aqui e ali, e você também pode sair do nada e tornar-se alguém... *grande!* O tempo todo falamos aos filhos que trabalho duro e integridade valerão a pena no final, que o Senhor recompensará a fidelidade deles. E não digo que não deveríamos falar-lhes essas coisas. Deus nos deu todo um livro da Bíblia, o livro de Provérbios, dedicado a esse tipo de expressões de sabedoria.

Entretanto, a experiência de José é tão real quanto a de Lincoln ou de Oprah. Às vezes, a obediência resulta em mais dificuldade ainda. Às vezes, contar a verdade causa sua demissão. Às vezes, seguir as regras te deixa em quarto lugar, enquanto os trapaceiros ganham o pódio inteiro. E, às vezes, recusar-se a seguir os desejos de uma adúltera podem ser o motivo de sua prisão.

Nossa esperança, contudo, está na justiça suprema de Deus e sua providência. "Sabemos que Deus faz com que todas as coisas concorram para o bem daqueles que o amam, dos que são chamados segundo o seu propósito." (Romanos 8.28) A chave aqui é o *propósito* divino. Não podemos separar providência de propósito ou substituir o propósito dele pelo nosso. Isso é tão verdadeiro para nós como foi para José, como logo veremos.

Não importa quão ruim a situação esteja, ela ainda pode piorar

Isso soa como uma declaração bastante desencorajadora. Entretanto, permita-me explicar antes de emitir juízo. Sharon é uma jovem profissional que postergou a maternidade para seguir uma carreira. Por fim, ela percebeu que o tempo estava se esgotando e ela não confiava em Deus a respeito das circunstâncias de sua vida. Convencidos de que chegara a hora de parar de postergar, ela e o marido decidiram ter o filho. Muitos anos mais tarde, depois de passar por uma série

de abortos espontâneos, Sharon finalmente conseguiu dar à luz. Os abortos espontâneos tinham lhe afetado de várias maneiras; ela jamais conhecera essa dor e desespero. Entretanto, ela e seu marido perseveraram na fé e agora a perseverança resultara em uma linda menina.

Semanas depois, o marido de Sharon morreu de forma súbita e inesperada. Instantaneamente, Sharon passou de mãe de primeira viagem, alegre, com o bebê esperado para viúva e mãe solteira. Ela se sentia devastada. Por que Deus faria isso? Sem dúvida, ela havia experimentado mais que sua cota de perdas com os múltiplos abortos. Por que Deus responderia à oração dela por um bebê apenas para tomar seu marido? O que ela fizera para merecer isso?

Não vou fingir que tenho a resposta dessas perguntas. Entretanto, sei que a providência divina diz respeito aos propósitos dele, não aos nossos: "As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus." (Dt 29.29) Sei que Deus estava disposto a esmagar e matar seu Filho imaculado e sem pecado para sua glória e para a salvação dos eleitos. Assim, como posso culpá-lo quando homens pecadores e falhos, que merecem a morte e o inferno, enfrentam dificuldades e tristezas no caminho para herdar a salvação e glória?

A jornada de José da casa de Potifar para a prisão é um lembrete de que Deus não equilibra a balança aqui e agora. Certamente, ele nem sempre a inclina a nosso favor. Entretanto, ele opera todas as coisas de acordo com o conselho de sua vontade perfeita e imutável, e usa providências duras para cumprir sua obra redentora. Aí está nossa esperança. Assim, podemos dizer com Jó: "Embora ele me mate, ainda assim esperarei nele" (Jó 13.15, NVI).

PROVIDÊNCIA E INTERVENÇÃO (GÊNESIS 40)

O capítulo 40 é um capítulo de transição. O cárcere é apenas uma parada entre a casa de Potifar, o capitão da guarda do faraó, e a corte do próprio faraó. Já sabemos que essa prisão é onde "os presos do rei estavam encarcerados" (39.20). Agora, somos apresentados de pronto a dois desses prisioneiros:

> Depois dessas coisas o copeiro do rei do Egito e o seu padeiro cometeram uma ofensa contra o seu senhor, o rei do Egito. Por causa disso, o faraó indignou-se contra seus dois oficiais, contra o copeiro-chefe e contra o padeiro-chefe; e mandou detê-los na casa do capitão da guarda, no cárcere onde José estava preso; e o capitão da guarda colocou-os a cargo de José para que os servisse. (Gênesis 40.1-4)

José agora passou de capitão da guarda do faraó para carcereiro da prisão do faraó para, por fim, cuidar do padeiro e do copeiro dele. A cada ponto, pela providência divina, ele se aproximou do encontro maior para o qual foi enviado ao Egito. Perceba também que José agora está "na casa do capitão da guarda." Como Potifar é chamado de "capitão da guarda" em 39.1, "parece que José está detido sob a supervisão de Potifar e recebe novamente autoridade."[10]

O segundo par de sonhos

A palavra *sonho* aparece 19 vezes no livro de Gênesis; com exceção de 5, as demais ocorrem na vida de José, entre os capítulos 37 e 41. Há mais duas ocorrências na história de Jacó, seu pai. O sonho de Jacó o auxiliou quando Labão tramava tirar vantagem dele, permitindo assim que Jacó acumulasse riquezas (31.10). Deus veio a Labão em sonho para proteger Jacó da ira de Labão (v. 24).

O próximo par de sonhos ocorre no início da "seção de José" na narrativa (37.5,6,9,10). Então, depois, no meio da provação de José no Egito, o tema dos sonhos e sua

interpretação — algo que sempre sinalizou a intervenção divina a favor de sua família — subitamente reaparece:

> Aconteceu que o copeiro e o padeiro do rei do Egito, que estavam presos no cárcere, tiveram um sonho na mesma noite, cada um o seu sonho, cada sonho com a sua interpretação. Quando José foi até eles pela manhã, viu que estavam perturbados. Então perguntou a esses oficiais do faraó, que com ele estavam no cárcere da casa de seu senhor: Por que o vosso semblante está tão triste hoje? Eles responderam: Tivemos um sonho e não há ninguém que o interprete. Mas José lhes disse: As interpretações não pertencem a Deus? Peço-vos que o conteis a mim. (Gênesis 40.5-8)

No capítulo 39, lemos: "Deus estava com José." No capítulo 40, podemos enxergar isso. O Deus de Jacó envia os sonhos para orquestrar acontecimentos na vida do filho favorito de Jacó. José não está abandonado!

Esquecido... de novo

> E aconteceu que no terceiro dia, aniversário do faraó, este deu um banquete a todos os seus subordinados; e no meio dos subordinados restaurou a posição do copeiro-chefe e do padeiro- chefe; e restaurou o copeiro-chefe ao seu cargo de copeiro, e este voltou a servir a taça na mão do faraó; mas enforcou o padeiro-chefe, a exemplo do que José lhes havia interpretado. O copeiro- chefe, porém, não se lembrou de José; pelo contrário, esqueceu-se dele. (Gênesis 40.20-23)

A última declaração é como um soco no estômago. Quando parece que a libertação de José chegou, o copeiro esquece-se dele. Mais tarde, descobriremos que é apenas uma questão de tempo; no versículo seguinte lemos que "passados dois anos completos, faraó teve um sonho" (Gênesis 41.1). Mas, por enquanto, esse é apenas outro momento de uma série de

momentos desencorajadores que levariam qualquer um ao desespero. Como encontramos esperança nisso? Como encontramos encorajamento?

CONCLUSÕES DE GÊNESIS 40

Gênesis 40 é mais outro capítulo que, visto isoladamente, tem pouca aplicação "cristã." O assunto é sonhos e interpretação? Princípios para promoção no emprego? Seja como for, podemos encontrar material sobre isso em várias fontes. A questão é: como isso se encaixa no plano de redenção? O que isso ensina sobre aqueles cujas vidas estão "escondidas com Cristo em Deus" (Cl 3.3)?

As circunstâncias do nosso serviço não determinam seu valor

Jamais me esquecerei da primeira vez que fiz um teste para um time de futebol americano. Estava no ensino fundamental. E, como muitos dos meninos no campo naquele dia, não tinha muita experiência. Eu era apenas um americano apaixonado tentando jogar o esporte americano — futebol! Enquanto o técnico dividia o campo em seções, uma coisa engraçada, mas previsível, aconteceu. A seção para *receivers, running backs* e *quarterbacks* estava lotada. A seção para posições na linha estava quase vazia. Todos queriam a bola; ninguém queria bloquear.

Por fim, a situação ficou mais realista e não só as fileiras das posições de habilidade diminuíram, como algumas pessoas ficaram na vontade de ter o necessário para ser "pelo menos" uma posição na linha! Quando tudo terminou, alguns continuaram para tornar-se assistentes técnicos ou auxiliares. Em outras palavras, nós tínhamos um time. E cada um, apesar da posição, era parte importante do time — todos — até o rapaz que segurava a prancheta do técnico.

Nós nos tornamos campeões nesse ano. No final, até o pessoal que cuidava da água e os assistentes estavam orgulhosos de se unirem ao time.

De certa forma, essa experiência aparentemente insignificante reflete uma realidade muito mais significativa: "Porque, assim como o corpo é uma só unidade e tem muitos membros, e todos os membros do corpo, ainda que muitos, formam um só corpo, assim também acontece com relação a Cristo." (1 Coríntios 12.12) E, para Paulo, não havia dúvida de que alguns desses membros eram escravos (1 Coríntios 12.13; Gálatas 3.28) e prisioneiros (Efésios 6.20).

Em outras palavras, servir a Deus no contexto de escravidão ou prisão não nega o fato de que servimos a Deus! Além disso, quando entendemos o panorama do propósito redentor divino, sabemos que Deus usa até nossa escravidão, prisão e tudo mais para cumprir seus fins desejados:

> Irmãos, observai o vosso chamado. Não foram chamados muitos sábios, segundo critérios humanos, nem muitos poderosos, nem muitos nobres. Pelo contrário, Deus escolheu as coisas absurdas do mundo para envergonhar os sábios; e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar os fortes. Ele escolheu as coisas insignificantes do mundo, as desprezadas e as que são nada para reduzir a nada as que são, para que nenhum mortal se glorie na presença de Deus. Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual, da parte de Deus, se tornou para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção, a fim de que, como está escrito: Quem se gloriar, glorie-se no Senhor. (1 Coríntios 1.26-31)

Deus está envolvido nas circunstâncias do seu povo onde quer que esteja

É importante lembrar que Deus não é o Deus das coisas "grandes"; ele é o Deus de *todas* as coisas. José deixara a

Terra da Promessa, mas ele não saíra do domínio do governo de Deus. Como o salmista cantou:

> Para onde me ausentarei do teu Espírito?
> Para onde fugirei da tua presença?
> Se eu subir ao céu, lá tu estás;
> se fizer a minha cama nas profundezas,
> tu estás ali também.
> Se tomar as asas da alvorada,
> se habitar nas extremidades do mar,
> ainda ali a tua mão me guiará,
> e a tua mão direita me sustentará. (Salmos 139.7-10)

Às vezes, parece que nossas circunstâncias são muito pequenas ou desagradáveis para Deus estar envolvido. Certamente, ele tem coisas maiores e mais importantes para dar atenção e servos mais dignos que precisam de seu cuidado.

Não devemos nos esquecer de que mesmo os fios de cabelo de nossa cabeça estão contados (Mateus 10.37-39; cf. Lucas 1.27). Não existem pessoas insignificantes no plano redentor de Deus. Nenhum de nós está aqui por acidente. E nenhuma de nossas circunstâncias pegou Deus de surpresa.

OLHANDO ADIANTE

Gênesis 40 permanece o lembrete de que Deus está em ação mesmo quando não conseguimos ver ou não sabemos o que ele faz. Quando José estava a caminho de visitar seus irmãos, Deus tinha a cisterna em mente. Quando ele estava na cisterna, Deus tinha Potifar em mente. Quando ele estava com Potifar, Deus tinha a prisão em mente e, quando ele estava na prisão, Deus tinha faraó em mente. Por fim, veremos que mesmo quando José está com faraó, Deus tem mais que isso em mente.

Acredite ou não, a passagem de José pela prisão diz mais

respeito a você e sua salvação do que você pensa. E um erro lidar com o conjunto das circunstâncias de José de maneira isolada, não apenas por limitar a perspectiva da narrativa maior, mas também porque a narrativa maior é a história da redenção.

Será importante ter isso em mente enquanto tratarmos do capítulo 41. Se não o fizermos, cairemos na armadilha muito conhecida de tratar o próximo capítulo como se fosse o último, quando, na verdade, é apenas outra parada na jornada à redenção. Ao virarmos a página, examinaremos o que creio ser uma das cenas mais — se não a mais — mal compreendidas e interpretadas de toda a Bíblia.

EXALTAÇÃO

GÊNESIS 41

O capítulo crucial da narrativa de José é Gênesis 41. Na verdade, é um dos capítulos mais importantes de toda a Bíblia. Também é um dos mais mal interpretados na Escritura. Escute dez mensagens sobre Gênesis 41 e todas elas lidarão com o que chamo interpretação "cinema americano." Estamos tão acostumados com os arcos narrativos dos filmes modernos que lemos as Escrituras como se elas fossem um filme. Por conseguinte, Gênesis 41 *parece* se encaixar perfeitamente em um típico especial de Natal ou para aqueles filmes para assistir em família.

Ao examinar a vida de José dessa forma, o capítulo 41 parece a grande recompensa esperada. Ele permaneceu fiel e Deus está lhe retribui com fama, fortuna e família. Esse é o momento em que olhamos nos olhos dos alunos de escola bíblica e dizemos: "Crianças, lembrem-se disso na próxima vez que tratarem vocês mal." Mas isso é certo? Essa interpretação se encaixa no contexto da narrativa nesse ponto? Eu acho que não.

Vamos examinar essa parte da história da mesma forma que examinamos tudo mais até esse ponto, tendo em mente os temas maiores de *semente, terra* e *aliança.* Mas, primeiro, permita-me contar uma história. (É uma história que muitos pastores já ouviram).

Helen é uma mãe preocupada. Ela tem um filho chamado Christian que lhe põe de joelhos. Com frequência, ela liga para os presbíteros da igreja orarem por seu filho. Christian era um jovem talentoso e bonito. Ele foi para uma grande universidade, terminou um curso impressionante e conseguiu um ótimo emprego. Tudo que ele tocava parecia virar ouro. Entretanto, seus esforços vieram com um preço.

Christian terminou trabalhando para uma empresa cuja reputação moral era pouco desejável. Ele também se afastou de casa — seguiu para outro país, na verdade. Ele nunca foi à igreja e jamais vê sua família, nem mesmo nos feriados. Mais tarde, ele começou a usar um nome diferente. Ninguém o conhecia como Christian; seus amigos o chamavam de Darwin por causa de sua capacidade de vencer na cultura corporativa de "sobrevivência do mais forte."

Depois, Christian casou-se com uma incrédula, a neta de um dos fundadores da empresa. Eles tiveram um casal de filhos, mas Helen nunca os viu — ela nunca viu sequer uma foto dos netos. Ela sabia, contudo, que eles nunca tinham visto o interior de uma igreja. Não é preciso dizer que Helen estava desolada!

Agora, pense sobre os elementos da história de Helen. Você percebeu de onde eles vieram? Fora as diferenças óbvias (i.e., Christian não foi vendido como escravo e forçado a entrar nessa situação), o resto dos elementos vêm direto de Gênesis 41! Como, então, esse capítulo pode ser considerado a grande conclusão? Por que você ouve a trilha sonora de Hollywood quando imagina José ao lado do faraó?

E por que contamos a nossos filhos que é isso que a fidelidade deles trará? Não, meu amigo, creio que entendemos tudo errado. Eu acho que precisamos examinar os elementos principais deste capítulo de novo.

JOSÉ É LEMBRADO

O texto de Gênesis 41 inicia com outra série de sonhos em que o faraó vê vacas gordas e saudáveis sendo comidas por vacas magras e doentes (v. 1-4) e sete espigas cheias e boas sendo devoradas por espigas mirradas e doentes (v. 5-7): "Pela manhã, o seu espírito estava perturbado. Por isso mandou chamar todos os adivinhos e sábios do Egito. O faraó contou-lhes os sonhos, mas não havia quem os interpretasse para ele." (v. 8)

O fluxo da narrativa é evidente. Esse é o terceiro par de sonhos na vida de José. Ele se estabeleceu como intérprete de sonhos e o faraó precisava de um. O faraó foi mencionado muitas vezes na narrativa, cada movimento de José o traz um passo mais perto do rei e, agora, o rei precisa exatamente do que José tem. E há um homem a serviço do faraó que sabe disso!

> Então o copeiro-mor falou ao faraó: Lembro-me hoje das minhas faltas. Quando o faraó estava muito indignado com os seus subordinados, e mandou-me à prisão na casa do capitão da guarda, a mim e ao padeiro-mor, eu e ele tivemos um sonho na mesma noite; sonhamos cada um o seu sonho, cada sonho com a sua interpretação. Um rapaz hebreu, servo do capitão da guarda, estava ali conosco; contamos a ele os nossos sonhos, e ele os interpretou para nós, a cada um conforme o seu sonho. E aconteceu conforme a sua interpretação: eu fui restituído ao meu cargo, e o outro foi enforcado. (Gênesis 41.9-13)

José não foi mais esquecido! Por fim, o copeiro se lembrou

dele. O resultado disso tudo? José interpreta os sonhos do faraó e ganha sua saída da prisão.

ANTES E DEPOIS: CONTRASTES NA VIDA DE JOSÉ

Curiosamente, Moisés nos deu um caminho claro para entender a natureza do dilema de José. A cada ponto, vemos o contraste direto entre onde José começou e terminou. O contraste aponta para a conclusão bastante clara: Gênesis 41 *não* é a recompensa de José.

O rei/reino pagão versus a casa do patriarca O primeiro contraste é entre o faraó e Jacó. José começou a jornada como filho favorito do patriarca Jacó. Ele cuidava dos negócios de seu pai e era uma pessoa essencial na casa paterna. Daí em diante, ele foi o mesmo para o capitão da guarda e o carcereiro da prisão. Agora, ele servirá a um novo mestre:

> Esse conselho foi bom aos olhos do faraó e aos olhos de todos os seus subordinados. Então o faraó perguntou aos seus subordinados: Poderíamos achar um homem como este, em quem esteja o espírito de Deus? Depois o faraó disse a José: Visto que Deus te revelou tudo isso, ninguém há que tenha discernimento e sabedoria como tu. Comandarás a minha casa, e todo o meu povo se governará por tua ordem; somente no trono serei maior que tu. (Gênesis 41.37-40)

A ironia: José ainda é escravo. Mais importante, seu mestre é um pagão adorado como deus. As frases que usadas pelo faraó são quase idênticas às utilizadas em referência à posição de José na casa de Potifar no capítulo 39: "Desde que o colocou como mordomo de sua casa e de todos os seus bens [...] deixou tudo nas mãos de José" (v. 5,6). E quando José responde aos avanços da esposa de Potifar, ele diz, a respeito do seu mestre: "[Ele] entregou em minhas mãos tudo o que tem. Ninguém é superior a mim

nesta casa; ele não me negou nada, a não ser a ti, porque és a mulher dele" (v. 8, 9). Em outras palavras, José é tão escravo no capítulo 41 quanto nos dois capítulos antes. Entretanto, como seu novo senhor é o homem mais poderoso no mundo, tendemos a ler a história de um jeito diferente.

A prosperidade pagã versus o presente do patriarca

Vemos o segundo contraste quando o faraó coloca joias e roupas em José, como seu pai fizera:

> E o faraó disse mais a José: Eu te coloco no comando de toda a terra do Egito. Então o faraó tirou da mão o seu anel de selar, colocou-o na mão de José, vestiu-o de traje de linho fino e lhe pôs uma corrente de ouro no pescoço. (Gênesis 41.41,42)

Anteriormente, lemos: "Israel amava mais José do que todos os seus filhos, porque ele era o filho da sua velhice; e fez para ele uma túnica longa" (Gênesis 37.3). Só podemos imaginar se José pensou sobre o dia que seu pai lhe deu a túnica especial — e, talvez, o dia em que seus irmãos o arrancaram dela. Seja como for, o contraste é inegável.

Anéis de selar eram usados para assinar documentos oficiais. Cera quente era derramada e o anel pressionado contra ela para afixar o selo oficial do rei. Assim, dar o anel a José significava que faraó estava confiando-lhe seus negócios, como Jacó fizera quando José estava em sua casa. A roupa de linho fino é um contraste mais direto, mas o retrato é claro: José está na terra errada a serviço do líder errado da nação errada (Gênesis 12.1-3).

O culto pagão versus a adoração do patriarca

O terceiro contraste remete ao primeiro par de sonhos registrados na história de José. Lembre-se- se: José disse aos seus irmãos: "Estávamos atando feixes no campo, e o meu feixe levantou-se e ficou em pé" (Gênesis 37.7). Então,

depois do segundo sonho, ele incluiu o pai, a ponto de Israel responder: "Será que eu, tua mãe e teus irmãos viremos a nos inclinar com o rosto em terra diante de ti?" (v. 10). Agora, na casa do faraó, vemos uma história diferente:

> Além disso, ele o fez subir à sua segunda carruagem; e conclamavam diante dele: Ajoelhai-vos. Assim o faraó o colocou sobre toda a terra do Egito. E o faraó disse ainda a José: Eu sou o faraó, mas sem teu aval ninguém levantará a mão ou o pé em toda a terra do Egito. (Gênesis 41.43,44)

Ironicamente, quando Jacó ouviu a interpretação de José para seu sonho, não acreditou nele. Ele e seus filhos ficaram ofendidos com a ideia de se ajoelharem diante de José. O faraó não tinha essas reservas. Ele considera os sonhos de José como uma palavra do alto, enviada para salvar a si mesmo e seu povo. Jacó poderia muito bem ter reagido de forma parecida.

A identidade pagã versus o nome do patriarca

Quando lemos "faraó deu a José o nome de Zafenate-Paneia" (Gênesis 41.45), nossa mente deve voltar a outros exemplos na narrativa de Gênesis onde vimos mudanças de nome, sendo as mais significativas: Abraão, que era Abrão; Sara, que era Sarai; e Israel, que era Jacó.

Em cada caso, Deus efetuou a mudança de nome. Além disso, no caso dos patriarcas, as alterações refletiam um significado pactuai. Abrão ouviu: "Não serás mais chamado Abrão, mas o teu nome será Abraão, pois te coloquei por pai de muitas nações." (Gênesis 17.5) Quando Jacó lutou com o anjo, ouviu: "Não te chamarás mais Jacó, mas Israel; porque lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste." (Gênesis 32.28)

A mudança de nome de José, entretanto, vai na direção oposta. O nome de José originariamente refletia o pedido de

Raquel a Deus para dar-lhe outro filho (Gênesis 30.24). Embora não tenhamos ideia do significado de Zafenate-Paneia, certamente não tem o mesmo significado e provavelmente se relaciona com deidades pagãs. Seja lá o que o nome signifique, o motivo da mudança de nome é claro. Como ocorreu com Daniel, Hananias, Misael e Azarias (Daniel 1.6,7), a mudança de nome fiz respeito a esconder e/ou alterar a identidade hebraica.

Por que interpretamos negativamente as mudanças para nomes babilônicos que ocorrem no livro de Daniel, mas não vemos a mudança de José para um nome egípcio como algo igualmente devastador? Com certeza, Daniel e seus amigos não lembraram da mudança de nome de José e disseram "foi bom quando isso aconteceu com ele [...] talvez seja bom para a gente." Se tirarmos nossas lentes hollywoodianas, esse é o sinal mais claro que veremos na Escritura. Gênesis 41 *não é* o ponto culminante.

A esposa pagã versus a provisão do patriarca

Em Gênesis 41, descobrimos que faraó "Deu a José [...] por mulher Asenate, filha de Potífera, sacerdote de Om. Depois disso, José viajou por toda a terra do Egito" (Gênesis 41.45). Esse quinto contraste nos leva de volta a Gênesis 24, quando Abraão fez seu servo jurar que não tomaria para Isaque uma esposa entre os cananeus, e Gênesis 28.1-3, em que Isaque repete o mesmo para Jacó.

Assim, como Judá fez no capítulo 38, José quebrou a tradição patriarcal ao casar-se com a mulher egípcia. Voltar a Abraão nos lembra que Hagar também era egípcia — apenas mais uma migalha de pão levando-nos a uma interpretação correta dessa porção da narrativa.

A cada ponto do relato, Moisés nos aponta em uma direção única. Ele nos lembra continuamente de que José não

pertence a esse lugar. Moisés não deixa qualquer espaço para a ideia de que essa é a grande conclusão. Não há a sugestão de trilha sonora hollywoodiana. Entretanto, continuamos insistindo em interpretar essa parte da narrativa de outra forma. Convencemos a nós mesmos que essa parte do relato existe para dar-nos esperança, quando, na verdade existe para dar-nos uma pausa. A esperança vem depois.

A IDENTIFICAÇÃO COMO POVOE ATERRA DA ALIANÇA

O primeiro vislumbre de esperança vem quando Deus abençoa José com filhos:

> Antes que chegasse o ano da fome, nasceram dois filhos a José, os quais lhe deu Asenate, filha de Potífera, sacerdote de Om. José deu ao primogênito o nome de Manassés, pois disse: Deus me fez esquecer de todo o meu sofrer e de toda a casa de meu pai. Ao segundo, ele deu o nome de Efraim, pois disse: Deus me fez prosperar na terra da minha aflição. (Gênesis 41.50-52)

Aqui, José tem a chance de revelar um pouco do seu caráter. Até este ponto, além da interpretação dos sonhos do faraó feita por José, tudo que temos visto são ações do faraó. Moisés não nos ofereceu qualquer ideia da reação de José a tudo o que lhe acontecera. Mas, agora, ouvimos do filho favorito do patriarca. E suas ações são claras, decisivas e em completo contraste com a interpretação típica dos acontecimentos anteriores.

José identifica-se com o povo da aliança ao dar a seus filhos nomes hebreus. Como escravo, ele não tinha escolha além de receber o nome dado pelo faraó (e a esposa). Entretanto, quando seus filhos nascem, ele pode escolher. Se ele tivesse aceitado a identidade egípcia — e, mais importante, rejeitado a identidade hebraica — ele teria dado

nomes egípcios aos filhos. Entretanto, ele não o fez. Isso revela de modo inequívoco a lealdade a seu pai.

Considere por um momento o significado monumental desse gesto simples. Eu fui para o ensino médio em San Antonio, Texas, com muitos "Jorges", "Enriques" e "Migueles" que eram chamados George, Henry ou Mike fora de casa. Esses jovens tinham pais que lutavam para manter a identidade mexicana e passá-la aos filhos. Mas, para alguns alunos, isso era difícil de suportar. Eles não queriam passar os dias com gringos trucidando-lhes o nome. E alguns não queriam ser identificados com um país, uma cultura e uma língua que lhes era tão estranhos quanto para o restante dos colegas americanos. Contudo, o objetivo dos pais de reter a cultura familiar era claro. José, aparentemente, tinha o mesmo objetivo.

O senhor de José é egípcio. A esposa de José é egípcia. O sogro de José é egípcio. O mundo inteiro de José, dos 17 aos 37 anos, era egípcio. Todavia, depois de duas décadas longe de casa, ele finalmente tem a chance de fazer uma declaração inequívoca de sua identidade e lealdade! Além disso, os nomes em si têm uma mensagem ainda mais clara.

Manassés

"José deu ao primogênito o nome de Manassés" (Gênesis 41.51). *Manassés* significa *esquecer.* José explicou o significado do nome do primogênito quando disse: "Deus me fez esquecer de todo o meu sofrer e de toda a casa de meu pai." A ideia de José aqui não é que ele se esqueceu do pai ou da comunidade pactuai. Ele afirma que se esqueceu das dificuldades. José escolheu ser definido não pelas dificuldades do passado, mas pela promessa que lhe dá esperança em relação ao futuro.

A escolha desse nome é uma imagem tremenda da graça.

Só Deus pode ser creditado por impedir um jovem de 17 anos, que experimentou tudo o que José passou, de tornar-se um homem de 37 anos cheio de amargura, ressentimento e ódio contra os que lhe fizeram passar por tantas dificuldades.

Escolher o nome *Manasses é* também um retrato da graça estendida por José aos irmãos. Em sentido básico, dar ao filho um nome hebraico significava, para ele, identificar o garoto com o bando de assassinos que o vendeu como escravo. Lembre-se: não havia "nação" de Israel na época. Havia apenas um pequeno clã, de onde vieram as pessoas que jogaram José na cisterna.

Por fim, escolher o nome hebraico para o filho é um ato de graça para Manassés. José era casado com a filha de um sacerdote pagão. Ele não tinha sido exposto à adoração de Yahweh por duas décadas. Entretanto, em vez de adotar a religião vazia e a identidade do Egito, e passar isso para seu filho, José lhe deu um nome que o lembraria por todos dias da vida que ele era parte da comunidade pactuai de servos do Deus Altíssimo.

Efraim

"Ao segundo, ele deu o nome de Efraim, pois disse: Deus me fez prosperar na terra da minha aflição." (41.52) José foi mais além ao dar nome ao segundo filho. O nome *Efraim* significa *frutífero.* Mas a explicação de José para a escolha do nome diz muito mais. Ao dizer que Deus o fez próspero na terra da aflição, José vai além da identificação pessoal com a comunidade da aliança — ele abertamente rejeita o Egito e tudo que este lhe trouxe!

José tem roupas finas, joias, carros, casas e terras à sua disposição. Ele tem as melhores comidas que a terra do Nilo tinha a oferecer, a melhor diversão, e mais. Ele está vivendo

de forma luxuosa, bem além de qualquer coisa que teria experimentado como filho de um pastor. Entretanto, ele chama *essa* terra de terra da sua aflição — não o lugar onde ele foi desprezado, rejeitado e abandonado. Com o segundo nome, José deixa claro que ele não faz referência apenas à sua herança; ele se identifica como um hebreu entre os egípcios.

Assim, essa parte da narrativa de José — sobre o nome dos filhos — toca dois de nossos temas centrais: aliança e terra. Primeiro, ele se identifica com o povo da aliança. José é hebreu, servo de Yahweh. Ele não é um pagão egípcio. Essa é uma notícia incrível diante da rejeição e dificuldade que ele experimentou e a recepção do faraó de braços abertos. Vemos aqui que José preferia ser identificado com Israel, o pastor, que com faraó, o rei do mundo.

Segundo, José identifica-se com a Terra da Promessa, não com a terra do Egito. Devia ser óbvio para José que ele nunca mais voltaria para casa. A essa altura, ele sabia que sua jornada da casa para encontrar seus irmãos foi uma viagem só de ida. Assim, seria compreensível se ele se resignasse e torna-se um egípcio. Ele falava a língua, conhecia os costumes e, a essa altura, tinha passado mais tempo no Egito que em qualquer outro lugar. Em termos práticos, José *era* egípcio. Entretanto, no peito dele batia a esperança da promessa que Deus fez a Abraão e confirmou a Isaque e Israel.

O tema remanescente, *semente,* virá depois. Mas há sugestões sobre o tema na conclusão do capítulo 41.

A SEMENTE

Neste ponto, é importante lembrar-se da primeira seção de *toledot'.* "São essas as origens dos céus e da terra, na ocasião em que foram criados" (Gênesis 2.4). Como já se

observou antes, o tema da semente foi primeiro aplicado à terra (1.29) antes de ser aplicado ao Redentor Prometido (3.15). Assim, não deveria surpreender o fato de Deus ligar os dois conceitos quando a narrativa se desenrola.

> Então se acabaram os sete anos de fartura que houve na terra do Egito; e começaram a vir os sete anos de fome, como José tinha dito. E havia fome em todas as terras; porém, havia comida em toda a terra do Egito. Depois, quando toda a terra do Egito teve fome, o povo clamou ao faraó por comida. Então o faraó disse a todos os egípcios: Ide a José e fazei o que ele vos disser. (Gênesis 41.53-55)

A terra, da qual Deus prometeu prover comida por plantas que produzem sementes, havia deixado de dar fruto. Em outras palavras, Deus deteve a semente. Como resultado, há fome na terra e haveria fome se não fosse por um hebreu escravo que virou prisioneiro, a quem Deus enviou ao Egito para interpretar o sonho do faraó. Por causa desse hebreu, *há* semente apesar do fato de a terra ter parado de produzir. Mas essa é a única razão para José ter vindo? Salvar o Egito?

A resposta encontra-se no parágrafo final:

> De modo que, estando a fome sobre toda a terra, José abriu todos os depósitos e passou a vender aos egípcios; porque a fome prevalecia na terra do Egito. Também vinha ao Egito gente de todas as terras para comprar de José, porque a fome prevalecia em todas as terras. (Gênesis 41.56-57)

Agora, o plano providencial de Deus está em primeiro plano. Vinte anos antes da fome, Deus sabia que: 1) A terra deixaria de produzir; 2) Seu povo morreria de fome sem intervenção; e 3) O Egito teria recursos suficientes parar armazenar grãos durante os anos de fartura antes da fome. Como consequência, ele primeiro enviou um sonho a José prenunciando o que ele faria. Em seguida, ele continuou ao

usar o ódio assassino dos irmãos de José e as predileções dos descendentes de Ismael para enviar José para o Egito.

No Egito, Deus fez José entrar na casa de Potifar, preservou-o do adultério e orquestrou sua prisão para que ele conhecesse e interpretasse os sonhos do padeiro e do copeiro. Tudo isso ocorreu para o copeiro se lembrar de José quando Deus enviou a faraó um sonho que ele não poderia interpretar. A capacidade de José de interpretar o sonho do faraó levaria à sua exaltação, à preservação da semente e aos celeiros sobejantes. O Egito se tornaria o único lugar no mundo onde o povo da aliança de Deus poderia vir para comprar grãos e sobreviver.

Em resumo, Deus enviou José ao Egito não para se tornar rico e poderoso, mas para preservar a Semente Prometida e garantir a salvação do povo de Deus, a curto prazo (Israel/Judá) e a longo prazo (todos os pertencentes ao Leão de Judá)! Louvado seja Deus! Como podemos ousar transformar isso em uma ladainha sobre prosperidade material!

CONCLUSÕES DE GÊNESIS 41

Quantas vezes interpretamos Gênesis 41 de forma errada? Fico quase envergonhado de responder essa pergunta. Minha tendência natural de ler a Escritura como roteiro de Hollywood me levou várias vezes a pensar que as grandes lições de Gênesis 41 giram em torno da recompensa da prosperidade material, ou ensinar assim. Perceba: há muito a ser dito sobre a fidelidade e perseverança de José. Não estou dizendo de forma alguma que esses princípios são insignificantes. Entretanto, o que aprendo ou, mais importante, ensino quando trato essas coisas como as grandes lições desse texto? "Esforce-se mais e Deus

recompensará seus esforços?" Meu amigo, há um caminho melhor.

Este mundo é a terra da nossa aflição, não importa quão bom ele seja

Os autores do Novo Testamento não fazem menção da ascensão de José à proeminência no Egito. Ao contrário, eles focam na escolha da aliança em detrimento da conveniência. Considere a forma como Estêvão pregou a narrativa de José e veja se há qualquer sugestão do capítulo 41 ser o grande clímax:

> Os patriarcas, movidos por inveja, venderam José para o Egito. Mas Deus estava com ele, livrou-o de todas as tribulações e deu-lhe graça e sabedoria perante o faraó, rei do Egito, que o constituiu governador sobre o Egito e sobre toda a sua corte. Houve, então, fome e grande tribulação em todo o Egito e em Canaã; e nossos pais não achavam alimento. Mas, tendo ouvido que no Egito havia trigo, Jacó enviou nossos pais para lá pela primeira vez. E, na segunda vez, José se revelou a seus irmãos, e a sua família foi conhecida pelo faraó. Então José mandou chamar seu pai Jacó e todos os seus parentes, setenta e cinco pessoas. E Jacó desceu ao Egito, onde morreu, ele e nossos pais. E foram transportados para Siquém e colocados na sepultura que Abraão havia comprado, por certo preço em prata, dos filhos de Hamor, em Siquém. (At 7.9-16)

Esse é o tratamento mais extenso da narrativa de José em todo o Novo Testamento. Estêvão com certeza não considerava a elevação ao poder no Egito como um fim em si mesmo. Ele enxergava com clareza o propósito divino mais amplo como a chave da história. Além disso, como o autor de Hebreus, Estêvão enfatiza a rejeição do Egito por parte de José quando, ao lidar com a morte de Jacó, escreve: "Onde morreu, ele e nossos pais. E foram transportados para

Siquém” (At 7.15,16). Isso, como a referência em Hebreus, mostra a importância da escolha de ser enterrado na Terra Prometida em oposição à terra do Egito.

O fato é que, não importa quão boas as coisas fiquem neste mundo, isso tudo é Egito! Nunca haverá colares de ouro, linho fino, louvor, adoração ou qualquer outra coisa para satisfazer o anseio que Deus colocou em nós. Só a presença dele na Terra da Promessa satisfará seu povo. A história de José nos insta a esperar pela “Cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e construtor” (Hebreus 11.10).

O povo de Deus não é definido pelas dificuldades do passado

E impossível ler Gênesis 41 sem se surpreender com a reação de José às circunstâncias passadas. Isso se tornará ainda mais claro enquanto a história avança, mas já aqui, ao dar ao primogênito o nome de *Manassés,* vemos que José se identifica com o povo de Deus. Essa é a graça divina em ação! Só a segurança procedente do conhecimento, do serviço e da espera em Deus pode explicar a resposta de José ou de qualquer um de nós.

Como posso ler a história de José e continuar a concentrar em minhas feridas, decepções e fraquezas? Da próxima vez que você destratar alguém por tê-lo deixado furioso, não procure a explicação comum: "Sou um latino esquentado", ou "Sou do sul" (ou "irlandês", "negro" ou [insira sua desculpa étnica]). Pare e pergunte a si mesmo se seu contexto étnico, cor de cabelo, família desestruturada ou qualquer outra condição em que você foi criado é desculpa suficiente para pecar.

Deus é maior que seu passado. O pai, irmão, professor ou qualquer pessoa que abusou de você não define sua identidade hoje. Aquela pessoa que feriu, decepcionou, rejeitou ou criticou você repetidas vezes enquanto você estava crescendo não pode "fazer" de você algo que o sangue de Cristo não é suficiente para cobrir. A igreja em que você cresceu, cheia de hipócritas fofoqueiros, não é desculpa para você rejeitar o povo de Deus hoje. Em resumo, você precisa de um Manassés! Não seja definido pelas dificuldades do passado. Em vez disso, seja definido pela esperança do que é seu em Cristo.

Dar nomes aos filhos é uma oportunidade de

evangelizar

Como alguém cujo sobrenome não significa algo, eu sou provavelmente mais sensível a isso que o leitor médio. Entretanto, o nome dos filhos de José é um ponto importante da história que não pode ser ignorado. Eles aparecem logo depois de José receber um novo nome do faraó, o que remete às mudanças de nome do pai e do bisavô de José. Assim, isso nos ensina algo sobre a importância e o impacto potencial dos nomes.

Você consegue imaginar como foi quando Efraim e Manassés eram maduros o bastante para José lhes explicar o significado do nome deles? Que oportunidade incrível! "Garotos, quero contar a vocês sobre seu avô e seus tios, e como Deus trouxe seu pai ao Egito." Ele teve a oportunidade de ensiná-los sobre a promessa de Deus a Abraão de fazer dele uma grande nação. Ele era capaz de ensiná-los sobre perda e esperança. Além disso, ele podia transformar as apresentações cotidianas dos filhos em oportunidades de testemunho.

OLHANDO ADIANTE

Há uma série de outros ensinamentos que poderíamos aprender com Gênesis 41. Entretanto, devemos nos lembrar do nosso alvo. Queremos ver como a história de José se encaixa no contexto da história da redenção. Assim, Gênesis 41 é um momento fundamental em que o propósito providencial de Deus para as circunstâncias difíceis de José entra em foco. Contudo, há mais para descobrir. Veremos o que acontece com os irmãos de José e se eles mudaram. Esse é o foco da próxima seção da narrativa de José.

EXAME

GÊNESIS 42

Um dos relacionamentos mais complicados na minha vida foi minha relação com meu pai. Meu pai não me criou. Na verdade, minha mãe, ainda adolescente, foi abandonada para cuidar de mim sozinha. A história é muito mais longa e complicada que o espaço permite. Mas o resumo é: foi difícil para mim confiar em meu pai, especialmente quando se fica mais velho e temos nossos filhos. Eu não consigo imaginar o que poderia me levar a abandona-los.

Anos depois, meu pai teve um problema com drogas. Isso complicou as coisas. Agora, não só era difícil para mim lidar com nosso relacionamento à luz do passado, como também era difícil confiar nele por causa do vício. Ele conseguiria permanecer sóbrio? Ou fugiria da reabilitação de novo e desapareceria durante vários meses? Ele roubaria de mim para comprar drogas? Posso confiar nele perto dos meus filhos? Essas e outras questões tornaram quase impossível estabelecer um relacionamento saudável com meu pai enquanto adulto.

Um dia, meu pai foi convertido. Quando conversei com ele, sua profissão de fé soava verossímil. Meu pai tornou-se meu irmão em Cristo, mas ele ainda lutava com o vício. Eu sei que todos já ouvimos os testemunhos de pessoas que vieram à fé em Cristo e pararam de beber, fumar ou usar drogas de imediato. Entretanto, muitas dessas pessoas exageram. Mesmo que não o façam, elas consistem na exceção, não são a regra. A verdade é que muitas pessoas continuam a lutar com o vício após a conversão.

Quando meu pai estava sóbrio, ele ligava e queria restabelecer contato comigo e minha família. Ele amava sua nora e seus netos. Além disso, ele era um *ótimo* avô! Eu adorava vê-lo nesse papel. Entretanto, quando ele tinha uma recaída, era difícil saber quando e como confiar nele de novo. Às vezes, eu me perguntava se não seria melhor eu

simplesmente me afastar dele de vez. Ele tinha me ferido e agora eu estava lhe dando a oportunidade de ferir minha esposa e meus filhos. Quanta liberdade eu deveria dar a ele? Quais outros riscos eu poderia assumir?

De várias formas, é exatamente isso o dilema diante de José em Gênesis 42. Deus, em sua providência, orquestrou os acontecimentos de tal maneira que, mais de duas décadas depois do dia fatídico em Dotã, José reencontra os seus irmãos. Mas, antes do reencontro, Moisés nos apresenta um vislumbre da vida dos seus irmãos. Lembre-se: não ouvimos ou vimos nada sobre eles na narrativa que cobre esses vinte anos (exceto pelo relato de Judá no cap. 38):

> Sabendo Jacó que havia trigo no Egito, disse a seus filhos: Por que estais olhando uns para os outros? E prosseguiu: Tenho ouvido que há trigo no Egito; descei até lá e o comprai para nós, a fim de que sobrevivamos e não morramos. Então os dez irmãos de José desceram para comprar trigo no Egito. Mas Jacó não deixou que Benjamim, irmão de José, fosse com seus irmãos, pois disse: Para que não lhe suceda algum desastre. Assim os filhos de Israel foram também entre os que iam para lá para comprar, porque havia fome na terra de Canaã. (Gênesis 42.1-5)

Encontramos várias pistas sobre a vida dos irmãos nesse curto parágrafo. Sabemos, por exemplo, que os filhos de Jacó, agora na meia-idade, ainda vivem com ele e dependem dele. Jacó fala com os filhos como se eles ainda fossem garotos que não conseguem saber o que fazer por conta própria. Todos eles são crescidos e têm esposas e filhos nessa época (que serão citados mais tarde na narrativa). Entretanto, Jacó ainda é o patriarca da família.

Também sabemos que a fome afetou a família de Jacó e os levou a recorrerem ao Egito. Jacó fala sobre a necessidade de

trigo em termos de vida ou morte. Não é algo irrelevante. Muito tempo passou, tudo o que eles tinham se esgotou e eles precisavam de mais.

Por fim, sabemos que Jacó mantinha Benjamim por perto com medo de que seus irmãos permitissem que algo ruim acontecesse com ele — ou mesmo que lhe causassem algum mal. As palavras do versículo 4 ("Mas Jacó não deixou que Benjamim, irmão de José, fosse com seus irmãos, pois disse: Para que não lhe suceda algum desastre") são bastante reveladoras. Benjamim representava um par extra de braços e outro jumento e, talvez, na época, ele tivesse muitos filhos que carregariam trigo do Egito. Entretanto, os temores de Jacó tinham mais peso sobre ele que a fome.

Em resumo, o que sabemos sobre a família de Jacó não é promissor.

O TÃO ESPERADO ENCONTRO

Enfim, depois de duas décadas — um período como escravo, muitos anos na prisão e quase dez anos na corte do faraó —, José reencontra os irmãos. Não tem festa. Não há advertência nem sonho de Deus para prepará-lo. Ele apenas está trabalhando duro certo dia e lá estão eles:

> José era o governador da terra; era ele quem vendia a todo o povo da terra; e, chegando os irmãos de José, prostraram-se diante dele com o rosto em terra. Vendo seus irmãos, José os reconheceu; mas portou-se como estranho para com eles, falou-lhes asperamente e perguntou-lhes: De onde vindes? Eles responderam: Da terra de Canaã, para comprar mantimento. Assim, José reconheceu seus irmãos, mas eles não o reconheceram. José lembrou-se então dos sonhos que havia tido a respeito deles e disse-lhes: Sois espiões e viestes ver se a terra é vulnerável. E eles responderam: Não, meu senhor; teus servos vieram comprar mantimento. Somos todos filhos do mesmo homem; somos homens corretos; os

teus servos não são espiões. (Gênesis 42.6-11)

Percebeu? Esse é o momento que Deus prenunciou no sonho de José: "E os vossos feixes o rodeavam e se inclinavam perante o meu feixe" (Gênesis 37.7). Quando os irmãos ouviram o sonho de José pela primeira vez, ficaram cheios de ódio e ressentimento. Agora, quando estão diante de um poderoso governador "egípcio", curvar-se não é um problema.

Essa reviravolta é bem estranha. A Terra Prometida está sem comida; a terra do Egito tem de sobra. Os filhos de Jacó estão curvados e abaixados; esse "filho" do faraó apresenta-se exaltado e orgulhoso. Os homens de coração cheio de amargura e ódio não conseguem sequer reconhecer a vítima de seus crimes, embora duas décadas não sejam o bastante para seus rostos desaparecerem da memória de José.

O versículo 11 é quase cômico. Os irmãos dizem: "Somos homens corretos. Os teus servos não são espiões." Essa declaração quase pede uma investigação do caráter deles. E possível quase ouvir um eco no texto: "Podemos ser assassinos, sequestradores, adúlteros e mentirosos, mas com certeza não somos espiões." Mas, para ser justo, isso foi antes. A pergunta que José (e o leitor) precisa de resposta é: Que tipo de homens eles são agora?

O TESTE DA FÉ

Antes de revelar-se a seus irmãos, José os examina. Isso é importante porque há muitas perguntas sem resposta que podem determinar como e quando ele vai se revelar. Lembre-se: ele pode revelar-se como juiz deles. Esses homens poderiam ter matado o pai e o irmão mais novos tão facilmente quanto se livraram dele. Não é certo ainda se José se reconciliará com esses homens.

Nem é estranho testar os atos dos homens para discernir a fidelidade deles ao Deus da aliança:

> Cuidado com os falsos profetas, que vêm a vós disfarçados em pele de ovelha, mas interiormente são lobos devoradores. Pelos frutos os conhecereis. Por acaso colhem-se uvas dos espinheiros, ou figos de plantas com espinhos? Assim, toda árvore boa produz bons frutos; porém, a árvore má produz frutos maus. Uma árvore boa não pode dar frutos maus, nem uma árvore má dar frutos bons. Toda árvore que não produz fruto bom é cortada e lançada no fogo. Portanto, vós os conhecereis pelos frutos. (Mateus 7.15-20)

Se os irmãos dizem ser "homens corretos", então deveria haver evidência disso. Para discernir a condição espiritual deles, José submete seus irmãos a sete testes. Preste muita atenção às perguntas que são feitas a eles, às situações em que são colocados e aos desafios que recebem. Ao fazer isso, não só você terá uma ideia da temperatura espiritual dos filhos de Jacó, como pode aprender uma ou outra coisa sobre si mesmo.

Não fique olhando de fora. Essa é a Palavra de Deus; permita que ela faça seu trabalho. Afinal, a admoestação de Paulo é clara: "Examinai a vós mesmos, para ver se estais na fé. Provai a vós mesmos. Ou não reconheceis que Jesus Cristo está em vós? A não ser que já estejais reprovados" (2Coríntios 13.5). Que o teste comece.

Teste 1: Benjamim está vivo?

José sabe que o ódio assassino de seus irmãos estava enraizado na horrível rivalidade entre eles. José era o favorito por ser o filho da esposa favorita de Jacó, a única mulher com quem este realmente *queria* se casar, Raquel. Entretanto, José não era o único filho de Raquel. Seu irmão Benjamim era o único filho restante da união de Raquel e

Jacó. José precisava saber se o rapaz estava vivo ou se seus irmãos tinham se livrado dele também:

> Mas ele respondeu: Não; viestes ver se a terra é vulnerável. Mas eles disseram: Nós, teus servos, somos doze irmãos, filhos de um homem da terra de Canaã; o mais novo está hoje com nosso pai, e o outro já não existe. Mas José reafirmou: É como vos disse; sois espiões. Sereis postos à prova; pela vida do faraó! Não saireis daqui a menos que vosso irmão mais novo venha para cá. (Gênesis 42.12-15)

Eles conseguem apresentar um irmão mais novo? Ou eles teriam de admitir que ele também "já não existe"? O primeiro teste tem um propósito duplo. Primeiro, como observamos, José quer saber se seu irmão está vivo. Ele sabia exatamente por que seus irmãos o odiavam. Ele também sabia o que Jacó sentia por sua mãe e podia supor com facilidade que Benjamim se tornaria o novo alvo do afeto do pai. Por causa do que seus irmãos lhe fizeram, José tinha todos os motivos para crer que Benjamim não estava a salvo.

Segundo, se Benjamim *estava* vivo, José sem dúvida desejaria ver seu irmão mais próximo. A rivalidade causada pelo favoritismo de Jacó certamente teria criado o ambiente em que os irmãos seriam forçados a identificar-se por clãs: esses são os garotos de Raquel, esses são os filhos de Lia etc. José muito possivelmente teria sido mais próximo de Benjamim. Além disso, Benjamim era o único ausente no dia em que José foi traído.

Teste 2: Algum voluntário para trazer Benjamim para cá?

> Enviai um de vós para trazer vosso irmão; vós outros ficareis presos a fim de que as vossas palavras sejam comprovadas, se

> falais a verdade; senão, pela vida do faraó, sois espiões. E colocou-os juntos na prisão por três dias. (Gênesis 42.16,17)

Nós podemos aprender muito com o segundo teste. Primeiro, há um líder do clã? Quem se mostrará à altura da situação e irá se voluntariar para encarar Jacó e pedir permissão para levar seu *novo* filho favorito para o Egito? Isso falaria muito sobre o homem que se dispor. O candidato mais provável era o filho mais velho, Rúben.

Segundo, há alguém a quem os outros confiariam essa tarefa? Os líderes nem sempre precisam voluntariar-se. De fato, se um homem é verdadeiramente um líder, todos os olhos se voltarão para ele quando a oportunidade que demandar sua liderança aparecer. Infelizmente, no caso, nenhum homem se oferecerá e nenhum homem é considerado o líder pelos outros, como evidencia o silêncio ensurdecedor.

Teste 3: Algum voluntário para ficar por aqui?

> Ao terceiro dia, José lhes disse: Eu temo a Deus; fazei isto e tereis vida: Se sois homens corretos, fique um dos irmãos preso no lugar da vossa prisão; vós outros, porém, ide e levai trigo para a fome de vossas casas, e trazei-me o vosso irmão mais novo; assim serão verificadas vossas palavras, e não morrereis. E eles assim fizeram. (Gênesis 42.18-20)

O teste 3 é o teste *real.* Lembre-se: os homens deixaram José na cisterna para ser vendido como escravo no Egito, então contaram ao pai que ele havia sido devorado por animais selvagens. E eles fizeram isso apenas depois de Judá os convencer que matá-lo eliminaria a possibilidade de lucrar financeiramente com o crime. Se um deles demonstrasse confiança suficiente nos outros nove para se voluntariar a ser deixado sozinho no Egito, seria óbvio que, de fato, alguma

mudança teria ocorrido.

Teste 4: Alguém voltará por Simeão?

> Então disseram uns aos outros: Na verdade, nós somos culpados com respeito a nosso irmão, porque vimos a angústia da sua alma, quando nos rogava, e não o quisemos atender; é por isso que esta angústia está vindo sobre nós. E Rúben lhes respondeu: Não vos dizia eu: Não pequeis contra o menino? Mas não quisestes ouvir; por isso agora o seu sangue está sendo cobrado de nós. E eles não sabiam que José os entendia, porque havia intérprete entre eles. Então, José se retirou e chorou. Depois voltou até eles, falou-lhes e tomou Simeão dentre eles; então, amarrou-o diante de seus olhos. (Gênesis 42.21-24)

O quarto teste vem depois de uma revelação comovente. Não há nada em Gênesis 37 sobre José "implorando" a seus irmãos por misericórdia. Entretanto, quando os homens conversavam entre si, somos informados dos sórdidos detalhes: "Vimos a angústia da sua alma, quando nos rogava, e não o quisemos atender" (42.21). Isso, junto com a reação emocionada de José, nos dá apenas um vislumbre do horror desse dia.

E não pense que José foi o único afetado pelo que aconteceu. Seus irmãos apresentam-se como "doze irmãos, filhos de um homem da terra de Canaã; o mais novo está hoje com nosso pai, e *o outro já não existe"* (42.13). Eles mencionam o horror desse dia sem que José os provoque. Eles não haviam se esquecido do que fizeram e nunca se esqueceriam disso.

Depois de remover o véu desse dia horrível, Moisés passa de modo imediato para a aplicação do quarto teste — o que, aliás, é a confirmação da reprovação dos irmãos no segundo e no terceiro testes. Ninguém se voluntariou para ir e

ninguém se voluntariou para ficar. Por fim, José toma a decisão por eles ao tomar Simeão e amarrá-lo "diante de seus olhos."

Em uma profunda reviravolta, os homens que acabaram de conversar entre si sobre o horror infligido a seu irmão devem assistir a algo muito semelhante acontecer com Simeão. Eles já haviam aludido ao fato de que isso lhes sobreveio por causa do que fizeram a José. As ações de José devem ter servido apenas para consolidar a crença deles.

Se eles tivessem conhecido o Novo Testamento, talvez as palavras de Paulo ressoassem em seus ouvidos: "Não façais nada por rivalidade nem por orgulho, mas com humildade, e assim cada um considere os outros superiores a si mesmo. Cada um não se preocupe somente com o que é seu, mas também com o que é dos outros" (Filipenses 2.3,4). Mas eles foram deixados apenas com a memória de um irmão que haviam traído e o sentimento desolador de lhe ouvir os clamores em seu pensamento.

E quanto a Simeão? Ele estava lá quando colocaram José na cisterna. Ele sabia que os negociantes midianitas o levaram para o Egito. A cada passo da jornada para comprar trigo, ele se lembrava do irmão que fez a viagem sozinho, possivelmente acorrentado. Agora, aqui estava ele, amarrado e separado de sua família na mesma terra. Como isso deve ter lhe afetado?

Teste 5: Como eles reagirão ao dinheiro?

> Então José ordenou que lhes enchessem de trigo as bagagens, que restituíssem a cada um a prata na bagagem e lhes dessem provisões para o caminho. E assim lhes foi feito. Assim eles carregaram de trigo os seus jumentos e partiram. Quando um deles abriu a bagagem para dar forragem ao seu jumento na estalagem, viu a prata que estava na boca da bagagem. E disse

> a seus irmãos: Minha prata foi devolvida; está aqui na bagagem. Então o coração deles desfaleceu e, tremendo, viravam-se uns para os outros, dizendo: Que é isto que Deus nos fez? (Gênesis 42.25-28)

A força dessa última frase é admirável. "Então o coração deles desfaleceu e, tremendo, viravam-se uns para os outros, dizendo: Que é isto que Deus nos fez?" Hitchcock não teria feito algo melhor (especialmente porque isso tem o peso da verdade). Essas eram pessoas reais em um momento real da história. Lembre-se: eles estão destruídos emocionalmente. Todos reviveram o ato terrível cometido contra seu irmão. Até onde sabiam, ele morreu no mesmo lugar onde eles acabaram de deixar Simeão. E agora isso!

A questão é: se eles estavam tão assustados, por que não voltaram para o Egito para devolver o dinheiro? Eles não tinham percorrido todo o caminho ainda e a vida de seu irmão estava em jogo. Ele seria punido por esse crime evidente? Não sabemos a resposta, mas é uma pergunta digna de ser feita. O problema será, contudo, resolvido depois. Deus vai usar esse evento para moldar esse grupo de irmãos.

Os testes remanescentes não são aplicados de modo direto por José. Contudo, eles têm relação com os acontecimentos desencadeados por ele. A única maneira de seus irmãos conseguirem cumprir as ordens de José é convencer Jacó a enviar Benjamim com eles de volta ao Egito. E essa realidade que leva inevitavelmente aos testes 6 e 7.

Teste 6: Eles ganharam a confiança de Jacó?

> E aconteceu que, quando eles esvaziaram as bagagens, a bolsa com a prata de cada um estava em cada bagagem; quando eles e seu pai viram suas bolsas com a prata, tiveram medo.

> Então Jacó, seu pai, disse-lhes: Estais tirando meus filhos; José já não existe, Simeão não voltou, e quereis levar Benjamim! Todas essas coisas caíram sobre mim. Mas Rúben falou a seu pai: Se eu não o trouxer de volta a ti, mata os meus dois filhos; deixa-o em minhas mãos, e eu o trarei de volta a ti. Ele, porém, disse: Meu filho não descerá convosco; pois o seu irmão já está morto, e só ele restou. Se lhe acontecer algum desastre no caminho que seguirdes, fareis meus cabelos brancos descer com tristeza ao túmulo. (Gênesis 42.35-38)

"O pai do justo terá grandes alegrias, e quem gerar um filho sábio, nele se alegrará" (Provérbios 23.24). Esse provérbio seria verdadeiro para Jacó? Ele é pai de filhos sábios? Ele se alegra grandemente neles? A resposta, infelizmente, é um retumbante *não*\ Sua resposta é emblemática: "Estais tirando meus filhos; José já não existe, Simeão não voltou, e quereis levar Benjamim! Todas essas coisas caíram sobre mim" (v. 36). Este não é um homem que confia nos filhos.

Perceba que *Jacó culpa os filhos pela morte de José.* Essa é uma evidência clara de que os irmãos não passaram no sexto teste. Seu pai *não* confia neles. É claro, José deixou Jacó sem escolha. Por fim, ele terá de deixar Benjamim partir, o que significa que alguém terá de se oferecer e aceitar a responsabilidade por ele. Com uma oferta dramática, Rúben tenta ser esse homem, mas sem sucesso. Ele oferece que os dois filhos sejam mortos no caso de ele não voltar com Benjamim.

A resposta de Jacó revela não apenas a falta de confiança nos filhos, mas também resquícios do favoritismo que estava na raiz da rivalidade: "Meu filho não descerá convosco; pois o seu irmão já está morto, e só ele restou. Se lhe acontecer algum desastre no caminho que seguirdes, fareis meus cabelos brancos descer com tristeza ao túmulo" (v. 38).

Talvez, ele não estivesse pensando no que dizia. Mas suas palavras, na prática, significam que ele está mais disposto a sacrificar Simeão que correr o risco de perder o amado Benjamim, a última lembrança da mulher que ele amou.

Teste 7: Eles ganharam a confiança de Benjamim?

O último teste ocorre em silêncio. Em outras palavras, Moisés não responde à pergunta de forma direta. Mas uma investigação mais atenta dos fatos é bem reveladora. Lembre-se: Benjamim não é um menino; ele é um homem crescido, provavelmente com seus trinta e poucos anos. Isso é importante, já que não ouvimos nada vindo dele. Ele não fala e diz que está disposto (ou não) a ir. Ele não defende Simeão, seu irmão. Em resumo, ele permanece em silêncio enquanto o pai condena um dos seus irmãos mais velhos à morte por causa dele. Isso pode não ser definitivo, mas não acho que podemos considerar uma aprovação. Assim, *os irmãos foram reprovados em todos os testes propostos,* exceto o primeiro: Benjamim está vivo de fato!

CONCLUSÕES DE GÊNESIS 42

Embora os sete testes não se relacionem conosco diretamente, as quatro categorias que eles abrangem muito possivelmente se relacionam entre si: 1) Os pecados do seu passado continuam a caracterizar seu presente? 2) Você tem aprendido a amar os outros? 3) Como você reagirá diante de um dilema moral? E: 4) As pessoas mais próximas de você perceberam mudanças?

De várias formas, as quatro categorias são muito similares aos "testes" de João, resumidos no capítulo final de sua primeira carta:

> Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus; e

> todo aquele que ama o que o gerou, ama também o que dele é nascido. Assim sabemos que amamos os filhos de Deus: se amamos a Deus e guardamos seus mandamentos. Porque o amor de Deus está nisto: em guardarmos seus mandamentos, e seus mandamentos não são um peso. Pois todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé. Quem vence o mundo, senão aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus? (1 João 5.1-5)

Evidentemente, os testes de Gênesis 42 não incluem a pessoa e obra de Cristo e a crença correta nelas. Entretanto, as semelhanças são claras. O apóstolo João nos estimula, ao longo de toda a sua carta, ao autoexame em busca da evidência de que a fé em Cristo produziu fruto semelhante ao que está sendo testado em Gênesis 42.

Os pecados do seu passado continuam a caracterizar seu presente?

A primeira categoria (teste 1) vai direto ao cerne da transformação verdadeira. Embora não tenhamos vendido um irmão como escravo, cada um de nós tem pecados no passado que podem nos caracterizar. Como cristãos, devemos sempre nos questionar se os pecados do passado continuam a caracterizar o presente: "Portanto, se alguém está em Cristo, é nova criação; as coisas velhas já passaram, e surgiram coisas novas." (2Coríntios 5.17)

O primeiro teste de José determinaria se seus irmãos continuavam em sua amargura e ódio assassino. De modo mais específico, demonstraria se Deus trouxe mudança à vida deles. Isso é algo que todo cristão deveria considerar. Todos nós precisamos de lembretes como os passados à igreja de Corinto:

> Não sabeis que os injustos não herdarão o reino de Deus? Não vos enganeis: nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem

> os que se submetem a práticas homossexuais, nem os que as procuram, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbados, nem caluniadores, nem os que cometem fraudes herdarão o reino de Deus. Alguns de vós éreis assim. Mas fostes lavados, santificados e justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus. (1 Coríntios 6.9-11).

Fazer uma declaração assim é resultado direto da graça de Deus em ação na vida de alguém.

Você aprendeu a amar os outros?

A segunda categoria (testes 2, 3 e 4) é semelhante à primeira. Entretanto, vai direto ao cerne da questão. José tenta discernir se os
irmãos mudaram em relação ao amor uns aos outros. Há algo mais relevante para nós que conhecemos e amamos a Cristo? "Nisto todos saberão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros" (João 13.35). E: "Todo o que odeia seu irmão é homicida, e sabeis que nenhum homicida tem a vida eterna permanecendo em si" (1 João 3.15).

A vida mudada por Deus será marcada pelo amor aos outros, em geral, e ao povo de Deus, em particular. Seria tão impensável você e eu alegarmos termos sido mudados pelo poder do evangelho sem demonstrar evidência de amar os irmãos, como seria para José acreditar que seus irmãos tinham mudado sem ver a evidência do amor deles uns pelos outros.

Como você reagirá diante de um dilema moral?

A próxima categoria de testes diz respeito ao caráter dos homens. Ao colocar o dinheiro na bagagem deles, José dá aos irmãos a oportunidade de demonstrar integridade, honestidade e boa dose de coragem. Embora seja fácil permanecer indiferente e pensar sobre como poderíamos ter

passado no teste, não podemos deixar de observar o panorama e a oportunidade de refletir sobre nossa necessidade de redenção.

Devemos temer ser conhecidos como os que "afirmam que conhecem a Deus, mas o negam por suas obras; são detestáveis, desobedientes e incapazes de qualquer boa obra" (Tito 1.16). Ao contrário, como o apóstolo João nota: "Se sabeis que ele é justo, sabeis que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele" (1 João 2.29). Nossos atos de justiça são evidência da obra de Deus em nossa vida. Afinal: "E Deus quem produz em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Filipenses 2.13).

Sem essa evidência, seria tão errado afirmar que Deus realizou uma obra em nosso coração quanto afirmar que os irmãos de José experimentaram a verdadeira mudança no fim do capítulo 42. Nós também devemos procurar "viver em paz com todos e em santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hebreus 12.14).

As pessoas mais próximas de você perceberam mudanças?

Os irmãos de José podiam alegar ter mudado de vida até cansarem. Entretanto, em algum ponto, se a mudança aconteceu de verdade, haveria o reconhecimento disso por parte de Jacó e Benjamim. O fato de nenhum deles estar disposto a confiar nesse bando de pecadores evidencia que eles não mudaram ou que a mudança ainda não atingira a superfície. Em todo caso, a transformação não está completa.

Uma coisa é eu afirmar comigo mesmo que Deus me transformou; outra é as pessoas à minha volta reconhecerem que mudei de verdade. Você e eu somos pecadores. Além disso, nos iludimos sobre nós mesmos. Não nos enxergamos da maneira correta. Cada um de nós tem uma opinião mais

elevada de si do que deveria. Temos a necessidade desesperadora de que nossos irmãos e irmãs nos digam a verdade. E o principal: precisamos ser o tipo de pessoa que reconhece a verdade.

Se meus irmãos e irmãs em Cristo continuam a falar algo sobre mim que não considero verdadeiro e correto, devo aprender a confiar no corpo, examinando-me com objetividade, mais do que confio em mim mesmo, examinando-me de forma subjetiva. Isso é especialmente verdadeiro para quando lidamos com pessoas que nos conhecem e nos amam, que vivem e servem com intimidade. Louve a Deus pelo cônjuge, pelos irmãos e até pelos filhos cristãos amorosos em quem habitam o Espírito de Deus e demonstram a disposição de ser honestos com amor.

OLHANDO ADIANTE

O capítulo 42 termina no que parece fracasso e desespero abjetos. Além de saber que Benjamim está vivo, também sabemos que os irmãos não confiam uns nos outros, Jacó não confia no conjunto deles (e, ao que parece, nem Benjamim confia), não há um líder entre eles e ainda lhes falta integridade. Não precisamos apenas do capítulo 43 — precisamos de esperança. José precisa de esperança! Nesse momento, parece melhor a ele simplesmente lhes dar o trigo, mandá-los de volta e agradecer a Deus por livrá-lo dessa bagunça toda. Entretanto, sabemos que não é assim que a história termina. Deus *vai* redimir essa família. *Haverá* um líder. E José se *reunirá* com a família transformada. As coisas estão sombrias, mas de fato há esperança.

TRANSFORMAÇÃO

GÊNESIS 43 - 44

Os resultados dos testes dos irmãos de José são

insuficientes. Em resumo, os irmãos revelaram- se fracassos absolutos. Exceto pelo fato de não terem matado Benjamim, podemos concordar que eles foram reprovados em algum ponto em todos os testes. Entretanto, pela providência misericordiosa de Deus, a narrativa não acaba no capítulo 42. A história não acaba aí.

Por mais estranho que seja, o capítulo 43 começa com a família comendo todo o trigo trazido do Egito: "A fome na terra continuava muito severa. Tendo eles acabado de consumir o mantimento que haviam trazido do Egito, seu pai lhes disse: Voltai e comprai um pouco de alimento para nós" (Gênesis 43.1, 2). Eu digo "por mais estranho que seja" porque eles têm um irmão preso no Egito e, em vez de fazer todo o possível para resgatá-lo, parece que eles tocaram sua vida como se nada tivesse acontecido. Jacó evidentemente não dera muita atenção ao destino do segundo filho.

O ELEFANTE NA SALA

A providência de Deus tinha deixado essa família em uma posição insustentável. Eles precisavam de mais trigo do Egito e não havia forma de conseguir sem lidar com o proverbial elefante na sala:

> Mas Judá lhe respondeu: O homem nos advertiu claramente, dizendo: Se vosso irmão não estiver convosco, nem vereis a minha face. Se queres enviar conosco o nosso irmão, desceremos e compraremos alimento para ti; mas se não queres enviá-lo, não desceremos, porque o homem nos disse: Se vosso irmão não estiver convosco, nem vereis a minha face. (Gênesis 43.3-5)

Talvez por isso não se tenha dado muita atenção ao sofrimento de Simeão. Todos eles sabiam que não havia trigo suficiente e, em algum momento, ele precisaria retornar ao Egito. Entretanto, as circunstâncias conduzem a um

desenvolvimento importante.

SURGE UM LÍDER INESPERADO

> Então Judá disse a Israel, seu pai: Envia o rapaz comigo, nós nos levantaremos e iremos, para que sobrevivamos e não morramos, nem nós, nem tu, nem nossos filhinhos. Eu serei responsável por ele; tu o cobrarás de mim. Se eu não o trouxer de volta a ti e não colocá-lo na tua presença, serei culpado para sempre diante de ti. Se não tivéssemos nos demorado, certamente já estaríamos de volta pela segunda vez. (v. 8-10)

Jacó havia sido um pai terrível. Seus filhos eram assassinos (cf. Gênesis 34), pois a ira deles se acendeu até mesmo contra um de seus irmãos. Ele perdera um filho, o resto da família era um caos, e não podia confiar nos filhos para levarem um irmão crescido ao Egito quando foram pegos de surpresa pela fome. Entretanto, no capítulo 43, as coisas estão prestes a mudar.

O uso do nome pactuai de Jacó por todo esse capítulo é bastante revelador. Deus cumpre sua promessa. Ele de fato fará de Israel uma grande nação. Entretanto, até o momento, a promessa parecia estar em apuros. Judá estava prestes a se levantar como cabeça da família e filho da promessa. Mais importante: sob a liderança de Judá, a família se tornará uma nação. Mas, até esse ponto, não havia nada que indicasse a posição de Judá. De fato, existiam evidências significativas do contrário.

Judá *versus* Rúben

Judá é quem sugeriu vender José como escravo em vez de matá-lo. Entretanto, longe de ser motivado pelo apreço à vida, pelo temor da lei de Deus (Gênesis 9.6) ou pelo amor ao irmão, a motivação de Judá foi lucro (Gênesis 37.26, 27). Não é exatamente uma qualidade de liderança desejável no

chefe de uma família e futuro líder de uma nação.

Há uma interessante conexão entre Rúben e Judá a esse respeito. No capítulo 37, Rúben, como Judá, pede aos irmãos que não matem José. Entretanto, seu motivo foi "livrá-lo das mãos deles, a fim de restituí-lo a seu pai" (37.22). Aqui, o primogênito age como o líder da família. Mas, sabendo que Rúben teve a preeminência abalada devido ao relacionamento incestuoso com sua madrasta (35.22), podemos questionar seus verdadeiros motivos em Dotã. O texto não explora o motivo, mas a comparação com Judá tornou-se mais óbvia.

Então, mais tarde no capítulo 42, Rúben oferece os filhos como penhor por Benjamim. Isso é diferente da oferta de Judá de oferecer a si mesmo como garantia. Então, mais uma vez, vemos um contraste. Israel rejeita a oferta de Rúben. Agora, um capítulo depois, Judá oferece a si mesmo como penhor e Israel aceita.

O texto não deixa claro por que Israel rejeitou a oferta de Rúben. Talvez os motivos dele não fossem puros. Ou talvez Rúben tenha sido rejeitado pelo pecado com Bila (cf. Gênesis 35.22). Em todo caso, os paralelos com Judá são claros. Rúben deveria ser o líder, mas ele é desqualificado. Agora, a posição recaiu sobre Judá. Mas isso não é automático. Depois de Rúben, os próximos na linhagem, de acordo com o direito de nascença, seriam Simeão e Levi. Não há nada nesse ponto que indique sua destituição. Talvez, o pecado de assassinato os tenha desqualificado da liderança da família. Contudo, de novo, o texto não nos diz. E lembre-se: as mãos de Judá sem dúvida não estão limpas de pecado.

Pecado em Canaã

Além da falha em Dotã, Judá tem um capítulo inteiro dedicado a seu pecado em Canaã (Gênesis 38). Como

observamos antes, alguns questionam a própria inclusão do capítulo nessa parte da narrativa. Entretanto, quando Judá alcança proeminência entre os irmãos, o propósito do capítulo 38 fica claro.

Se Judá está na linhagem da Semente Prometida, deve haver um registro de seus descendentes. Gênesis 38 surge como um elemento essencial na genealogia do Messias! Além disso, está claro que Judá foi escolhido não por causa do que ele fez, mas apesar disso. Só pela graça Deus o chamou para liderar a nova nação.

Assim, Gênesis 38 serve como sinalização da estrada para a redenção na vida de Judá. Aqui ele se separa do resto dos pecadores e a luz brilha sobre sua necessidade particular do Salvador — o Salvador que nasceria dele e para ele como resultado direto de seu pecado. Em resumo, o capítulo 38 está inexoravelmente ligado aos capítulos 43 e 44 em termos do papel de Judá no futuro do povo de Deus.

Como líder da nova nação, Judá deve primeiro conduzir os irmãos à aprovação nos testes apresentados por José.

PASSANDO NOS TESTES (CONFIANÇA DE ISRAEL E BENJAMIM)

> Então Israel, seu pai, lhes disse: Se tem de ser assim, fazei isto: Tomai dos melhores produtos da terra nos vossos alforjes e levai ao homem um presente: um pouco de bálsamo e um pouco de mel, essências aromáticas e mirra, nozes de pistache e amêndoas; levai convosco prata em dobro; e levai de volta convosco a prata que foi devolvida na boca das vossas bagagens; bem pode ter havido algum engano. Levai também vosso irmão; levantai-vos e voltai ao homem; e que o Deus Todo-poderoso vos conceda misericórdia diante do homem, para que ele deixe vosso outro irmão e Benjamim voltarem convosco; e eu, se me forem tirados os filhos, sem filhos ficarei. (Gênesis 43.11-14)

A frase mais importante da conversa é: [66]O Deus Todo-poderoso vos conceda misericórdia diante do homem, para que ele deixe vosso outro irmão e Benjamim voltarem convosco.” O patriarca finalmente confia em Deus. Foi Deus quem prometeu fazer dele uma grande nação. E se Benjamim tiver de voltar a ele, Deus fará isso acontecer. Jacó pode se agarrar ao filho com toda a sua força. Entretanto, Israel deve ter uma visão mais ampla que isso.

Isso leva à sucinta e marcante declaração: “Então os homens pegaram o presente, prata em dobro nas mãos e Benjamim; e, levantando- se, desceram ao Egito e apresentaram-se diante de José” (Gênesis 43.15).

Aí está. E a “hora da verdade.” E também o momento em que José sabe a resposta das três perguntas. Primeiro, se Benjamim de fato está vivo e bem. Os homens que assassinaram toda uma vila e estavam prestes a matar José não prejudicaram seu único irmão de pai e mãe. Isso, como veremos, comoverá profundamente José.

Segundo, Jacó passou a confiar neles. Apesar do que foi necessário até esse momento, o patriarca passou a confiar a seus filhos o seu bem mais precioso, Benjamim. Ele não arrumou seu jumento e foi com eles para garantir que não fizessem mal ao rapaz; ele os enviou sozinhos. Não é uma tarefa fácil, pois ele suspeitou o tempo todo que os filhos eram os responsáveis pelo que aconteceu com José.

Terceiro, Benjamim passou a confiar neles. Depois de viver por mais de vinte anos com os homens que venderam seu irmão como escravo, é razoável pensar que Benjamim tivesse ao menos algumas suspeitas do que de fato ocorreu. Ninguém é um mentiroso tão bom assim e, com certeza, dez pessoas não se dão melhor, pois as mentiras se tornam mais

difíceis de manter, não menos, quando o círculo de mentirosos se torna maior.

PASSANDO NOS TESTES (SIMEÃO EO DINHEIRO)

> E, quando chegamos à estalagem, abrimos nossas bagagens, e a prata de cada um estava na boca de cada bagagem, a prata no peso exato; assim, tornamos a trazê-la conosco; e trouxemos mais prata conosco para comprar mantimento; não sabemos quem colocou a prata em nossas bagagens. Ele respondeu: Ficai em paz, não temais; o vosso Deus, o Deus de vosso pai, deu-vos um tesouro nas vossas bagagens; a vossa prata chegou-me às mãos. E trouxe-lhes Simeão. Depois levou os homens à casa de José e deu-lhes água para lavarem os pés; também deu forragem para os seus jumentos. Então eles prepararam o presente para quando José chegasse ao meio-dia; porque tinham ouvido que iriam comer ali. (Gênesis 43.21-25)

Embora eles só mereçam metade do crédito por essa — depois de demorar o máximo possível antes de voltar por Simeão e depois de levar o dinheiro para casa —, no computo geral, eles voltaram e trouxeram o dinheiro de volta. Não há muito para comemorar nos dois casos. Entretanto, é importante que eles sejam aprovados nesses testes.

Embora seja fácil pensar sobre a questão do dinheiro apenas em termos desses homens dando prova de si a José, é importante lembrar que eles também demonstram o caráter diante de toda a corte egípcia. José tem servos, intérpretes e outros oficiais à sua volta em todos os momentos de interação entre eles (como é evidente toda vez que ele se emociona e precisa sair).

MAIS QUE UM JOGO

> E comovido em suas entranhas por causa de seu irmão, José saiu depressa e procurou onde chorar; e, entrando em seu quarto, ali chorou. Depois lavou o rosto e saiu. E, contendo-se, disse: Servi a comida. (Gênesis 43.30,31)

Para não acharmos que o teste de José é apenas uma tortura psicológica, Moisés nos dá um vislumbre da emoção insuportável de José. Embora haja muito mais acontecendo sob a superfície, o pequeno vislumbre fala muito. Benjamim é o irmão que não prejudicou José. Ele é o irmão cujo amor e lealdade nunca foram questionados. Assim, ele é o irmão cuja situação José considera com mais apreensão.

Moisés continua:

> Então lhe serviram separadamente, e a eles também em separado, assim como aos egípcios que comiam com ele; porque os egípcios não podiam comer com os hebreus, pois isso é abominação para os egípcios. E sentaram-se diante dele, desde o primogênito até o mais novo, conforme a idade de cada um; e os homens se entreolhavam atônitos. Então ele mandou servir-lhes das porções que estavam diante dele; mas a porção de Benjamim era cinco vezes maior que a de qualquer outro. Então beberam e festejaram com ele. (Gênesis 43.32-34)

Como fez repetidas vezes, Moisés dá a nós (e aos irmãos de José) um vislumbre do que há de vir. De modo lento e definitivo, José começa a revelar-se aos irmãos. Ao colocá-los em ordem, eles precisam se perguntar se Deus deu alguma revelação ao egípcio ou se algo mais está em andamento.

EXANE FINAL

> Depois disso, José deu ordem ao encarregado de sua casa, dizendo: Enche de mantimento as bagagens dos homens, tanto quanto puderem levar, e põe a prata de cada um na

> boca da bagagem deles. E põe a minha taça de prata na boca da bagagem do mais novo, com a prata do seu trigo. E ele fez conforme a palavra de José. Logo que veio a luz da manhã, despediram os homens, eles com seus jumentos. Quando eles já haviam saído da cidade, sem terem se distanciado muito, José disse ao seu encarregado: Levanta-te e persegue os homens; quando alcançá-los, dize-lhes: Por que pagastes o bem com o mal? Esta não é a taça em que meu senhor bebe, e de que se serve para adivinhar? O que fizestes foi uma maldade. (Gênesis 44.1-5)

O capítulo 44 inicia com outro teste. Mas não é um teste novo. José está prestes a dar aos irmãos a oportunidade de serem aprovados no teste em que foram reprovados antes. Além disso, no teste, José combinará muitos dos testes do capítulo 42 em uma única tacada. Também é o momento em que o líder da família emergirá. Entretanto, antes que aconteça, há uma importante cena que demonstra a unidade que essa provação criou na família:

> Quando ele os alcançou, repetiu-lhes essas mesmas palavras. E eles responderam: Por que, meu senhor, diz tais palavras? Longe de teus servos fazerem semelhante coisa. Trouxemos de volta, desde a terra de Canaã, a prata que achamos na boca das nossas bagagens. Portanto, como furtaríamos prata ou ouro da casa do teu senhor? Aquele dentre os teus servos que for encontrado com a taça, morrerá; e também nós seremos escravos do meu senhor. Ao que ele respondeu: Seja conforme as vossas palavras; quem for encontrado com a taça será meu escravo; mas vós outros sereis inocentes. Então cada um colocou sem demora a sua bagagem em terra e a abriu. E o encarregado procurou, começando pelo mais velho e acabando pelo mais novo; e a taça foi achada na bagagem de Benjamim. Então eles rasgaram suas roupas, cada um pôs a carga no seu jumento, e voltaram à cidade. (Gênesis 44.6-13)

O representante anônimo fala palavras que ilustram sua confiança nos irmãos. Entretanto, mal sabe ele que as palavras terão o potencial de custar tudo a ele e à sua família. Lembre-se: eles não são garotos. São homens de meia-idade com famílias dependentes deles. São pastores com rebanhos para serem pastoreados, maridos com esposas e filhos esperando seu retorno. Quando a taça surge na bagagem de Benjamim, é impossível representar com exatidão o nível de desespero que eles devem ter sentido.

As palavras "eles rasgaram suas roupas, cada um pôs a carga no seu jumento, e voltaram à cidade" são incrivelmente contidas e moderadas. Na cabeça deles, esse era o fim da vida, o fim de seu clã. Era o fim da promessa de Deus a Abraão, Isaque e Jacó. Em sentido muito real, eles seguiram os passos de José emocionalmente, mesmo que apenas por algum tempo.

JUDÁ: SERVO DE SEU PAI

> Então Judá aproximou-se dele e disse: Meu senhor, peço-te que deixes o teu servo dizer uma palavra ao meu senhor; e que a tua ira não se acenda contra o teu servo, porque tu és como o faraó. Meu senhor perguntou a seus servos: Tendes pai ou irmão? Respondemos a meu senhor: Temos pai, já idoso, e há um filho da sua velhice, um menino pequeno, cujo irmão está morto; ele é o único que ficou de sua mãe, e seu pai o ama. Então tu disseste a teus servos: Trazei-o a mim, para que meus olhos o vejam. E quando respondemos a meu senhor: O menino não pode deixar o pai, pois este morreria se ele o deixasse, tu respondeste a teus servos: Se vosso irmão mais novo não descer convosco, nunca mais vereis a minha face. (Gênesis 44.18-23)

Depois do capítulo 38, o nome de Judá não é mencionado outra vez até o capítulo 43. Nele, Judá é mencionado duas

vezes. Aqui no capítulo 44, ele é mencionado três vezes. Nos capítulos 43 e 44, a menção ao seu nome é significativa. No 43, ele é reconhecido pelo pai como líder do clã. Aqui no 44, ele é reconhecido pelos irmãos e, por fim, por José, como o líder. Isso se torna claro de várias maneiras, uma delas é a sua súplica a José pela vida de Benjamim, seu irmão.

Em Gênesis 37, há uma clara justaposição entre José e os outros irmãos no compromisso com os desejos do pai. Ali, José demonstrou o compromisso incansável de fazer a vontade do pai, enquanto seus irmãos ignoraram o fato de o pai amar José e terem decidido, em vez disso, se guiar por seu ódio a ele. Aqui, acontece a mudança. Judá menciona seu pai repetidas vezes e a preocupação é óbvia.

JUDÁ: SUBSTITUTO DAQUELE QUE SEU PAI ANA

> Portanto, se eu voltar a meu pai, teu servo, sem levar conosco o menino, porque sua alma está ligada à dele, acontecerá que ele morrerá quando vir que o menino não voltou; teus servos farão os cabelos brancos de nosso pai, teu servo, descer com tristeza ao túmulo. Porque teu servo ficou responsável pelo menino diante de meu pai, dizendo: Para sempre serei culpado diante de meu pai se não o trouxer de volta a ti. Agora, peço-te que teu servo fique como escravo de meu senhor em lugar do menino, e deixa o menino subir com seus irmãos. Pois, como subirei a meu pai, se o menino não for comigo? Não quero ver o mal que sobrevirá a meu pai. (Gênesis 44.30-34)

O momento decisivo da ascensão de Judá à proeminência ocorre no final do capítulo 44. Não surpreende que o capítulo 45 comece com José tão emocionado que não consegue conter- se à luz do que viu e ouviu. Três características cruciais do apelo de Judá demonstram não só que ele é o líder dos filhos do patriarca, mas o precursor de Cristo.

Uma promessa ao pai. Judá fez uma promessa ao pai e pretende cumpri-la, mesmo que lhe custe muito. Ele está preparado para perder tudo — família, casa, liberdade — para manter a promessa feita ao pai. Essa é uma bela figura do evangelho. Há ecos do filho maior de Judá, Jesus, que mais tarde diria: "Mas faço aquilo que o Pai me ordenou, para que o mundo saiba que eu amo o Pai" (João 14.31). E isso não era mera conjectura.

De modo diferente de Judá, Jesus daria a vida de fato para cumprir a promessa. E, ao fazê-lo, ele reafirmou a promessa: "Ninguém a tira de mim, mas eu a dou espontaneamente. Tenho autoridade para dá-la e para retomá-la. Essa ordem recebi de meu Pai" (João 10.18).

Um apelo a José. Judá toma o peso de toda a situação em seus ombros quando se apresenta como representante dos irmãos diante de José. Lembre-se: Judá não é o mais velho. Na verdade, ele é o quarto filho entre todos os irmãos. Assim, ele não se apresenta por conta de uma obrigação artificial; essa é uma expressão da liderança genuína.

Rúben tentou duas vezes liderar na narrativa, mas sem sucesso. Aqui, contudo, ele está calado. No passado, Simeão e Levi, os segundo e terceiro filhos, respectivamente, tomaram a iniciativa de defender sua irmã, Diná, no que talvez seja o episódio mais notório na história da família (cap. 34). Entretanto, eles também permanecem em silêncio. O palco no momento, e daqui em diante, pertence a Judá.

O *perdão para Benjamim.* Quando Judá se oferece como resgate por seu irmão, sua transformação está completa. Ele passou da voz principal no coro que levou José ao exílio para a voz solo que renuncia a si e à sua liberdade para devolver Benjamim ao pai. Mais uma vez, há ecos de seu filho maior, Jesus: "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a própria vida pelos seus amigos" (João 15.13). E outra vez:

"Pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a vida em resgate de muitos" (Marcos 10.45).

Essa imagem de Judá não é nada menos que uma transformação espiritual. Isso não é desespero ou medo. Judá mudou. O Senhor operou na vida do filho da promessa.

CONCLUSÕES DE GÊNESIS 43-44

As conclusões desses capítulos são tão óbvias como as que já encontramos. Em primeiro lugar, as conclusões são mais claras por causa da natureza de toda a jornada. Andar pela história de José a partir da perspectiva redentivo-histórica significa examinar os personagens, acontecimentos e circunstâncias de modo nunca feito antes. Como consequência, os sentidos se ajustam ao panorama, à narrativa maior.

Segundo a natureza de Gênesis 42 deixa claro o que deveríamos procurar enquanto a tensão do capítulo é resolvida nos capítulos 43 e 44. Sabemos que os irmãos precisam ganhar a confiança de Jacó e Benjamim. Sabemos que eles voltaram por Simeão e, ao fazê-lo, precisam trazer o dinheiro encontrado em suas bagagens. Também sabemos que alguém terá de tomar a iniciativa, provar ser um homem de confiança e, também, alguém capaz de liderar a família.

E é exatamente isso que encontramos.

Deus transformou a família de Israel

A primeira e maior verdade fundamental aqui é que Deus transformou o patriarca e sua família. Como Wayne Grudem observou: "O tema de que Deus anula as intenções malignas de homens e mulheres para salvar seu povo atravessa todo o

Antigo Testamento, mas talvez em nenhum lugar com mais clareza que na narrativa de José."[11] Portanto, não deveria surpreender o fato de ser esse o tema primário no ponto culminante da narrativa.

Com certeza, Deus usou a fome e os testes de José. Entretanto, sem a graça divina atuando na vida deles, não haveria esperança para esse bando de pecadores. O caráter deles até esse momento era tal que eles jamais poderiam ter conseguido se colocar diante de José com seu irmão Benjamim sem a intervenção de Deus.

Talvez a maior mudança seja a mudança no próprio Jacó. Essa mudança é prevista no uso de seu nome pactuai, Israel, no início do capítulo 43. Ele foi forçado a entrar na situação em que precisava confiar no Senhor. A única opção teria sido ir ele mesmo ao Egito, mas com a idade dele, a viagem de ida e volta teria sido árdua. Assim, lemos as palavras comoventes: "Que o Deus Todo-poderoso vos conceda misericórdia diante do homem, para que ele deixe vosso outro irmão e Benjamim voltarem convosco." Ele não é mais o pai que escolhe os filhos favoritos dentre os doze; Israel é um patriarca.

Judá é o filho da promessa

Como Israel, Judá assumiu o papel pactuai maior. Ele finamente aparece como o cabeça da família, o condutor da próxima geração à expressão mais completa da promessa divina aos patriarcas. Isso confirma muitas coisas.

Primeiro, a ascensão de Judá comprova nossa afirmação de que o assunto da narrativa de José, em última análise, não é José. José não vai para o Egito para ser separado como o cabeça da família. Nem ele é identificado como a Semente Prometida. Assim, seja qual for seu propósito, deve estar ligado ao plano divino de redenção, muito mais amplo.

Quando a fome se materializa e vemos seu impacto sobre Israel e sua família, torna-se claro o motivo de José ter sido enviado ao Egito. Entretanto, quando Judá emerge como líder da família, vemos com mais clareza o propósito divino redentor — em sentido específico, a promessa de suscitar a Semente Prometida da mulher para derrotar a serpente.

Segundo o novo papel de Judá explica a localização e a proeminência de Gênesis 38 na narrativa maior. Se o assunto da história é José, a inclusão do excurso sobre Judá não faz sentido. Entretanto, se, como a narrativa a se desenrolar revela, Judá é o escolhido de Deus dentre os irmãos, então a trajetória de sua vida é parte essencial da narrativa de José, pois personifica o propósito redentivo de José.

Por fim, a proeminência de Judá dentre os irmãos valida sua mãe, Lia. Lia não é mencionada de maneira direta na narrativa de José. Mas, sem o contexto de Raquel, a mulher amada por Jacó, e os filhos favorecidos dele com ela, José e Benjamim, a rivalidade familiar da narrativa não faria sentido. Jacó foi enganado para casar-se com Lia (Gênesis 29.24,25). Ela foi sua esposa por obrigação, uma mulher mal-amada (v. 30,31) e pouco amável (v. 17), a quem ele jamais desejou de verdade. Entretanto, ela é a mãe do filho da promessa!

Assim, aprendemos que a história de Jacó não é uma história de amor e que a história de José não é uma lição sobre vingança. A história de Jacó é uma história sobre a semente, a terra e a aliança, e a história de José é apenas um capítulo muito importante dessa história.

A providência de Deus não falhou

Eis um bando disfuncional de irmãos, cheirando a assassinato, incesto, engano e sequestro. Ainda assim, depois de tudo que fizeram, Deus os redimiu. Essas são boas

notícias em duas frentes. Primeiro, se Deus pode redimir esse clã, ele pode redimir você e eu! Quem entre nós tem um histórico pior que Rúben, Simeão, Levi ou Judá? A imagem de Judá se oferecendo como resgate por Benjamim é um lembrete da maravilhosa graça divina.

Segundo a obra de redenção nos lembra que Deus age para cumprir sua obra mais ampla de redenção. Afinal, a redenção dessa família é importante em sentido primário por conta de seu lugar na história maior da redenção. Deus redime essa família para preservar a Semente Prometida e trazer o Redentor supremo, Jesus.

Esse é um lembrete para você e eu de que servimos a um grande Deus e que há segurança em termos sido "predestinados conforme o propósito daquele que faz todas as coisas segundo o desígnio da sua vontade" (Efésios 1.11). O acaso não rege a salvação do povo de Deus. Nem ele a deixou por nossa conta. Deus salva pecadores porque eles não conseguem salvar-se. Lembre-se: "E Deus quem produz em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Filipenses 2.13).

OLHANDO ADIANTE

O capítulo 44 é o último momento de suspense antes do grande reencontro. Por fim, José está prestes a revelar-se a seus irmãos. Como a tensão cresceu entre os irmãos, ela também cresceu em José. Ele não consegue mais suportar. Não há mais testes, não há mais perguntas. José sabe tudo que precisa saber. Ele viu Benjamim e agora deseja ver Jacó. Mas, primeiro, ele deve se reunir e se reconciliar com os irmãos. O que vem agora é talvez uma das cenas mais emocionantes do Antigo Testamento.

O próximo capítulo também é o lugar onde a especulação encontra a certeza. Até agora, temos conseguido juntar

pistas sobre o que Deus, em sua providência, está fazendo. Entretanto, não devemos depender de especulação. Uma coisa é estar persuadido de que Deus age para revelar um propósito específico; outra bem diferente é ele nos dizer isso. E, no próximo capítulo, ele fará justamente isso. Deus acabará com toda a dúvida quanto ao motivo de José ter enfrentado todas as coisas que enfrentou e por que ele foi reunido à sua família.

REVELAÇÃO

GÊNESIS 45 - 46

Houve apenas alguns momentos na minha vida em que me senti realmente inundado de alegria. Entretanto, eu teria vergonha de apresentar qualquer um deles em comparação ao momento descrito no início de Gênesis 45. A revelação de José aos irmãos é sem dúvida um momento além da capacidade da compreensão da maioria dos meros mortais. Isso é verdadeiro por diversos motivos.

Primeiro, poucas pessoas experimentaram circunstâncias comparáveis. As circunstâncias de José são únicas por causa da intensidade do ressentimento dos irmãos, a magnitude de suas ações, a severidade das consequências que ele sofreu e o longo período de seu sofrimento. Todos nós já sofremos com o ressentimento dos outros; poucos tiveram pessoas tramando para nos matar. Todos nós conhecemos pessoas que nos prejudicam; poucos foram vendidos como escravos ou encarcerados injustamente como resultado. Todos nós tivemos de enfrentar dificuldades; poucos tiveram de fazer com tanta intensidade e pouco alívio por décadas. E, com certeza, muitas pessoas que experimentaram essas coisas não as experimentaram todas de uma vez!

Segundo poucas pessoas tiveram tanto a perder. José não foi apenas afastado de sua casa e família. A terra de José era

a Terra da Promessa e sua família era a casa de Jacó, filho de Isaque, filho de Abraão! Ele foi afastado do homem que lutou com o anjo, o herdeiro da promessa a Abraão.

Por fim, essas poucas pessoas que *experimentaram* circunstâncias comparáveis e tiveram mesmo tanto a perder nunca as conseguiram de volta. Todos nós ouvimos histórias de terror. Entretanto, esta não é essencialmente uma história de terror. É uma história de redenção. A história de José é singular não só por causa das circunstâncias únicas e da magnitude da perda; sua história é única porque ele de fato consegue fechar o círculo. José consegue encarar os agressores. Ele consegue perdoar. José consegue saber o propósito por trás das circunstâncias e vê-lo se concretizar. Essa é a fonte da emoção incontida de José.

JOSÉ REVELA SUA IDENTIDADE

> José não conseguia mais conter-se diante de todos os presentes. Então, falou em alta voz: Fazei com que todos saiam da minha presença; e ninguém ficou com ele, quando se revelou a seus irmãos. E levantou a voz em choro, de maneira que os egípcios o ouviram, bem como a casa do faraó. Então José disse a seus irmãos: Eu sou José; meu pai ainda vive? E seus irmãos não conseguiam responder-lhe, pois estavam perplexos diante dele. (Gênesis 45.1-3)

A revelação não foi apenas uma surpresa para os irmãos, foi também uma surpresa para os egípcios. Ele manteve a verdade oculta não apenas para testá-los, mas para protegê-los. Você consegue imaginar o que teria acontecido com eles se José revelasse aos egípcios que eles eram sequestradores assassinos que prejudicaram um príncipe do Egito, um homem que se tornou um filho para o faraó? A revelação da identidade de José também é uma revelação da identidade deles.

Os irmãos de José estão literalmente sem palavras. E compreensível. Eles acabaram de descobrir que o irmão que consideravam morto por mais de duas décadas (por causa deles, basicamente) está vivo. Esse egípcio misterioso não é mais tão misterioso. Eles estão de fato perplexos.

Primeiro, eles deviam estar espantados por esse egípcio falar a língua deles. Lembre-se: José usou tradutores até esse momento. Por isso os irmãos falavam livremente entre si em sua presença. Eles não tinham ideia de que ele conseguia entendê-los. Isso, em si mesmo, é uma reviravolta bastante perturbadora.

Uma vez, em um ônibus de aeroporto, sentei-me do lado de um casal de língua espanhola que estava tendo uma discussão muito íntima na língua nativa. A divergência era algo mais apropriado para uma discussão privada. Entretanto, havia apenas algumas pessoas no ônibus e nenhuma de nós *parecia* hispânico ou agia como se os entendesse. Em certo ponto da discussão, eu não consegui mais fingir.

Olhei para eles com um olhar de "eu sei." Meu espanhol é enferrujado e meu vocabulário é limitado, mas normalmente consigo entender o que está acontecendo em uma conversa. Sendo a minha pronúncia a melhor parte, tendo a falar sem sotaque americano. Ao ver meu olhar, o casal instantaneamente sabia que eu entendia o que eles estavam falando. A mulher perguntou bastante empolgada: "Você fala espanhol?" "*¡Claro que sí!* (Claro que sim!)", respondi. Quando falei, ela não percebeu qualquer sotaque americano. Agora admirada, ela me perguntou: *donde es?* (De onde você é?)" "*De aqui en los Estados Unidos.* (Daqui dos Estados Unidos)". Por causa do meu sotaque, ela não acreditou em mim no começo. Entretanto, isso não importava. Enquanto a discussão prosseguia, a mulher percebeu a indiscrição dela e

do marido e ficou horrorizada!

Quando leio Gênesis 45.1-3, penso no rosto dessa mulher: olhos arregalados, boquiaberta, mão sobre a boca. Ela se jogou em seu assento e comunicou ao marido o que ocorrera sem dizer uma palavra. Enquanto eles reviviam a conversa em sua mente, foi como se sua nudez tivesse sido exposta. E precisamente onde os irmãos de José se encontram.

Segundo eles devem ter ficado perplexos porque lidaram com José face a face por tanto tempo e não reconheceram o irmão. Obviamente, ele os reconhecera, mas eles não faziam a menor ideia de quem ele era. Sem dúvida, isso se devia em parte ao quanto ele era jovem quando partiu. A transformação do corpo de um homem entre os 17 e 40 anos pode ser espantosa. Todavia, quando olharam nos olhos dele, sua identidade permanecia imutável e inegável. Como eles poderiam ter deixado isso passar?

Por fim, eles com certeza devem ter ficado assustados com o horror da situação recém- descoberta. Eles veem agora que foram testados. Enxergam agora a razão para a obrigatoriedade da vinda e do favorecimento de Benjamim. Eles entendem agora por que o egípcio sabia a ordem de nascença deles e o motivo pelo qual ele parecia ser usado por Deus para trazer-lhes juízo pelo que fizeram. Nesse momento, eles provavelmente sentiram uma grande tensão ao considerar o que José lhes faria, agora que estava em uma posição de poder e autoridade.

JOSÉ REVELA SUA TEOLOGIA

> E José disse mais a seus irmãos: Aproximai-vos. E eles se aproximaram. Então prosseguiu: Eu sou José, vosso irmão, a quem vendestes para o Egito. Agora, não vos entristeçais, nem guardeis remorso por me terdes vendido para cá; pois foi para preservar vidas que Deus me enviou adiante de vós. Porque já

> houve dois anos de fome na terra, e ainda restam cinco anos sem lavoura e sem colheita. Deus enviou-me adiante de vós, para vos conservar descendência na terra e para vos preservar a vida com um grande livramento. Assim, não fostes vós que me enviastes para cá, mas sim Deus, que me colocou como pai do faraó, como senhor de toda a sua casa e como governador de toda a terra do Egito. (Gênesis 45.4-8)

Aqui, encontramos um dos exemplos mais amplos do relacionamento entre a soberania divina e a liberdade humana. José não tenta amenizar a tensão entre as duas verdades; apenas afirma os fatos.

Por um lado, José atribui as ações de seus irmãos à mão soberana de Deus. Por três vezes na breve declaração, José refere-se à obra soberana de Deus de enviá-lo para o Egito. José diz a seus irmãos: "Foi para preservar vidas que Deus me enviou adiante de vós." Então, ele expande essa declaração acrescentando: "Deus enviou-me adiante de vós, para vos conservar descendência na terra e para vos preservar a vida com um grande livramento." E, por fim, ele afirma: "Assim, não foste vós que me enviastes para cá, mas sim Deus." José crê no Deus soberano.

Por outro lado, José atribui as ações dos irmãos à vontade de cada um deles. Ao se apresentar, ele diz: "Eu sou José, vosso irmão, *a quem vendestes para o Egito."* Em outras palavras, seus irmãos não estão eximidos de seus atos apenas porque o Deus soberano os usou para cumprir seus propósitos. Deus não forçou os homens a agir dessa maneira. Eles agiram assim exatamente por ser o que queriam fazer, sem o menor traço de coerção.

Mais uma vez, a *Segunda Confissão de Fé Batista de Londres* (1689) é útil neste ponto:

> Desde toda a eternidade, Deus mesmo decretou todas as

> coisas que iriam acontecer no tempo; e isto Ele fez segundo o conselho da sua própria vontade, muita sábia e muito santa. Fê-lo, porém, de um modo em que Deus em nenhum sentido é o autor do pecado, nem se torna corresponsável pelo pecado, nem faz violência à vontade de suas criaturas, nem impede a livre ação das causas secundárias ou contingentes. Pelo contrário, estas causas secundárias são confirmadas; e em tudo isso aparece a sabedoria de Deus em dispor de todas as coisas, e o seu poder e fidelidade em fazer cumprir seu decreto. (3.1)

"Então, por que Deus usaria homens pecadores para cumprir seu decreto?" Se eu ganhasse um centavo para cada vez que me perguntaram isso, eu estaria rico. Minha resposta é sempre idêntica: "Onde Deus vai encontrar um homem sem pecado para usar?" *Não há homens sem pecado!* Como Romanos 3.23 afirma: "Porque todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus." Portanto, tudo o que Deus faz ao cumprir seu decreto envolve homens pecadores e suas ações pecaminosas.

JOSÉ REVELA SEU PLANO

> Apressai-vos, subi a meu pai e dizei-lhe: Assim diz teu filho José: Deus me colocou como senhor de toda a terra do Egito; desce a mim e não te demores. Habitarás na terra de Gósen e estarás perto de mim, tu e os teus filhos e os filhos de teus filhos, e as tuas ovelhas, os teus bois e tudo quanto tens. Eu te sustentarei ali, pois ainda haverá cinco anos de fome, para que não caias na pobreza, tu e a tua casa, e tudo o que tens. E os vossos olhos, e os de meu irmão Benjamim, veem que é minha própria boca que vos fala. Revelai a meu pai toda a minha glória no Egito e tudo o que vistes; e fazei meu pai descer depressa para cá. Então se lançou ao pescoço de Benjamim, seu irmão, e chorou; e Benjamim chorou também ao pescoço dele. José beijou todos os seus irmãos, chorando sobre eles;

somente depois disso, seus irmãos falaram com ele. (Gênesis 45.9-15)

José pensou sobre isso durante muito tempo. Ele pode ter sido tomado de emoção na primeira cena, mas não agiu e apenas por emoção. Ele quer ver o pai, mas não é movido por esse desejo. José tem um plano. Ele considerou as necessidades da família e a provisão divina na forma do cargo atual ("Deus me colocou como senhor de toda a terra do Egito"), recursos ("Eu te sustentarei ali") e conhecimento ("pois ainda haverá cinco anos de fome"). José viu a mão de Deus em tudo isso e sabe exatamente o que fazer.

DEUS REVELA O FAVOR DO FARAÓ SOBRE JOSÉ

Esta notícia foi ouvida na casa do faraó: os irmãos de José chegaram; e isso agradou o faraó e seus servos. E o faraó ordenou a José: Dize a teus irmãos que façam assim: Carregai os vossos animais e parti, voltai à terra de Canaã; tomai o vosso pai e as vossas famílias e vinde a mim; eu vos darei o melhor da terra do Egito e comereis da fartura da terra. A ti é ordenado dizer-lhes que façam assim: levai da terra do Egito carros para trazer vossas crianças e vossas mulheres; trazei vosso pai e vinde. E não vos preocupeis com vossos bens, pois o melhor de toda a terra do Egito será vosso. (Gênesis 45.16-20)

É impossível ler o parágrafo sem perceber o incrível paralelo entre a chegada de Israel ao Egito e o Êxodo final, e entre José e Moisés. Quando Israel e sua família se estabelecem no Egito, o faraó concede com alegria a José permissão para vir; quando o povo de Deus parte, o faraó posterior dá a Moisés permissão para partir, mas a contragosto. Quando eles chegam ao Egito, José, o hebreu, é o chefe da casa do faraó; quando eles partem, Moisés, o

hebreu, foi criado na casa do faraó. Quando Israel entra no Egito, Deus usa a interpretação de sonhos de José para lhe conceder favor diante do faraó; quando eles partem, Deus usa Moisés e as pragas para endurecer o faraó.

Moisés e José não são os únicos paralelos. Quando a família de José entra no Egito, o faraó esbanja riquezas sobre eles para sustentá-los; quando partem, os hebreus saqueiam os egípcios. Quando eles chegam, os carros do faraó os escoltam na jornada; quando partem, os carros do faraó os perseguem. Quando o povo de Deus entra no Egito, Jacó faz uma pausa para adorar; quando saem, fazem o mesmo. Quando eles chegam ao Egito, Deus usa desastres para trazê-los; quando partem, Deus usa pragas para libertá-los.

Contudo, a principal distinção diz respeito à situação de Israel. Quando o povo de Deus entra no Egito, eles são um pequeno clã — 75 pessoas ao todo, como veremos. Quando partem, Deus literalmente os transformou em uma nação. Eles chegarão à casa dos milhões! Assim, o Egito é a incubadora da nação de Israel. Sua jornada é parte necessária do plano de Deus de fazê-los crescer e se multiplicar sem misturá-los com outras nações.

Comparação entre Entrada no Egito e o Êxodo

	Entrada no Egito	O Êxodo
Permissão	Concedida a José pelo faraó	Concedida (com relutância a Moisés pelo faraó
Representação	José, chefe da casa do faraó	Moisés, criado na casa do faraó
Intercessão	Deus demonstrou favor a José e amoleceu o coração do faraó	Deus usou Moisés e as pragas para endurecer o coração do faraó
Riqueza	Dada pelo faraó para sustentar Jacó na jornada	Saqueada dos egípcios para sustentar Israel na jornada
Carros	O faraó envia carros para trazer Jacó	O faraó envia carros para destruir Israel

Censo	Doze filhos	Doze tribos
Adoração	Jacó para em um lugar santo no caminho	Moisés pede para partir a fim de Israel adorar no monte santo
Desastre	Deus usa a fome para levar Israel ao Egito	Deus usa pragas para tirar Israel do Egito

OS IRMÃOS REVELAM A VERDADE A ISRAEL

> Então eles subiram do Egito, foram para a terra de Canaã, até Jacó, seu pai, e lhe anunciaram: José está vivo e é governador de toda a terra do Egito. O coração de Jacó fraquejou porque não acreditava neles. Mas quando lhe contaram tudo que José lhes falara e vendo Jacó, seu pai, os carros que José enviara para levá-lo, o seu espírito se reanimou. E disse Israel: Basta; meu filho José ainda vive; irei e o verei antes de morrer. (Gênesis 45.25-28)

Dar a notícia a Jacó é quase tão emocionante quanto dar a notícia aos irmãos de José. Jacó descobre três coisas que mudam sua vida por completo. Ele recebe o filho de volta, pois esteve convencido, durante mais de duas décadas, que animais haviam matado seu garoto. José precisava se consolar e descobrir como prosseguir com a vida depois de perder o "filho da sua velhice." Como todas as pessoas que perderam um ente amado, ele tem de encontrar uma maneira de honrar a memória dele e seguir adiante. Agora, do nada, ele descobre que o garoto pelo qual pranteou ainda está vivo! E quase demais para ele suportar, então seu coração "fraquejou".

Jacó descobre que Deus não apenas manteve seu filho vivo, mas o fez prosperar. Como todo pai, Jacó quer o melhor para seus filhos. Mas ele nunca teria sonhado que José seria "governador de toda a terra do Egito." Embora Jacó confiasse que Deus faria dele uma grande nação, ele

vivia em um mundo onde o Egito é *a* grande nação. Agora, ele ouve que seu filho é o regente de lá.

Jacó também descobre que vai ver seu filho antes de morrer. Com certeza, faria bem a seu coração saber que o filho estava vivo e prosperando. Talvez isso fosse mais que o suficiente. Entretanto, Deus em sua misericórdia, fornece um meio para Jacó se reunir com o filho favorito antes do fim de seus dias. E ele nem sequer tem conhecimento do aspecto mais amplo da história da redenção! Ele ainda não sabe sobre o sonho do faraó, os cinco anos de fome remanescentes, e como o Senhor usou José para salvar o patriarca e sua família.

A ADORAÇÃO DE ISRAEL

"Israel partiu com tudo o que tinha e chegou a Berseba, onde ofereceu sacrifícios ao Deus de seu pai Isaque" (Gênesis 46.1). Com essas palavras simples, Gênesis 46 pinta o retrato de um patriarca transformado. Há muita esperança nesse breve versículo.

Primeiro, Jacó ainda confia em Deus e lhe obedece na velhice. Vimos o filho de Isaque cometer muitas tolices. Ele foi um pai abominável. Recusou-se a dar ouvidos a Deus quando este falou com José em sonhos, que lembram os que ele usou para guiar Jacó no período com Labão. Ele se apegou a Benjamim com um medo doentio. Em resumo, Jacó não se parecia muito com um homem de Deus. Então, como que nascido de novo pelas notícias do bem-estar de José, ele se levanta e demonstra confiança e obediência a Deus em meio à velhice.

Segundo, Jacó sabe que se dirige ao Egito para morrer e faz essa jornada com alegria. Ele é um idoso frágil e muito ciente de que essa é mais que provavelmente sua última jornada.

Ele assistiu à promessa de Deus se manifestar na sua vida e na vida de seu pai. Ele se apegou à esperança de que Deus faria dele uma grande nação e lhe daria a Terra da Promessa. Entretanto, no fim da vida, ele mira a grande terra ao sul, deixando a Terra da Promessa para trás.

Terceiro, Jacó não se prende à Terra Prometida como uma promessa imediata. Se Jacó cresse que a terra era a expressão quintessencial da promessa divina, ele provavelmente não teria partido. Entretanto, a jornada prova que sua esperança vai além da terra. A esperança de Jacó está na promessa maior que a mera terra. Sua esperança está no Deus da promessa. Jacó segue a Deus, como fica evidente na adoração. João Calvino, ao comentar o texto, faz uma interessante observação:

> Pelo fato de o santo homem ser compelido a deixar a terra de Canaã e partir para outro lugar, ele oferece, na partida, um sacrifício ao Senhor, com o propósito de testificar que a aliança estabelecida por Deus com seus pais foi confirmada e ratificada para ele também. Pois, ainda que estivesse acostumado a exercitar-se na adoração externa de Deus, havia ainda um motivo especial para esse sacrifício. E, sem dúvida, ele tinha uma necessidade peculiar de apoio para que a fé não falhasse: pois ele estava prestes a ser privado da herança prometida a ele e da visão da terra que era o tipo e penhor da pátria celestial.12

Em última análise, a esperança de Jacó se encontra na fidelidade de Deus e na sobrevivência de seus descendentes. Jacó já sabe que a promessa divina vale para muitas gerações. Ele é o terceiro na linhagem dos patriarcas. Abraão e Isaque foram enterrados na Terra da Promessa sem ver a consumação da aliança. Além disso, a natureza da promessa — uma grande nação com descendentes tão numerosos quanto as estrelas — não é algo que pode ser cumprido em

uma vida ou geração. Assim, Jacó não procurava o cumprimento em seus dias. Portanto, quando fez a jornada ao Egito, voltou os seus olhos para o Deus da aliança e adorou.

O DEUS DE ISRAEL REVELA SUA PRESENÇA

> E Deus falou a Israel em visões de noite: Jacó, Jacó! Então, Jacó respondeu: Estou aqui. E Deus disse: Eu sou Deus, o Deus de teu pai. Não temas descer para o Egito, porque ali farei de ti uma grande nação. Descerei contigo para o Egito e certamente te farei voltar; e José fechará os teus olhos. (Gênesis 46.2-4)

Deus quebra seu longo silêncio. Até aqui, precisamos nos contentar com os atos da providência divina. Deus esteve presente na forma de sua mão invisível. Entretanto, não se ouve uma palavra direta. Agora, porém, no momento mais importante da narrativa, o Deus de Jacó fala. Todo o povo de Deus está prestes a deixar a Terra da Promessa e entrar no Egito. O patriarca deixa a terra que Deus lhe prometeu. Há necessidade da voz de Deus, e ele fala.

Deus lembra Jacó de sua fidelidade pactuai. Deus não se identifica apenas como Deus. Ele não se refere a si mesmo, como no caso de Moisés, como "Eu sou." Aqui, ele usa a identificação pactuai: "O Deus de teu pai." Isto, junto com a reafirmação da promessa de fazer de Jacó uma grande nação, serve para lembrá-lo do passado e do futuro da aliança estabelecida por Deus com Abraão. Em essência, Deus diz a Jacó: "Eu fui fiel a seu pai e serei fiel a você." Isso oferece uma esperança muito bem-vinda nesse momento crucial.

Deus assegura Jacó de sua presença. O Deus que esteve "com José" no Egito (Gênesis 39.2,3,21,23) promete estar com Jacó também. Isso liga a obra providencial de Deus com

José à promessa feita a Jacó. Isso é encorajador de modo especial à luz de como Deus guardou José. Para Jacó, o fato de o homem estar vivo e bem no Egito confirma a fidelidade divina e lhe dá esperança enquanto ele prossegue adiante. Para você e eu, isso nos lembra de que Deus é fiel a seu povo mesmo nas circunstâncias mais sombrias.

Deus reafirma a natureza de várias gerações da aliança. Há uma estranha formulação no fim da mensagem de Deus a Jacó. Por um lado, ele promete uma viagem de ida e volta ao Egito: "Descerei contigo para o Egito e certamente te farei voltar." Por outro lado, ele o assegura: José "fechará os teus olhos." Em outras palavras, Jacó morrerá no Egito, mas Deus tirará Israel de lá. A breve mensagem do Senhor está repleta de significado. Não há maneira de Jacó saber a magnitude da jornada. Mas Deus não lhe fala sobre centenas de anos de opressão e cativeiro. Ele apenas conta a Jacó o que é mais importante: "Eu sou Deus [...] eu estou no controle [...] Você pode confiar em mim [...] eu farei acontecer o que prometi." De fato, isso é mais que o suficiente.

UMA NAÇÃO EM TRÂNSITO

> Então Jacó se levantou de Berseba, e os israelitas levaram seu pai Jacó, suas crianças e suas mulheres nos carros que o faraó tinha enviado para isso. Também tomaram o seu gado e os seus bens que haviam adquirido na terra de Canaã; e Jacó e toda a sua descendência foram para o Egito. Ele levou consigo para o Egito seus filhos e os filhos de seus filhos, suas filhas e as filhas de seus filhos, e toda a sua descendência. (Gênesis 46.5-7)

Jacó e sua parentela foram para o Egito. Ninguém ficou para trás. E isso aí — toda a nação de Israel está lá. Essa é a promessa divina no estágio embrionário. Eles não abandonaram nenhuma posse. Essa é uma mudança

completa. A grande ironia, sem dúvida, consiste em José ter sido tirado da Terra da Promessa décadas antes e ter sonhado com o lar daí em diante. Agora, em vez de voltar para casa, sua casa vai ao encontro dele.

UMA NAÇÃO IDENTIFICADA

> Os que foram com Jacó para o Egito e procederam dele, fora as mulheres dos filhos de Jacó, foram sessenta e seis pessoas ao todo; e os filhos de José foram dois, que lhe nasceram no Egito. Todos os da casa de Jacó que foram para o Egito foram setenta pessoas. (Gênesis 46.26,27)

O capítulo 46 termina com um censo. Depois de fornecer genealogias particulares (v. 8-25), Moisés nos deixa com um registro sucinto de Israel. Setenta almas. As genealogias e a contagem final são importantes. A genealogia é importante por causa do tema da Semente Prometida. Desde Gênesis 3.15, a narrativa e toda a história da redenção caminham na direção do cumprimento da promessa de Deus aos primeiros pais. Para o Prometido ser identificável, deve haver o registro cuidadoso das pessoas que formam sua linhagem. Assim, as genealogias encontradas ao longo de toda a Escritura servem como um lembrete confortador de que Deus está em ação no cumprimento de sua promessa.

A contagem final é importante por causa do tema da aliança. Lembre-se: Deus prometeu a Abraão: "Olha agora para o céu e conta as estrelas, se é que consegues contá-las; e acrescentou: Assim será a tua descendência" (Gênesis 15.5). A promessa está sendo cumprida. Abraão e Sara, um casal além de qualquer esperança de ter um único herdeiro, agora contam com setenta descendentes! E isso apenas duas gerações depois. Isso de fato é progresso. Entretanto, também é um lembrete de que Deus ainda não concluiu a obra em Israel. Seja lá o que lhes espera no Egito, não é o

fim; é apenas o começo.

CONCLUSÕES DE GÊNESIS 45-46

Há um grande número de conclusões em Gênesis 45 e 46. Contudo, se focarmos a atenção na história da redenção, três coisas merecem menção.

A visão correta de Deus e do homem

A reação de José a seus irmãos é humilde e graciosa. Não há sinal de orgulho ou represálias. Em vez disso, ele se concentra na questão mais importante: "Por que isso aconteceu?" José viu a mão soberana de Deus em todos os acontecimentos. Ele não teve a necessidade ou o desejo de vingança. Em vez disso, ele conseguiu reconhecer o que lhe havia sido feito enquanto se concentrava em sentido primário no plano providencial que se desenrolava. Tudo isso é resultado de teologia (doutrina de Deus) e antropologia (doutrina do homem) corretas.

Se entendermos quem Deus é e quem o homem é, evitaremos uma série de erros. A teologia correta nos impede de acusar Deus de fazer o mal quando ele põe em operação seu plano de redenção na vida de todos nós e por meio dela. Quando nos encontrarmos na prisão ou na casa de Potifar, teremos mais sucesso em não pensar que o trabalho principal de Deus é evitar inconveniências em nossa vida. Ao contrário, reconheceremos sua soberania, providência e compromisso com o que é melhor para seu povo.

A antropologia correta evita que tenhamos uma opinião mais elevada do homem do que deveríamos. Não atribuiremos aos homens o poder ou a autoridade pertencente apenas a Deus. Também seremos lembrados de que o ser humano é pecaminoso, caído e frágil. As pessoas nos decepcionarão, magoarão e, às vezes, nos abençoarão.

Entretanto, nada disso acontecerá fora do plano providencial de Deus. Nem o ímpio ficará sem castigo. Por isso que Paulo adverte: "Amados, não vos vingueis a vós mesmos, mas daí lugar à ira de Deus, pois está escrito: A vingança é minha; eu retribuirei, diz o Senhor" (Romanos 12.19).

A fé não tem data de validade

Ver o patriarca idoso fazer as malas com tudo que tinha e partir para o Egito é encorajador e inspirador. É fácil pensar no cristianismo como algo que fica mais fácil com o tempo. Serei mais estável... quando ficar mais velho. Serei mais maduro... quando ficar mais velho. Terei aprendido todas as lições da fé que preciso... quando ficar mais velho. A jornada de Jacó nos lembra de que nunca chegaremos à idade em que não precisaremos mais confiar em Deus ou que não teremos mais lições a aprender, obstáculos a superar, medos a enfrentar, pecados a mortificar ou jornadas a fazer.

Servir a Deus não é "um jogo para jovens", onde os santos mais velhos se sentam na lateral lembrando-se dos bons e velhos dias. E um esporte que exige satisfação de todos, em que, enquanto houver sangue correndo pelas veias e ar nos pulmões, devemos estar a postos. Como Jesus nos lembra: "Enquanto é dia, é necessário que realizemos as obras daquele que me enviou; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar" (João 9.4).

A promessa de Deus provavelmente não será cumprida como você espera

Jacó estava vivendo na Terra da Promessa com seus filhos remanescentes. Ele foi abençoado com dezenas de descendentes e tinha a constante lembrança da promessa pactuai de Deus sob a forma da junta de sua coxa (Gênesis 32.25). Ele havia se encontrado com Deus e não tinha

nenhum motivo para duvidar da ocorrência das promessas divinas. Entretanto, ele nunca pensou que a promessa incluiria levar a Semente Prometida para *longe* da Terra Prometida por vários séculos a fim de trazer uma nação completamente formada de volta à terra. Mas foi *exatamente* isso que Deus fez.

Você e eu não podemos compreender as obras de Deus ou seus caminhos. "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos são os meus caminhos, diz o SENHOR. Porque, assim como o céu é mais alto do que a terra, os meus caminhos são mais altos que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos que os vossos pensamentos" (Is 55.8,9). Como, então, podemos esperar que ele cumpra as promessas por meios previsíveis? Se nosso tempo com Gênesis nos ensina algo, é que a providência de Deus é imprevisível.

Relacionamentos são importantes

Por toda a nossa jornada, traçamos os conceitos teológicos da semente, da terra e da aliança, assistindo a Deus orquestrar acontecimentos para cumprir seu plano. Entretanto, em Gênesis 45 e 46, vimos reações tremendas do povo de Deus que não tinham nenhuma ligação com a profundidade ou amplitude do conhecimento teológico do que estava acontecendo.

José ficou emocionalmente abalado quando se revelou aos irmãos. Os irmãos ficaram abalados quando descobriram o destino de José. Jacó ficou abalado quando descobriu que José estava vivo e prosperando. O faraó ficou abalado ao ouvir as notícias sobre José. Todas essas reações emocionais tinham uma coisa em comum: elas giravam em torno da importância dos relacionamentos.

Sem dúvida, a história ampla da redenção divina é

importante. Entretanto, o amor de um pai, filho, irmão ou amigo é uma realidade que não deve ser menosprezada. Sou grato por ser salvo. Agradeço pelo relacionamento com pessoas perto de mim com as quais posso compartilhar minha jornada de redenção. Sou grato porque Deus não me deixou desfrutar de uma salvação estéril e solitária destituída de companhia. Ao contrário, ele me colocou em relacionamentos estratégicos e significativos que me abençoam de muitas maneiras. Louvado seja Deus pela graça comum!

OLHANDO ADIANTE

Primeiro nos concentraremos na próxima seção da narrativa de José. Esperamos com ansiedade que a revelação dê lugar ao reencontro quando Jacó reencontrar o filho perdido. Como os dois reagirão? Como a presença da família alterará o relacionamento de José com o faraó? Como Israel sobreviverá no Egito? Todas essas e outras perguntas não só preencherão a narrativa, como também darão forma à história mais ampla da redenção. Mas nós também vislumbraremos o Êxodo. Os capítulos 47 a 50 em particular contam com muitos paralelos com o Êxodo. Evidentemente, essa história ultrapassa o escopo deste livro. Entretanto, é impossível ignorar o relacionamento entre a chegada de Israel ao Egito e sua partida de lá. Ter algum conhecimento da história da redenção dá forma, cor e textura à história de José, que, de outra maneira, não seria percebida. Ter o Êxodo em mente (e os anos do período intermediário) nos ajuda a erguer os olhos além das circunstâncias de José e enxergar algo mais.

Sejam as implicações imediatas e o reencontro iminente ou as implicações mais amplas do povo de Deus e sua saída do Egito, os capítulos 45 e 46 nos conduzem adiante com

ávida expectativa.

REENCONTRO

GÊNESIS 47 - 48

Os capítulos 47 e 48 podem ser categorizados como uma história de reencontro. José finalmente se reencontra com toda a sua família. Eles chegaram à terra do Egito e estão prestes a se estabelecer e prosperar ali. A razão das dificuldades de José está se tornando mais nítida e sua família está tomando forma. Sabemos que o Egito não é a parada final para a nova nação. Assim, os capítulos 47 e 48 servem a um importante propósito na narrativa mais ampla.

O capítulo 47 é um estudo de contrastes. Assim como o capítulo 37 nos mostrou um contraste claro entre José e seus irmãos, esse capítulo faz o mesmo com Israel e o Egito. Primeiro, há o contraste entre Jacó e faraó. Então, vemos o contraste entre o povo do Egito e o povo de Israel. Por fim, vemos o contraste entre a terra do Egito e a Terra da Promessa. O resultado final desses contrastes é um lembrete de que o Egito, embora próspero e poderoso, não tem nada a oferecer ao povo de Deus, de modo especial quando comparado à promessa aguardada por eles.

TRABALHO CERTO...LUGAR CERTO...HORA CERTA

> Então José foi e informou ao faraó: Meu pai e meus irmãos chegaram da terra de Canaã e estão na terra de Gósen, com suas ovelhas, seus bois e tudo o que têm. .E levou cinco de seus irmãos e os apresentou ao faraó. Então o faraó perguntou a esses irmãos de José: Qual é a vossa ocupação? E eles lhe responderam: Nós, teus servos, somos pastores de ovelhas, tanto nós como nossos pais. Disseram mais ao faraó: Viemos viver algum tempo nesta terra; porque não há pasto

> para os rebanhos de teus servos e porque a fome é severa na terra de Canaã; agora, rogamos-te que permitas que teus servos habitem na terra de Gósen. Então o faraó falou a José: Teu pai e teus irmãos vieram a ti; a terra do Egito está diante de ti; faze teu pai e teus irmãos habitarem no melhor da terra; que habitem na terra de Gósen. E, se conheces homens capazes entre eles, coloca-os como pastores do meu gado. (Gênesis 47.1-6)

Há um eco aqui das palavras de José a seus irmãos no capítulo 46: "Portanto, quando o faraó vos chamar e vos perguntar: Qual é a vossa ocupação? respondereis: Nós, teus servos, temos sido pastores de gado desde a mocidade até agora, tanto nós como nossos pais. Assim direis para que habiteis na terra de Gósen; porque todo pastor de ovelhas é abominação para os egípcios" (Gênesis 46.33,34). Os irmãos fizeram exatamente o que ele mandou, e o resultado foi favorável.

Entretanto, a passagem também cria seu próprio eco. A temática do pastor é proeminente na história da redenção. Moisés se torna pastor em Midiã antes de ser chamados para pastorear o rebanho de Deus (Êxodo 3.1). O rei Davi era pastor. Os profetas referem-se aos líderes de Israel como pastores. O nascimento do Salvador foi anunciado a pastores (Lucas 2). Deus refere-se a si mesmo como pastor. A imagem de Deus mais querida em toda a Bíblia é a imagem dele como pastor no Salmo 23: "O SENHOR é o meu pastor; nada me faltará" (v. 1).

Eventualmente, o tema do pastor encontra o ponto culminante em Cristo. Jesus é o bom pastor que dá a vida pelas ovelhas (João 10.2,11,12,14). Ironicamente, esse pastor é também "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" (João 1.29). Assim, a ideia de que Israel é separado por seu papel como pastores não é irrelevante.

UM CONTO DE DUAS NAÇÕES

> Então José trouxe Jacó, seu pai, e o apresentou ao faraó; e Jacó abençoou o faraó. Então o faraó perguntou a Jacó: Quantos são os anos da tua vida? Jacó respondeu-lhe: O tempo das minhas peregrinações são cento e trinta anos; poucos e maus têm sido os dias dos anos da minha vida; não chegaram aos dias dos anos da vida de meus pais, nos dias das suas peregrinações. E Jacó abençoou o faraó e saiu da sua presença. José deu morada a seu pai e a seus irmãos, dando-lhes propriedades na terra do Egito, no melhor da terra, na terra de Ramessés, conforme o faraó havia ordenado. E José deu sustento a seu pai, a seus irmãos e a toda a família de seu pai, segundo o número de seus filhos. (Gênesis 47.7-12)

Há algo de especial em homens com autoridade. No meu escritório, eu guardo uma foto minha ao lado do então governador George W. Bush. Várias pessoas me visitam, olham para a foto, então a examinam de novo ao perceber que é uma foto minha ao lado do homem que um dia foi o "líder do mundo livre." Nesse momento, não importa sua posição política, todas têm a mesma reação: "Uau, que legal!" Vejo a mesma reação em conservadores, libertários e progressistas. E um tipo estranho de reação que significa: "Estou do lado do homem que esteve do lado daquele homem."

Aqui, Jacó — um simples pastor, o líder do clã de setenta viajantes que acabaram de deixar sua terra com medo da fome —, está face a face com o "líder do mundo não tão livre" da época. Mas essa imagem tem bem mais importância que a minha. Ele está ali como o pai de uma nova nação. O faraó nos daria as pirâmides e as múmias; Jacó nos dará "a comunidade de Israel [...] as alianças da promessa" (Efésios 2.12) e o Deus encarnado.

Além disso, o encontro entre os dois homens prepara o palco para o contraste a seguir. Com o desenrolar da narrativa, o Egito declina e Israel prospera.

A decadência do Egito

> Não havia mantimento em toda aquela terra, porque a fome era muito severa; de modo que a terra do Egito e a terra de Canaã desfaleciam por causa da fome. Então José arrecadou toda a prata que havia na terra do Egito e na terra de Canaã, dada pelo trigo que compravam, e levou-a à casa do faraó. (Gênesis 47.13,14)

A narrativa da decadência do Egito começa com uma declaração bastante inofensiva sobre José arrecadando "toda a prata que havia na terra do Egito e na terra de Canaã." O que se segue é o esgotamento progressivo da prosperidade do povo egípcio e o aumento simultâneo da prosperidade e do poder do faraó. E também um prenúncio das coisas por vir. Israel terá de lidar com os resultados dessa mudança cultural gerações depois, no Êxodo.

De prata a gado

A primeira fase nessa transição de liberdade a servidão envolve os egípcios trocando seu gado por sustento, já que o dinheiro se esgotou (Gênesis 47.15-17). Lembre-se: os filhos de Israel agora tomam conta do gado do faraó. Isso significa que o aumento dos bens do faraó resultaria no aumento de responsabilidade para Israel.

De gado a terra

A fase seguinte na degradação do povo egípcio surge quando ele deve trocar a terra pelo alimento (Gênesis 47.18,19). Seu dinheiro e gado se foram. A terra não produz mais. Todavia, é tudo o que o povo possuía. Isso é importante no contexto por causa da ideia de *terra* que perpassa todo o texto de Gênesis. Lembre-se: semente, *terra* e aliança. A perda da

terra pelo povo do Egito é o prenúncio da dor de cabeça que aguarda o povo de Deus. Ele não deixou apenas a Terra da Promessa; também sofre sob o peso que assola a outra civilização.

De terra a liberdade pessoal

Nesse ponto, a miséria egípcia se aproxima do povo. No início, os egípcios perderam o dinheiro. Depois, perderam o gado — mera mercadoria, certamente, mas muito mais significativa que dinheiro. Depois de perder o gado, as coisas ficam ainda mais pessoais quando eles perdem a terra. Agora, a única coisa que lhes resta são eles mesmos: "E José tornou o povo escravo, de um extremo ao outro do Egito" (Gênesis 47.21). Os únicos eximidos foram os sacerdotes, que já "recebiam regularmente uma porção do faraó, e eles se sustentavam com as porções que o faraó lhes dava" (v. 22). Na prática, eles já eram servos do faraó!

De liberdade pessoal a posteridade

A culminação da degradação do Egito vem na forma de um decreto que confere aos filhos de seus filhos a dívida e servidão ao faraó:

> "Então José disse ao povo: Hoje comprei a vós e a vossa terra para o faraó; aqui está a semente para vós, para que semeeis a terra. Mas dareis ao faraó a quinta parte das colheitas, e quatro quintos serão vossos, para semente do campo e para o vosso mantimento e dos que estão nas vossas casas e das vossas crianças. Eles responderam: Tu nos conservaste a vida! Achamos favor aos olhos de meu senhor; seremos escravos do faraó. José estabeleceu por lei, quanto ao solo do Egito, até o dia de hoje, que o quinto da produção coubesse ao faraó; somente a terra dos sacerdotes não se tornou do faraó. (Gênesis 47.23-26)

A expressão traduzida por "vossas crianças" ocorre 6 vezes em Gênesis; com a exceção de uma (em Gênesis 34 quando

os irmãos exterminam os filhos de Siquém), as outras 5 aparecem na narrativa de José. O uso da expressão aqui remete à ideia de continuação da *semente.* Nessa seção do capítulo 47, os egípcios foram forçados a entregar a *semente* (seus filhos) e a *terra.* É claro, eles nunca possuíram a aliança. Entretanto, na próxima seção, esse componente também aparece.

A PROSPERIDADE DE ISRAEL NO EGITO

> Assim Israel habitou na terra do Egito, na terra de Gósen; nela adquiriram propriedades, frutificaram e multiplicaram-se muito. E Jacó viveu dezessete anos na terra do Egito; os dias de Jacó, os anos da sua vida, foram cento e quarenta e sete anos. (Gênesis 47.27,28)

Primeiro, o uso do nome pactuai de Jacó nos lembra do importante tema da *aliança.* Deus não se esqueceu da promessa feita a Abraão, Isaque e Jacó. Eles ainda são o povo da aliança, não importa onde se encontrem. A nação não é marcada por fronteiras geopolíticas, mas pelo povo e pela promessa. Isso era verdade antes, é verdade agora (Gálatas 6.16) e será verdade na eternidade na Nova Jerusalém (Apocalipse 3.12; 21.2).

Também descobrimos que "Israel habitou na terra do Egito, na terra de Gósen; nela adquiriram propriedades." Evidentemente, isso traz à tona o segundo tema maior da *terra.* Sim, essa não é a Terra da Promessa. Entretanto, é importante que Israel ganhasse terra e propriedades enquanto os egípcios as perdiam.

Por fim, vemos que Israel começou a multiplicar-se muito. Isso completa o trio: *aliança, terra* e agora *semente.* O contraste não poderia ser mais claro. A narrativa de José se firma na tensão da potencial perda de semente, terra e aliança na vida de José. Entretanto, ele se firma na aliança,

como fica evidente no nome dos filhos, identifica-se com a terra, como é evidente em sua visão do Egito como terra da sua opressão, e resgata a Semente Prometida, que, como foi revelado, é o propósito supremo de sua ida ao Egito. Agora, a situação de Israel no Egito é diretamente contrastada com a dos egípcios nessas mesmas áreas.

Israel anseia por sua terra

> Aproximando-se o dia de sua morte, Israel chamou seu filho José e disse-lhe: Se posso achar misericórdia diante de ti, põe a mão debaixo da minha coxa e usa de bondade e de fidelidade para comigo; peço-te que não me sepultes no Egito; mas, quando eu adormecer com os meus pais, tu me levarás do Egito e me sepultarás junto à sepultura deles. José respondeu: Farei conforme a tua palavra. E Jacó disse: Jura-me; e ele jurou. Então Israel inclinou-se sobre a cabeceira da cama. (Gênesis 47.29-31)

O capítulo termina com o lembrete de que a terra em questão aqui não é o Egito. A promessa de Deus não mudou para o sul. A família não enxergou o recém-descoberto favor na terra do Egito como sinal divino do encontro de um lugar melhor para eles. Ao contrário, o patriarca deixa claro, como José fez no capítulo 41, que não importa quão ruins estivessem as coisas em Canaã e não importa quão boas parecessem estar no Egito, não era isso que Deus tinha reservado para eles a longo prazo.

Israel pede a José que coloque sua mão sob a coxa do patriarca, uma cena que nos lembra Abraão encarregando seu servo de encontrar a esposa de Isaque. Dessa vez, entretanto, a promessa se relaciona com o enterro de seus ossos. Ela não diz respeito a alguma superstição; trata-se de sua esperança maior. Ele crê que Deus fará dele uma grande nação e que essa nação habitará a terra divinamente

prometida a seus antepassados. Essa esperança maior nos conduz a Gênesis 48. Ali encontramos o patriarca no fim da vida acolhendo seu filho e netos.

Temas familiares

> Depois dessas coisas, disseram a José: Teu pai está doente. Então José tomou consigo seus dois filhos, Manassés e Efraim. E alguém disse a Jacó: Teu filho José está vindo ao teu encontro. Então, esforçando-se, Israel sentou-se na cama. E Jacó disse a José: O Deus Todo-poderoso me apareceu em Luz, na terra de Canaã, e me abençoou; e me disse: Eu te farei frutificar e crescer em número; farei de ti uma multidão de povos e darei esta terra à tua futura descendência como propriedade perpétua. Portanto, agora os teus dois filhos, que nasceram na terra do Egito antes que eu viesse a ti no Egito, são meus: Efraim e Manassés serão meus, como Rúben e Simeão. (Gênesis 48.1-5)

O capítulo 48 se inicia com a reafirmação de temas familiares. José é convocado a estar com o pai no leito de morte. Ali, seu pai o lembra da aliança, incluindo um lembrete sobre a terra e a semente. Além disso, Israel informa José da intenção de adotar Efraim e Manassés como sua semente. Esses temas serão reafirmados repetidas vezes enquanto nos aproximamos do fim da narrativa de José (que também é o final de Gênesis).

O relato de Israel da promessa pactuai contém os mesmos temas já conhecidos. Deus promete fazer dele uma grande nação, conceder-lhe uma descendência incontável e dar a essa descendência toda a Terra da Promessa como propriedade perpétua. Evidentemente, ele não tem ideia de que a promessa em que ele confia é mais intricada que qualquer coisa que ele pudesse imaginar. Entretanto, o fato de ele estar agora no Egito e não na Terra Prometida é mais

que uma sugestão a apontar para o futuro menor que o ideal de seus descendentes. A realidade maior, para o qual as promessas apontam, não ficará nítida até que Cristo, a Semente Prometida, inaugure a nova e perpétua aliança (Jr 31.31; cf. Lucas 22.20; 1 Coríntios 11.25; 2Coríntios 3.6; Hebreus 8.8,13; 9.15; 12.24).

Vale a pena ver de novo

> Quando Israel viu os filhos de José, perguntou: Quem são esses? José respondeu a seu pai: Eles são meus filhos, que Deus me deu aqui. Israel continuou: Traze-os aqui, e eu os abençoarei. Os olhos de Israel estavam fracos por causa da velhice, de modo que ele já não podia enxergar direito. José aproximou-os dele; e ele os beijou e os abraçou. E Israel disse a José: Eu não esperava ver o teu rosto; e Deus me fez ver também a tua descendência. Então José os tirou de sobre os joelhos de seu pai; e inclinou-se até o chão diante dele. Então José levou os dois, Efraim com a mão direita, à esquerda de Israel, e Manassés com a mão esquerda, à direita de Israel, e os aproximou dele. Mas Israel, de propósito, estendeu a mão direita, colocando-a sobre a cabeça de Efraim, que era o mais novo, e a esquerda sobre a cabeça de Manassés, embora fosse o primogênito. (Gênesis 48.8-14)

Há bastante ironia na cena. E impossível não conectar esse momento à cena de Gênesis 27, em que Jacó, tirando vantagem da idade e da visão ruim do pai, "roubou" a bênção que Esaú receberia de Isaque. Agora, os olhos de Jacó estão fracos com a idade e ele está no fim de sua vida. Não só Jacó assumiu o papel de patriarca ao morrer, como também tem diante de si dois irmãos. Sem dúvida, esse momento trouxe memórias da traição no passado.

Vê-se não apenas uma cena conhecida, mas também um retrato da graça redentora e santificadora de Deus. O ciclo na

vida de Israel está completo. Ele não é mais Jacó, o "suplantador" ou enganador; ele é Israel, o último patriarca! Ele não é mais quem usurpa a bênção. Ele é quem abençoa.

Pai de muitas nações

> E abençoou José, dizendo: O Deus em cuja presença andaram os meus pais Abraão e Isaque, o Deus que tem sido o meu pastor durante toda a minha vida até este dia, o anjo que me tem livrado de todo o mal, abençoe estes rapazes, e o meu nome seja chamado neles, e o nome de meus pais, Abraão e Isaque; e multipliquem-se muito no meio da terra." (Gênesis 48.15,16)

Lembre-se: Efraim e Manassés eram os filhos de José com uma egípcia, como Ismael nasceu de Abraão e de uma mulher egípcia. Entretanto, de modo diferente de Ismael, eles são trazidos à aliança. Ismael foi, de fato, abençoado e se tornaria uma grande nação. Entretanto, neste caso, Efraim e Manassés receberão o nome de Israel. Essa é uma distinção importante, em especial para nós gentios.

Aqui, vemos que a aliança não se limita aos descendentes "segundo a carne." E verdade que "deles [judeus] são os patriarcas, e deles descende o Cristo segundo a carne, o qual é sobre todas as coisas, Deus bendito eternamente. Amém" (Romanos 9.5). Entretanto, também sabemos que "nem todos os que são de Israel são israelitas" (v. 6) e que "se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão e herdeiros conforme a promessa" (Gálatas 3.29). A adoção de Efraim e Manassés é um vislumbre preliminar dessa verdade.

Na verdade, quando João ouve o número dos selados em Apocalipse 7, ele escuta uma versão bastante incomum das "doze tribos de Israel." Não é uma lista das doze tribos que receberam terra, porque Levi foi incluído. Nem é uma lista de todos os filhos, porque Dã foi excluído. A lista, contudo, inclui

José e Manassés. Embora uma explicação completa da anomalia ultrapasse o escopo de nossa jornada, é mais que apropriado perceber que a lista dos selados e, assim, guardados na grande tribulação, inclui a tribo que tem o nome do filho de uma mulher egípcia. Para muitos, essa *é* uma indicação da natureza multiétnica (isto é, composta por judeus e gentios) do grupo.

O mais novo e o mais velho

> Ao ver que seu pai colocara a mão direita sobre a cabeça de Efraim, José desagradou-se. Então levantou a mão de seu pai para mudá-la da cabeça de Efraim para a cabeça de Manassés. E José disse a seu pai: Assim não, meu pai, porque este é o primogênito; põe a mão direita sobre a cabeça dele. Mas seu pai recusou-se e disse: Eu sei, meu filho, eu sei. Ele também se tornará um povo, e também será grande. Mas o seu irmão mais novo será maior do que ele, e a sua descendência se tornará uma multidão de nações. Assim ele os abençoou naquele dia, dizendo: Em vosso nome Israel abençoará e dirá: Deus te faça como Efraim e como Manassés. E pôs Efraim diante de Manassés. (Gênesis 48.17-20)

As mãos cruzadas de Israel para abençoar Efraim antes de Manassés dão sequência a outro tema proeminente em Gênesis. Isaque e Jacó foram o segundo filho dos respectivos pais. Judá também não foi o primogênito. A sutil mensagem de Gênesis é que a ordem de nascimento não constitui o fator decisivo na bênção pactuai. A mensagem não tão sutil do Novo Testamento é que se trata de uma questão de eleição e graça, não de vontade e obras.

Com Ismael, a mensagem para Abraão — e para nós — é que Deus cumprirá sua obra sem a ajuda do homem. Com Esaú, aprendemos que mesmo que os filhos nasçam da mesma mãe e do mesmo pai, a graça eletiva de Deus não

segue regras como a ordem de nascença (Romanos 9). Com Judá, a mensagem é que Deus suscitará a Semente Prometida de uma mulher que o patriarca não escolheu, amou, ou mesmo queria ter como esposa. E bem apropriado que aqui, com Efraim e Manassés, Israel cruze as mãos e posicione o mais jovem antes do mais velho.

É também um belo retrato da doutrina da adoção. Nós, como Efraim e Manassés, fomos adotados na família da aliança. Como consequência, recebemos "compaixão, proteção, e a provisão de suas necessidades. E [somos] castigados por Deus, como por um pai; porém, jamais [...] lançados fora, pois [somos] selados para o dia da redenção. E [herdamos] as promessas, na qualidade de herdeiros da salvação eterna" {*Segunda Confissão Batista de Londres.* 12).

Restaurando José à terra

> Depois Israel disse a José: Estou para morrer, mas Deus estará convosco e vos fará voltar para a terra de vossos pais. E te dou um pedaço de terra a mais do que a teus irmãos, o qual com a minha espada e com o meu arco tomei da mão dos amorreus. (Gênesis 48.21,22)

Por fim, após reiterar os temas da semente e da aliança na bênção de Efraim e Manassés, Israel retorna ao tema da terra nas palavras finais dirigida a José, seu filho favorito. José havia passado quatro décadas longe da terra das peregrinações de seu pai. Quase duas dessas décadas foram passadas com sua família desde o reencontro. Agora, suas memórias da terra seriam fracas, na melhor hipótese. Entretanto, sua memória da promessa divina está clara por causa dos repetidos lembretes do pai. Assim, sua esperança, como a do pai, é de retornar àquela terra.

Embora a promessa de Israel seja encorajadora e

verdadeira, também é irônica e um pouco triste porque José, como Israel, não voltará a viver na Terra da Promessa. Ele também morrerá no Egito e terá os ossos levados de volta depois do Êxodo. Entretanto, somos lembrados de novo da realidade maior para a qual a promessa aponta. Há, de fato, uma Terra Prometida. Mais especificamente, há uma "cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e construtor" (Hebreus 11.10). Essa é a terra a que Israel e José pertencem.

CONCLUSÕES DE GÊNESIS 47-48

Moisés usa Gênesis 47 e 48 para resumir e reapresentar vários temas importantes. Ele também usa a ferramenta literária de justaposição para lançar luz aos aspectos mais importantes da narrativa e lembrar-nos de onde estivemos. Portanto, as conclusões da seção são bastante conhecidas. Na verdade, pode ser mais útil que nos concentremos nos temas da *semente, terra* e *aliança,* e examinemos as formas como eles nos conduzem ao entendimento redentivo-histórico da narrativa mais ampla.

Semente

Os capítulos 47 e 48 nos lembram da importância da semente. O capítulo 47 nos apresenta o contraste do povo do Egito, que amaldiçoou sua semente e a tornou escrava do faraó, e o povo de Israel, cuja semente foi multiplicada e abençoada na mesma terra. Isso não tem nenhuma ligação com a força dos descendentes de Israel, mas se relaciona de modo direto com a proteção providencial divina. O Egito era, se fato, uma incubadora para o povo de Deus.

Evidentemente, isso significa para nós, mais uma vez, que Deus demonstra sua fidelidade ao povo, de maneira imediata na nação de Israel e final no Israel de Deus (Gaiatas 6.16). A

fidelidade de Deus ao povo nos lembra de que podemos confiar nele em meio às nossas dificuldades. Deus não nos abandona. Ele redime, transforma, une e protege seu povo. Ele, de fato, é o bom pastor.

Além disso, a fidelidade de Deus ao povo que ele por fim remirá, como resultado do estabelecimento de Israel como grande nação, aponta para a segurança da nossa salvação: "Pois tenho certeza de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem autoridades celestiais, nem coisas do presente nem do futuro, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Romanos 8.38,39). Oh, como isso é verdade, em particular à luz da obra de Deus em Gênesis 47 e 48!

Terra

Ainda mais proeminente que a ideia da semente é a da *terra.* A estrutura do capítulo 47 aponta repetidas vezes para o tema da terra. Israel recebeu o melhor da terra e sua terra prosperou. Enquanto isso, os egípcios renunciaram às terras quando a infertilidade dela tornou-se insuportável. Contudo, isso foi apenas uma expressão temporal.

O último pensamento do capítulo 47 e um dos temas predominantes do 48 é o desejo profundo de Israel de voltar à sua terra no fim da vida. Ele reconta a bênção pactuai de Deus em relação à terra, faz José jurar que o enterrará lá e promete a José que voltará. Como vimos com José, nenhuma medida de prosperidade fora da promessa divina tinha tanto valor quanto a esperança, baseada nas promessas de Deus, que eles mantinham.

Esse é um lembrete a todos que vivem e prosperam na

terra. Apesar de onde nos encontramos, não importa o quanto nos tornemos ricos, todos vivemos na terra da aflição. Tudo isso é Egito! Essa foi uma das conclusões do capítulo 41 e a revisitamos aqui porque a conexão com esse texto é incontestável. A opinião de Israel sobre o Egito e a prosperidade que ele encontrou lá é exatamente a mesma de José. Os dois anseiam pelo lar! Deveríamos fazer o mesmo.

Aliança

O tema da aliança, embora presente nos dois capítulos, predomina mais no capítulo 48. Ali, Israel relembra o pacto, lembra José de seu lugar nele e inclui Efraim e Manassés na aliança. A adoção de Efraim e Manassés por Jacó é um lembrete claro da doutrina geralmente negligenciada da *ordo salutis* — a *adoção:*

> Porque não recebestes um espírito de escravidão para vos reconduzir ao temor, mas o Espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba, Pai! O próprio Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus. Se somos filhos, também somos herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo, se é certo que sofremos com ele, para que também com ele sejamos glorificados. (Romanos 8.15-17)

Com a adoção de Efraim e Manassés, devemos aprender sobre a realidade inegável e transformadora de que somos filhos adotivos do Altíssimo. Além disso, como Efraim somos e Manassés, somos "herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo". Essa realidade muda a maneira como percebemos nosso relacionamento com Deus, e também o relacionamento com outros crentes. Não somos estranhos lutando para apaziguar uma divindade furiosa e desconhecida; somos filhos! Não lutamos por aprovação; caminhamos como pessoas aprovadas. Isso significa que não considero minha salvação algo tênue, mas algo firme.

Além disso, se pertencemos a Deus dessa forma, também pertencemos uns aos outros. Não há lobos solitários no corpo de Cristo. A vida de todos nós está ligada à vida dos outros crentes, "com toda humildade e mansidão, com paciência, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando cuidadosamente manter a unidade do Espírito no vínculo da paz" (Efésios 4.2,3). Deus é nosso pai e Jesus é nosso irmão, como o são de todos os outros filhos adotivos de Deus. Nas palavras de um famoso hino:

> Tu, nosso Pai, Cristo, nosso irmão —
> todo aquele que vive em amor é teu;
> ensina-nos a amar uns aos outros.
> Eleva-nos à divina alegria

OLHANDO ADIANTE

Ao nos voltarmos para os dois últimos capítulos da narrativa de José e o final do livro de Gênesis, sabemos que José não é o foco. Vemos agora que sua história é, na verdade, um ramo da história de Jacó. Não precisamos mais ser convencidos de que José não estava no Egito por causa de vingança. Ele estava lá por causa da redenção. Agora que a primeira parte dessa redenção, o livramento da fome para sua família, foi cumprida, é hora de voltar a atenção para a redenção do povo de Deus por meio da nação que ele está a edificar e proteger na incubadora do Egito.

RECONCILIAÇÃO

GÊNESIS 49 - 50

No final da história da vida de José, dois outros personagens passam a ofuscá-lo. Jacó, agora Israel, novamente está no palco central da narrativa. Entretanto, ele está prestes a agradecer à audiência, fazer sua saída e abrir caminho para o

novo personagem central, Judá. O papel de Judá, contudo, não é dominante por causa de suas palavras ou atos, mas por causa do que se diz a seu respeito.

Como Frank Miller, o sinistro vilão do clássico de faroeste *Matar ou Morrer* (1952), Judá torna-se mais intrigante quando outros o descrevem do que se fôssemos observar de fato seus atos. As palavras de Jacó pintam um retrato bastante diferente do que vimos até agora. Na verdade, ele vai além de descrever a pessoa que Judá se tornou. Na realidade, ele nos dá um vislumbre do que Judá será. Ou, mais especificamente, o que será de seus descendentes.

Mas, primeiro, Jacó oferece bênçãos ou, melhor, condolências aos três irmãos mais velhos de Judá. Gênesis 49 começa com uma cena conhecida: Jacó chama o restante de seus filhos para um encontro semelhante ao que vimos nos capítulos 27 (bênção roubada) e 48 (Efraim e Manassés): "Depois disso, Jacó chamou seus filhos e disse: Reuni-vos para que eu vos anuncie o que vos acontecerá nos dias vindouros. Ajuntai-vos e ouvi, filhos de Jacó; ouvi vosso pai Israel" (Gênesis 49.1,2). Ele começa com seu primogênito, Rúben.

ABENÇOADOS, MAS NÃO ESCOLHIDOS

> Rúben, tu és meu primogênito, minha força e as primícias
> do meu vigor, maior em dignidade e maior em poder.
> Turbulento como as águas, não conservarás a superioridade,
> pois subiste ao leito de teu pai e o profanaste.
> Sim, ele subiu à minha cama. (Gênesis 4.3,4)

Depois da bênção de Efraim e Manassés, as palavras de Jacó para Rúben parecem duras e sem amor. Entretanto, elas são verdadeiras. Rúben foi culpado de uma forma de incesto e, como resultado direto, perdeu seu lugar na família (Gênesis 35.22). Jacó refere-se à ordem de nascença de

Rúben e o que deveria ser verdadeiro para ele como o primogênito e, então, lembra o seu pecado e a consequente desqualificação.

> Simeão e Levi são irmãos;
> suas espadas são instrumentos de violência.
> No seu conselho não entres, ó minha alma!
> Com a sua assembleia não te ajuntes, ó minha glória!
> Porque na sua fúria mataram homens, e no seu desejo aleijaram bois.
> Maldita seja a sua fúria, porque era forte!
> Maldita a sua ira, porque era cruel!
> Eu os dividirei em Jacó e os espalharei em Israel. (Gênesis 49.5-7)

Os próximos dois irmãos, Simeão e Levi, são os dois que executaram vingança contra Siquém (Gênesis 34). Por isso que Jacó menciona que "suas espadas são instrumentos de violência." As palavras acabam sendo ainda mais duras que as ditas a Rúben: "Maldita seja a sua fúria, porque era forte! Maldita a sua ira, porque era cruel! Eu os dividirei em Jacó e os espalharei em Israel." Isso é irônico porque os descendentes de Levi, por fim, ocuparão o sacerdócio na nação de Israel.

JUDA: A SEMENTE PROMETIDA

O motivo das três primeiras "bênçãos" não é tanto traçar o futuro dos respectivos filhos, mas contrastá-los com o quarto filho, Judá. Judá já havia se distinguido como cabeça da família *de facto.* Agora, Jacó deixa seu papel com caráter mais oficial:

> Judá, teus irmãos te louvarão; tua mão será sobre o pescoço de teus inimigos; os filhos de teu pai se prostrarão diante de ti. Judá é um leãozinho. Subiste vindo da presa, meu filho. Ele se encurva e se deita como um leão e como uma leoa. Quem o

> despertará? O cetro não se afastará de Judá, nem o bastão de autoridade, de entre seus pés, até que venha aquele a quem pertence; e os povos obedecerão a ele. Atando o seu jumentinho à vide, e o filho da sua jumenta à videira seleta, ele lava as suas roupas em vinho e as suas vestes em sangue de uvas. Os olhos serão escurecidos pelo vinho, e os dentes serão brancos de leite. (Gênesis 49.8-12)

O contraste entre a bênção de Judá e a de seus irmãos mais velhos é marcante. Keil e Delitzsch observam que "Judá, o quarto filho, foi o primeiro a receber uma bênção rica e pura, a bênção da supremacia e do poder inalienáveis."[14] Encontramos quatro temas centrais na bênção que exigem um exame mais detido.

A preeminência de Judá

Achamos a preeminência de Judá impressionante não apenas quando consideramos o passado de Judá, mas também quando contrastamos sua bênção com a de todos os seus irmãos.

As palavras de Judá sobre os filhos remanescentes, com a exceção de José, são notáveis, não apenas pela brevidade, mas também pelas alusões crípticas a acontecimentos épicos que, na época, ainda estavam no futuro de cada tribo em particular. Fiéis à qualidade poética do texto, as imagens do destino dos filhos remanescentes têm como base, em muitos casos, um jogo de palavras com o nome de cada um deles. O tema central unindo cada imagem é o da prosperidade.[15]

A bênção de Judá é, acima de tudo, evidência da obra divina na vida de Jacó (Gênesis 37.3,4; 42.35-38). Lembre-se: Jacó tinha um favorito entre os filhos. Mais importante: sua escolha se baseada nos sentimentos pelas esposas, Raquel e Lia. Judá é filho de Lia, não de Raquel. Assim, ele não era um dos filhos favoritos. Entretanto, Jacó, apesar dos

olhos fracos, agora enxerga melhor que nunca.

A preeminência de Judá não resultado do desempenho pessoal. Judá foi responsável por José ser vendido como escravo. Gênesis também tem um capítulo inteiro dedicado ao relacionamento inapropriado com sua nora, que ele pensava, no momento, ser uma prostituta (Gênesis 38). Sem dúvida, a preeminência de Judá resultado de modo direto da graça de Deus em sua vida (Gênesis 43.9,10; 44.16-34). Deus o chamou para sua nova posição.

O louvor de Judá

Além da preeminência de Judá, as palavras de Jacó são repletas de louvor. Jacó oferece um jogo de palavras com o nome de Judá — que significa "louvar" — como ele fez com os demais filhos. Entretanto, neste caso, o significado é bem mais profundo. Isso não é apenas jogo de palavras. Essa é a maior verdade teológica da história da redenção. E a promessa do Messias!

Jacó então afirma que a natureza da posição de Judá é digna de louvor: "Os filhos de teu pai se prostrarão diante de ti" (Gênesis 49.8). Ele é o filho da promessa. Ele é o primeiro entre seus irmãos. Ele é aquele diante de quem eles devem se prostrar. Judá está, na prática, tomando o lugar do pai.

Além disso, o futuro da sua linhagem é digno de louvor. A linhagem de Judá produzirá um grande rei chamado Davi. Ele e sua linhagem governarão a nação de Israel e, como tal, receberão louvor das outras tribos. Entretanto, o grande rei Davi terá um Filho maior que será o Rei dos reis. Diferente de Davi, contudo, esse Rei será Deus encarnado e, portanto, verdadeiramente digno de louvor.

O poder de Judá

Judá não só é preeminente e digno de louvor, ele também é poderoso. A imagem do leão ilustra o poder de Judá e seus descendentes. A imagem do leão após matar e comer, a imagem do repouso que é apenas temporário e a imagem da beleza intimidadora e admirável servem todas para completar a figura de poder (Gênesis 49.9).

O leão é a imagem mais sólida de Judá no decorrer da história da redenção. Essa imagem persiste até o tempo dos juízes, mais tarde, no reino do Rei Davi e, por fim, é cumprida no reinado vitorioso do Leão da tribo de Judá, Jesus Cristo:

> Então um dos anciãos me disse: Não chores, pois o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, venceu para abrir o livro e romper os sete selos [...] E cantavam um cântico novo, dizendo: Tu és digno de tomar o livro e de abrir seus selos, porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação; e os constituíste reino e sacerdotes para nosso Deus; e assim reinarão sobre a terra. (Apocalipse 5.5,9,10)

A imagem persistente do Leão de Judá junto com a imagem do Cordeiro de Deus serve como as imagens de Cristo por excelência. Aqui, contudo, não há sugestão de cordeiro; há apenas o poder do leão.

Além da imagem do leão, a figura do cetro ajuda a completar a ideia do poder de Judá (v. 10). O poder do leão é visto em sua estatura e força, enquanto a imagem do cetro traz consigo a ideia de um poderoso ofício. Mais uma vez, a ideia dos descendentes reais e de seu filho maior, Jesus, estão em foco. Calvino observa: "Embora essa passagem seja obscura, não seria muito difícil obter seu sentido genuíno [...] E certo que o Messias, que deveria vir da tribo de Judá, é prometido aqui."[16]

A Prosperidade de Judá

Vinho, videiras tão cheias que se pode amarrar os jumentos a elas, olhos escurecidos, dentes brancos — todas essas imagens apontam para prosperidade e riqueza (Gênesis 49.11,12). A bênção da prosperidade não é exclusiva de Jacó. Na verdade, o tema da prosperidade é o mais comum no restante das palavras de Jacó ditas aos filhos. Todavia, a bênção da prosperidade para Judá completa a bênção mais a longo prazo e abrangente dada por Jacó. Isso também consolida o lugar de Judá na linhagem do Messias. Se houvesse qualquer dúvida quanto a quem a promessa repousa, essa dúvida é removida aqui em Gênesis 49.

As demais bênçãos são importantes em si mesmas. Entretanto, é suficiente para nosso propósito terminar a discussão com a bênção de Judá. Basta dizer que a bênção de Judá é a única que tem um tamanho significativo e que vai além do jogo de palavras superficial com seu nome. O que nos leva ao resumo das bênçãos e do capítulo.

JACO VOLTA PARA CASA

> Essas são as doze tribos de Israel, e foi isso que seu pai lhes falou quando os abençoou; a cada um deles abençoou segundo sua bênção. Depois lhes ordenou: Estou para ser reunido ao meu povo; sepultai-me com meus pais na caverna que está no campo de Efrom, o heteu, na caverna que está no campo de Macpela, em frente a Manre, na terra de Canaã, caverna que Abraão comprou de Efrom, o heteu, juntamente com o respectivo campo, como propriedade de sepultura. Ali sepultaram Abraão e sua mulher Sara, e também Isaque e sua mulher Rebeca; e ali eu sepultei Leia. O campo e a caverna que está nele foram comprados dos heteus. Quando Jacó acabou de dar essas instruções a seus filhos, encolheu os pés na cama, expirou e foi reunido ao seu povo. (Gênesis 49.28-33)

Quando Jacó termina as bênçãos, ele também chega ao fim de seus dias. Com isso, ele reitera o desejo de ser enterrado com os patriarcas. Aqui, ele apresenta uma descrição mais detalhada do lugar, quem está enterrado ali e como passou a ser propriedade dele. A ideia aqui é clara: Jacó não quer permanecer no Egito. Isso, em essência, termina o testamento de Jacó. Ele abençoou os filhos. Passou as instruções finais. Deu o último suspiro. O patriarca está morto:

> Então José lançou-se ao rosto de seu pai, chorou sobre ele e o beijou. E José ordenou a seus servos, os médicos, que embalsamassem seu pai; e os médicos embalsamaram Israel. Eles levaram quarenta dias, pois assim se cumprem os dias de embalsamamento; e os egípcios choraram por ele setenta dias. (Gênesis 50.1-3)

A partida de Jacó está repleta de revelações importantes. Uma delas é a afeição dos egípcios ao patriarca. Com muita certeza, isso tem relação com José. Afinal, José foi quem os guiou durante a fome, ao resgatar o Egito e a terra Canaã. Sua fama deve ter sido lendária. Como resultado, seu pai sem dúvida seria respeitado e honrado.

Entretanto, a imagem aqui não é de respeito a José, mas de lamento por Jacó. Os egípcios tiveram grande cuidado com seus restos mortais (o período de embalsamento durou 40 dias) e iniciaram um longo período de luto. Com certeza, os egípcios passaram a ter grande consideração por Jacó, como por seu filho. O período de luto é seguido por uma ocorrência que, como muitos acontecimentos dos últimos capítulos, tem importância quando vista pela perspectiva do passado e do futuro:

> Passados os dias de seu pranto, José disse à casa do faraó: Se agora acho misericórdia diante de vós, rogo-vos que faleis isto

> ao faraó: Meu pai me fez jurar, dizendo: Estou para morrer; e tu me sepultarás em meu sepulcro, que cavei para mim na terra de Canaã. Agora, peço-te que me deixes subir e sepultar meu pai; depois voltarei. (Gênesis 50.4,5)

Quando observamos esse acontecimento da perspectiva do passado, ele é agridoce. José esteve no Egito por quatro décadas. Entrou como escravo na casa de Potifar, então passou vários anos na prisão antes de ascender ao palácio. Todavia, em todo esse tempo, ele foi escravo ou prisioneiro — não podia ir para casa. Na época em que ele teria obtido poder suficiente para sair, a fome era tão grande que sua família preciso ir ao encontro dele. Agora, com 50 ou 60 anos, o homem que saiu de casa aos 17 pede para voltar.

Ao observar esse acontecimento sob a perspectiva do futuro, ele está repleto de ironia. Aqui, José pede ao faraó permissão para ir para casa, o que evoca imagens de Moisés e seus pedidos. E, caso você pense que isso é exagero, lembre-se de que Moisés é o autor de Gênesis. Ele escreve isso da perspectiva de alguém que passou pelo Êxodo!

> O faraó respondeu: Sobe e faz o sepultamento de teu pai, como ele te fez jurar. E José subiu para sepultar o pai; e subiram com ele todos os subordinados do faraó, as autoridades da sua casa e todas as autoridades da terra do Egito, bem como toda a família de José, seus irmãos e a família de seu pai; somente suas crianças, suas ovelhas e seus bois foram deixados na terra de Gósen. E subiram com ele tanto carros como gente a cavalo, de modo que a comitiva era enorme. Quando chegaram à eira de Atade, além do Jordão, fizeram ali um grande e alto pranto; e, assim, por sete dias, José fez um grande pranto por seu pai. (Gênesis 50.6-10)

De modo bem diferente da experiência de Moisés, José recebe um sim imediato, escolta, servos e recursos para a

jornada. Mais uma vez, a ironia é óbvia. Este é o anti-êxodo. O que deve ter se passado pela mente de José enquanto se aventurava além das fronteiras do Egito? Como isso se comparava aos sonhos que ele deve ter tido na prisão ou na casa de Potifar? Como ele enxergava a terra depois de todos esses anos? A narrativa não oferece respostas para essas questões. Lembrem-se: não é um relato sobre José, mas sobre Jacó e quem o sucederá. Portanto, o foco e a perspectiva mudaram. O que importa agora é levar o patriarca de volta a sua terra.

> Quando os cananeus, moradores da terra, viram o pranto na eira de Atade, disseram: Este pranto dos egípcios é grande. Por isso o lugar foi chamado Abel-Mizraim, e está além do Jordão. Assim os filhos de Jacó fizeram-lhe como ele lhes havia ordenado; levaram-no para a terra de Canaã e o sepultaram na caverna do campo de Macpela, que Abraão tinha comprado de Efrom, o heteu, juntamente com o campo, como propriedade de sepultura, em frente a Manre. Depois de sepultar seu pai, José, seus irmãos e todos os que com ele haviam subido para o sepultamento voltaram para o Egito. (Gênesis 50.11-14)

Em outra reviravolta irônica, José faz a jornada de volta como o filho obediente que cumpre os desejos do pai. E exatamente isso que ele fazia no dia em que foi vendido como escravo. Só que agora: 1) Ele mudou de direção. Não mais se afasta do lar ancestral; em vez disso, ruma para lá; 2) Ele está acompanhado. Na jornada anterior, ele estava sozinho. Agora, ele viaja com os irmãos e um grupo de egípcios; 3) Ele lidera uma caravana em lugar de ser arrastado por uma; 4) Seus irmãos se unem a ele para cumprir os desejos do pai, em vez de planejar matá-lo apesar do amor do pai a ele; e 5) Ele sabe agora que verá o antigo lar pela última vez, enquanto antes ele não fazia ideia

se jamais o veria novamente.

Ainda assim, este não é o final da história. Nem é o fim do conflito. Há outra página a ser virada, sem a qual a história não pode acabar de forma adequada.

PERDÃO... FINALMENTE

> Quando os irmãos de José viram que seu pai estava morto, disseram: E se José nos odiar e nos retribuir todo o mal que lhe fizemos? Então mandaram dizer a José: Teu pai, antes de morrer, nos ordenou: Assim direis a José: Perdoa a transgressão de teus irmãos, e o pecado deles, porque te fizeram mal. Agora, rogamos-te que perdoes a transgressão dos servos do Deus de teu pai. E José chorou enquanto lhe falavam. Depois disso, seus irmãos também foram, prostraram-se diante dele e disseram: Seremos teus escravos. José lhes respondeu: Não temais. Por acaso estou no lugar de Deus? Certamente planejastes o mal contra mim. Porém Deus o transformou em bem, para fazer o que se vê neste dia, ou seja, conservar muita gente com vida. Agora, não temais; sustentarei a vós e a vossos filhinhos. Assim ele os consolou e lhes falou ao coração. (Gênesis 50.15- 21)

Embora José e seus irmãos tivessem se reunido, até agora eles não experimentaram a reconciliação de verdade. Agora que o pai estava morto, os irmãos de José passaram a sentir medo e ansiedade de novo. Em uma expressão clássica de culpa, eles raciocinam: "E se José nos odiar e nos retribuir todo o mal que lhe fizemos?" Eles expõem o fato de que ainda não se reconciliaram com o irmão.

Entretanto, os temores deles são infundados. Novamente, a teologia de José brilha quando ele responde os irmãos. Primeiro, José vê a vingança como prerrogativa de Deus, não dele: "Não temais. Por acaso estou no lugar de Deus?" José

não acreditava que era papel dele punir seus irmãos pelo que eles lhe fizeram.

Segundo, José novamente se apega à soberania e providência de Deus: "Certamente planejastes o mal contra mim. Porém Deus o transformou em bem, para fazer o que se vê neste dia, ou seja, conservar muita gente com vida." Ele não podia pensar na jornada sem reconhecer que Deus pretendia que ela fosse exatamente assim. José não estava amargurado nem irado. Tampouco ele foi passivo-agressivo. Ao contrário: "Ele os consolou e lhes falou ao coração."

José se reconciliou com seus irmãos. Ele os perdoou. Abdicou do direito de castigá-los pelo que fizeram. José cancelou a dívida. Ele era o retrato perfeito das palavras de Paulo em Efésios 4: "Toda amargura, cólera, ira, gritaria e blasfêmia sejam eliminadas do meio de vós, bem como toda maldade. Pelo contrário, sede bondosos e tende compaixão uns para com os outros, perdoando uns aos outros, assim como
Deus vos perdoou em Cristo" (Efésios 4.31,32).

O FINDA HISTÓRIA DE JOSÉ

> E José permaneceu habitando no Egito, ele e a família de seu pai; e viveu cento e dez anos. E José viu os filhos de Efraim, até a terceira geração; também os filhos de Maquir, filho de Manassés, nasceram sobre os joelhos de José. Depois dessas coisas, José disse a seus irmãos: Estou para morrer, mas Deus certamente vos visitará e vos fará subir desta terra para a terra que jurou a Abraão, a Isaque e a Jacó. E José fez os israelitas jurarem, dizendo: Certamente Deus vos visitará e fareis transportar daqui os meus ossos. Então morreu José, com cento e dez anos de idade; e, depois de o embalsamar, colocaram-no num caixão no Egito. (Gênesis 50.22-26)

José não é a Semente Prometida. Nem é o foco central do

plano redentor de Deus nas páginas que examinamos. Entretanto, ele foi, pela graça divina, um filho de Deus que retratou o que é fidelidade. Assim, Deus estava com ele e foi gracioso com ele. Em nenhum lugar isso é mais evidente que no parágrafo final do livro de Gênesis.

Judá foi identificado com o o filho da promessa. Ele era a razão para José ter ido ao Egito. Ele é quem liderará a família, continuará a linhagem que culminará no Messias. Entretanto, no último parágrafo, José aparece na posição de patriarca. Quase como em um reflexo do fim da vida de Jacó, José: 1) Vive mais de um século; 2) E abençoado para ver os filhos dos filhos dos seus filhos; 3) Reafirma a promessa pactuai a seus descendentes; 4) Faz seus parentes jurarem levar seus ossos para a Terra da Promessa; e 5) Passa pelo embalsamento egípcio.

Depois de tudo que José fez, é apropriado que sua narrativa e a narrativa mais amplas terminem dessa forma. José pode não ter sido a Semente Prometida, mas ele era um herdeiro da promessa, uma figura do Filho obediente que enfrentou dificuldades imerecidas nas mãos de parentes ímpios, que eram exatamente quem Deus o enviou para salvar. Mais uma vez, essa história é bem conhecida.

CONCLUSÕES DE GÊNESIS 49-50

Poderíamos tirar uma série de aplicações dos capítulos recentes e reafirmá-las aqui. A narrativa não trouxe tantos elementos novos; ela concluiu os antigos. Entretanto, há duas coisas nos capítulos 49 e 50 que merecem menção não só pela predominância aqui, mas também pela relevância na narrativa mais ampla e no desenvolvimento da história da redenção. As duas conclusões são perdão e esperança.

Perdão

O aspecto mais bonito de toda a narrativa é a capacidade de José de perdoar. O que aconteceu com ele era impensável. Nossa reação natural é pensar que ele estaria justificado se usasse seu poder e status para retaliar contra seus irmãos. Entretanto, ele não o fez. Esperou na soberania de Deus e confiou em sua providência. Resultou daí o perdão. José cancelou a dívida. Afinal, o perdão significa isso.

Perdoar não significa esquecer (i.e., a capacidade de não se lembrar mais) a ofensa. Apesar da lembrança, a dívida é apagada. José não podia deixar de lembrar o que seus irmãos fizeram. Refazer seus passos na jornada para casa deve ter tornado a lembrança ainda mais vivida. Na verdade, a viagem aumenta o senso de culpa dos irmãos e os leva a implorar misericórdia. Contudo, a dívida deles se foi; ela foi apagada muito tempo atrás. Você não necessariamente se esquecerá das coisas ruins que os homens fazem. Entretanto, isso não significa que você não consiga perdoar ou que não tenha perdoado. Você ainda pode cancelar a dívida e recusar-se a punir.

Se nos recusarmos a perdoar, entraremos em águas perigosas. Primeiro, recusar-se a perdoar equivale a se colocar no lugar de Deus, como se a vingança fosse prerrogativa nossa, não dele. Segundo a falta de perdão diz que a ira de Deus é insuficiente. Para o incrédulo, dizemos que a eternidade no inferno não é bastante; eles precisam do nosso tapa na cara ou desprezo para "compensar" de forma justa. Para o crente, afirmamos que a humilhação e morte de Cristo não são suficientes. Em outras palavras, erguemos o punho contra Deus e dizemos: "Tu podes ter ficado satisfeito, mas meu padrão é mais alto!" Por fim, recusar-se a perdoar é a forma mais elevada de arrogância. Aqui estamos, perdoados. E, enquanto gozamos do perdão do Deus perfeitamente santo e justo, viramos para o irmão e

dizemos: “Meus pecados são perdoáveis, os seus, não.” Em outras palavras, agimos como se os pecados dos outros fossem muito significativos para serem perdoados enquanto cremos que os nossos não são significativos o bastante para importarem.

O perdão também liberta a pessoa do peso insuportável de se prender a uma ofensa. Já foi dito que perseverar na falta de perdão é como beber veneno esperando que o outro morra. Quando nos recusamos a perdoar os outros, damos a eles certo grau de controle sobre nós. Alguns de nós são controlados por uma pessoa que não está mais viva — como resultado direto da indisposição de perdoar. Mantemos a dívida bem perto de nós como se fôssemos donos de um bem precioso, sem perceber que, na realidade, a dívida é que está sendo a nossa dona. Deixe pra lá, amigo. Se você não conseguiu tirar mais nada com a história de José, tire isto: *perdoe!*

Esperança

Os capítulos 49 e 50 terminam com uma morte. No capítulo 49, o patriarca morre e, no capítulo 50, damos adeus a José. Nenhum deles viveu para voltar a Canaã. Como o autor de Hebreus ressalta, “Todos esses morreram mantendo a fé, sem ter recebido as promessas; mas tendo-as visto e acolhendo-as de longe, declararam ser estrangeiros e peregrinos na terra” (Hebreus 11.13). A mensagem para nós é clara. Nós também somos “estrangeiros e peregrinos na terra.”

Nós também morreremos. Só então herdaremos a recompensa completa. Enquanto isso, desfrutamos da amizade de Deus, da comunhão com os irmãos cristãos e da dor e sofrimento de viver no mundo. Entretanto, como o Salvador disse: “Não vos desanimeis! Eu venci o mundo”

(João 16.33).

OLHANDO ADIANTE

Não há mais capítulos a tratar em Gênesis. Assim, olhamos adiante. No sentido imediato, olhamos para o Êxodo. O final da narrativa de José está repleto de referências veladas a ele. O relacionamento entre José e o faraó, o desastre natural que levou Israel a Gósen, a multiplicação rápida da nova nação em meio à cultura egípcia em declínio e o crescente culto ao faraó apontam para o que está por vir no livro de Êxodo. Mas os capítulos finais de Gênesis nos chamam a ir mais além.

A bênção de Jacó a Judá aponta-nos na direção da monarquia e, em particular, do rei Davi. Os ecos do pastorzinho ruivo que seria rei de Israel são tão vividos aqui que não podem ser ignorados. De fato, a própria divisão do reino entre as dez tribos do norte (Israel) e as duas tribos do sul (Judá) remete a esses capítulos também.

Contudo, o eco maior a ressoar no final de Gênesis é o eco de Jesus, o Messias, a Semente Prometida. Temos um vislumbre do Salvador
que há de vir. Ele é o Leão de Judá! Na conclusão de Gênesis, quase podemos ouvi-lo rugir. Já não somos tentados a limitar a narrativa de José à história do jovem que prosperou longe de casa. Nossa atenção foi atraída para muito além. José é um ator em uma peça muito mais significativa. Deus redime Judá para que o filho de Judá, Davi, possa ser rei, e seu Filho maior, Jesus, possa ser o Rei dos reis e o Redentor dos eleitos de Deus.

Judá oferece a si mesmo como substituto de Benjamim, o filho amado pelo pai. Mais tarde, Davi se apresenta no vale como substituto de Israel enquanto enfrenta Golias, o representante dos filisteus, o grande inimigo e opressor do

povo de Deus. Por fim, Jesus oferece a si mesmo como substituto do povo amado por seu Pai. Ele vai ao vale, luta e derrota o inimigo e redime o povo para seu Pai. O resultado é a preeminência, poder, prosperidade e louvor de Judá cumulados no Leão que é o Cordeiro:

E cantavam um cântico novo, dizendo: Tu és digno de tomar o livro e de abrir seus selos, porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação; e os constituíste reino e sacerdotes para nosso Deus; e assim reinarão sobre a terra. (Apocalipse 5.9,10)

Olhe adiante e veja o restante da história da redenção divina. Leia a Bíblia inteira à luz das verdades aprendidas na história de José. Em cada página, procure ecos do Prometido. Ele estará lá. Ele sempre está.